UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE BIOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA VEGETAL

RENATO SOARES VANDERLEI

MECANISMOS ECOFISIOLÓGICOS CONTROLADORES E PERFORMANCE DA REBROTA NA CAATINGA

Recife
2023

RENATO SOARES VANDERLEI

MECANISMOS ECOFISIOLÓGICOS CONTROLADORES E PERFORMANCE DA REBROTA NA CAATINGA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Biologia Vegetal. Área de concentração: Ecologia e conservação.

Orientador: Mauro Guida dos Santos

Coorientador: Marcelo Tabarelli

Recife

2023

Catalogação na Fonte
Bibliotecário: Marcos Antonio Soares da Silva
CRB4/1381

Vanderlei, Renato Soares
Mecanismo ecofisiológicos controladores e performance da rebrota da caatinga. / Renato Soares Vanderlei. – 2023.

133 f. : il., fig.; tab.

Orientador: Mauro Guida dos Santos.
Coorientador: Marcelo Tabarelli.

Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal da Universidade Federal de Pernambuco, 2023.

Inclui referências.

1. Perturbações antrópicas. 2. Mecanismos de regeneração. 3. Clonalidade. 4.Carboidratos não-estruturais. 5. Florestas tropicais secas.I. Santos, Mauro Guida dos (Orient.). II. Tabarelli, Marcelo (Coorient.). III. Título.

580 CDD (22.ed.) UFPE/CB – 2024-081

RENATO SOARES VANDERLEI

MECANISMOS ECOFISIOLÓGICOS CONTROLADORES E PERFORMANCE DA REBROTA NA CAATINGA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Biologia Vegetal.

Área de Concentração: Ecologia e Conservação

Aprovada em 24/08/2023.

BANCA EXAMINADORA

____
Prof. Dr. Mauro Guida dos Santos (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

____
Profa. Dra. Alessandra Tomaselli Fidelis (Examinadora Externa)
Universidade Estadual Paulista

____
Dra. Maria Fabíola Gomes da Silva de Barros (Examinadora Externa)
Instituto Tecnológico Vale

____

Prof. Dr. Rodrigo Felipe Rodrigues do Carmo (Examinador Externo)
Universidade Federal Rural De Pernambuco

____
Prof. Dr. André Luiz Alves de Lima (Examinador Externo)
Universidade Federal Rural De Pernambuco

DEDICATÓRIA

À minha família, por tudo, sempre. Aos meus amores, meus amigos e amigas, independentemente da posição geográfica nesse planeta, por serem quem são. Aos meus companheiros de vida acadêmica, pelo compartilhamento de vida. Aos meus orientadores e professores, todos, por cada palavra, gesto, apoio. A mim, suspiro, agradeço, dedico.

AGRADECIMENTOS

Para mim, é impossível iniciar essa sessão de agradecimento sem antes uma reflexão/desabafo/conversa sobre sentimento atual, após 13 anos de vida acadêmica acerca dessa mesma "vida" acadêmica, numa perspectiva "de baixo para cima" de um pós-graduando, de forma extremamente honesta, com todas as inquietações que acompanham.

A gente tende a ter vários objetivos a serem conquistados na vida. Ter um título de doutor nunca foi um objetivo sonhado, perseguido com unhas e dentes. Apesar de estar envolvido em pesquisas desde o ano seguinte do início da graduação em 2010, não lembro em que ponto me explicaram (ou me dei conta) do que era esperado de um "ser cientista" nos moldes "acadêmicos *strictu sensu*", principalmente por ter começado na licenciatura. Leia-se, grosso modo: publicador de artigos, que dependem de financiamento de projetos, que por sua vez dependem de um bom currículo, recursos humanos a serem formados, parcerias, e que resultarão em mais artigos.

Partindo do pressuposto que artigos, por bem ou por o mal, aparentam ser a unidade básica de moeda de troca, o caminho e o conjunto de habilidades para conseguir essa moeda de forma "mais fácil" envolvem, além de todo um desenvolvimento teórico numa área de concentração: um bom conhecimento em língua portuguesa e inglesa, capacidade de sintetizar informações utilizando um método hipotético-dedutivo, habilidades computacionais (organização de dados e, para facilitar a vida, de programação/estatística), habilidades com programas de edição visual (seja para apresentações, figuras, vídeos, ou divulgação em redes sociais), habilidades de relações interpessoais (ninguém faz ciência sozinho) e, preferencialmente, um suporte emocional e de saúde mental considerável. É quase que um funcionário multifacetado, com pouco investimento externo para o desenvolvimento de cada uma dessas habilidades. Tudo isso, em 2023, precisando se manter geralmente longe de casa, tendo que adquirir essas habilidades de forma simultânea ou durante o percurso (caso não tenha a vantagem de ter aprendido parte delas no passado), fora de uma perspectiva de trabalho formal e imerso em bastante instabilidade, num loop de "Profissão? Estudante".

Num mundo ideal de mínima valorização profissional, primeiro um cientista seria tratado como profissão, e teríamos grupos compostos por profissionais que dessem suporte à todas estas etapas da publicação de um artigo: estatísticos, programadores, designers, *social media*. Deveria caber ao ser cientista/pós-graduando se preocupar em preencher lacuna teórica do seu estudo, aos avanços científicos, solução de problemas e em responder "a sua pergunta". Mas, o que geralmente se vê são essas etapas sendo supridas pelos próprios alunos que, de alguma forma, conseguiram adquirir tais habilidades (de graça ou não) e que as incluíram ao “kit pós-graduando”, ao custo de menor investimento de tempo nos próprios trabalhos, maior pressão e num ambiente majoritariamente com pouco suporte financeiro.

Muito comumente, teses acabam num canto, eventualmente sendo consultadas em repositórios, já que podem ser vistas como “produto final para o término de uma etapa”, mas um “produto intermediário” caso os artigos não tenham sido publicados. Quando publicadas, contribuem para uma área de conhecimento, para trabalhos futuros, para *scores* dos programas de pós-graduação. E, a depender da área, objeto de estudo, aplicabilidade, sorte e bastante esforço posterior para superar diversos obstáculos burocráticos (que dependem mais da boa vontade de outrem que da qualidade do seu trabalho), virar uma política pública que pode ajudar diretamente pessoas. Tudo isso, sendo “estudante/bolsista”, uma vez que a “carreira” *per se* só é, de fato, uma carreira profissional reconhecida após uma posição numa instituição pública ou privada. O nível de dedicação e vontade necessários para enxergar todo esse sistema, manter essa engrenagem funcionando E se manter nela para alcançar esta carreira está longe de ser trivial. É louvável. Mas, chegar no final de um doutorado, próximo aos 30 anos (se tudo der certo), ainda sendo “estudante”, com basicamente uma década de dedicação e treinamento é, na minha concepção, extremamente desleal. Gostar de fazer ciência, de pensar ciência, é incrível... o que ✱✱✱✱ é o processo. E isso se reflete no evidente abandono da área por inúmeros pós-graduandos (incluindo diversos colegas) que optam por mudar de área, seja por eventual descoberta de falta de afinidade, seja por necessidade financeira (já que amar o que faz, por si só, não enche barriga), seja por falta de perspectiva do próximo passo, seja por experiências negativas com orientadores. Todas elas, contudo, envolvem tempo, dinheiro, mais investimento, muita reflexão, terapia e instabilidade, mas bastante coragem.

Por muita, muita sorte, eu tive um conjunto de fatores (muitos que nem dependeram de mim) que fizeram isso tudo ser extremamente mais leve. Tive uma base familiar que me permitiu me preocupar somente com meus estudos, passando por apertos financeiros para custear vários cursos extracurriculares que me auxiliaram a marcar várias das habilidades citadas anteriormente ✓. De ser bolsista numa escola que me permitiu adquirir conhecimentos para passar num vestibular de universidade pública. De ter feito cursos que me permitiram me destacar numa seleção de estágio voluntário e ser aceito como potencial membro de um laboratório e, posteriormente, numa seleção para uma graduação sanduíche. De ter um ganho pessoal e profissional imensurável, sem gastar “um real do bolso” para me manter fora do país. De retornar ao país e somar essas experiências ao currículo e começar a trabalhar. De, pouco tempo depois, ser aceito num curso de mestrado numa instituição e Estado diferente (mesmo levando 2 seleções para entrar nela). De ter sido visto como potencial orientando por um chefe de laboratório (na época, desconhecido por mim) e ser aceito no laboratório com um grupo de pesquisa diverso e com recursos para desenvolver as pesquisas necessárias. De, durante diversos anos, ter auxílio financeiro da família para conseguir me manter numa cidade diferente. E, acima de tudo, de todos os fatores operacionais e técnicos, de poder ter olhado para os lados e saber que nunca estive sozinho.

Cada insegurança, desespero, choro, reclamação, raiva, alegria, conquista, perrengue em campo, banho de chuva, mudança, sempre foi acompanhada por pessoas incríveis, de diversas partes do país e do mundo, que contribuíram de alguma forma para eu ser o ser que sou e chegar aonde cheguei. É impossível agradecer nominalmente a cada pessoa, mas cada uma delas colocaram um tijolinho para construir o Renato irmão, filho, amigo, melhor amigo, colega de laboratório, de palestras, de cursos de campo, de academia, de bar, de conversas profundas, de farras até o amanhecer, que tem bastante consciência de quem é, do que é, de onde estou, e que escreve esse agradecimento. E que não se arrepende. A cada um, apesar de tudo, obrigado por me ajudar a ser, muito em breve, o Renato Doutor.

Outro diz
Que se eu estudar engenharia
Mesmo sem ter vocação,
Eu enriqueça.
E eu pergunto
Se esse peste gostaria
Que o prédio que eu fizesse
Lhe caísse na cabeça.

Pra ter um anel no dedo
E um DR no nome
Ser um grande homem
Feliz e famoso
Mudar de repente
Meu comportamento
Tão escandaloso.
(NETO, ACCIOLY, música “Xote universitário”).

RESUMO

Perturbações antrópicas afetam mecanismos de regeneração em florestas tropicais secas. A persistência de plantas via rebrotas e propagação clonal via rametas parecem ser cruciais para a recuperação acelerada da biomassa perdida, mas dependem do armazenamento e eficiência do uso de carboidratos não-estruturais (CNE). Contudo, informações acerca de quais espécies conseguem persistir na Caatinga e de como perturbações antrópicas afetam tanto a persistência quanto os CNE são escassas. Diante disso, avaliamos: 1) como diferentes intensidades de perturbações antrópicas afetam a persistência de espécies lenhosas dominantes via diferentes mecanismos de regeneração e 2) como a perturbação antrópica por corte-e-queima altera suas características bioquímicas e funcionais. O trabalho foi realizado no PARNA Catimbau utilizando 6 espécies lenhosas dominantes. Em campo, foram simuladas perturbações que ocorrem de forma tradicional por populações rurais, sendo elas, o corte de galhos e corte-e-queima (CQ) da vegetação no final da estação seca. Medidas biométricas (i.e., altura, diâmetro no nível do solo, nº de perfílios e biomassa fresca) foram feitas antes e 6 meses depois das perturbações, ao final da estação chuvosa. As frequências dos mecanismos de persistência (i.e., rebrotas e rametas) foram analisadas, além da coleta de amostras de folhas, caules e raízes para análises funcionais e de carboidratos não-estruturais também ao fim da estação chuvosa. De forma geral, a persistência das espécies variou entre 0-80%. 5 das 6 espécies consegue persistir de alguma forma, tanto por rametas quanto por rebrotas. O aumento da intensidade das perturbações estimulou maior número de perfílios, de rametas. Contudo, cerca de 70% da abundância foi perdida após o CQ e apenas 4% da biomassa perdida foi recuperada após 6 meses. As análises de CNE e de características foliares entre árvores controle e indivíduos que persistiram após o CQ indicam que CNE estão mais concentrados em folhas que nos outros órgãos, e que estes indivíduos conseguem alcançar níveis de CNE similares às árvores não perturbadas nestes 6 meses de estação chuvosa. Árvores do grupo controle parece possuir características foliares mais conservativas, enquanto indivíduos que persistiram apresentam estratégia mais aquisitiva com investimento em crescimento e atividades metabólicas. Em síntese, espécies em floresta de Caatinga arenosa conseguem majoritariamente persistir frente a perturbações que removem totalmente sua biomassa acima do solo. Tais perturbações antrópicas parecem estimular clonalidade via rametas e maior emissão de perfílios dos indivíduos que persistem, ao custo de uma alta perda de abundância e eliminação de espécies sem a capacidade de persistir à maior intensidade de perturbação. Os pouco indivíduos que persistem conseguem, no processo de regeneração inicial, rapidamente investir em novo tecido, crescer, iniciar o processo de fotossíntese, e a reabastecer o NSC utilizado, principalmente em raiz, exibindo estratégias de uso de recursos mais aquisitivas antes do início da próxima estação seca.

Palavras-chave: perturbações antrópicas, mecanismos de regeneração, clonalidade, carboidratos não-estruturais, florestas tropicais secas

ABSTRACT

Anthropogenic disturbances lead to aboveground biomass loss and affect forest regeneration patterns in seasonally dry tropical forests. Plant persistence through resprouting and clonal propagation via ramets appears to be crucial mechanisms for accelerated recovery of lost biomass and the continuity of ecosystem service provision. The success of these regeneration mechanisms involves the storage and efficient utilization of non-structural carbohydrates (NSCs) stored in plants. However, information regarding the persistence capacity of Caatinga species and how anthropogenic disturbances affect species persistence and NSCs in plants is limited. Considering this, we assessed: 1) how different intensities of anthropogenic disturbances affect the persistence of dominant woody species through different regeneration mechanisms and 2) how the slash-and-burn anthropogenic disturbance alters their biochemical and functional characteristics. The study was conducted in the Catimbau National Park, using 6 dominant woody species. In the field, disturbances that occur traditionally by rural populations were simulated on 10-15 individuals per species, including branch cutting and slash-and-burn (S&B) of vegetation at the end of the dry season, as typically practiced by the population. Biometric measurements (i.e., height, ground-level diameter, number of shoots, and fresh biomass) were taken before and 6 months after disturbances, at the end of the rainy season. Frequencies of persistence mechanisms (i.e., resprouting and ramet production) were analyzed, along with the collection of leaf, stem, and root samples for functional and non-structural carbohydrate analyses. Overall, species persistence varied strongly between 0-80%. Five out of six species managed to persist to some extent through both ramets and resprouts. Increased disturbance intensity stimulated a higher number of shoots and ramets. However, around 70% of abundance was lost, and only 4% of lost biomass was recovered six months after S&B. Analyses of NSCs and leaf traits between control trees and individuals that persisted after S&B indicate that NSCs are more concentrated in leaves than in other organs, and these individuals are able to attain NSC levels similar to undisturbed trees. Control group trees seem to possess more conservative leaf traits, while persisting individuals exhibit a more acquisitive strategy with investment in growth and metabolic activities. In summary, species in sandy Caatinga forests are largely able to persist in the face of disturbances that completely remove their aboveground biomass. Such anthropogenic disturbances seem to stimulate clonality via ramets and greater shoot production in persisting individuals, at the cost of high abundance loss and elimination of species lacking the capacity to persist higher disturbance intensity. The few persisting individuals can rapidly invest in new tissue during initial regeneration, grow, initiate photosynthesis, and replenish utilized NSCs, primarily in the root, exhibiting more acquisitive resource-use strategies before the onset of the next dry season.

Keywords: anthropogenic disturbances, regeneration mechanisms, plant clonality, non-structural carbohydrates, tropical dry forests

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TESE

ARTIGO 1 – HUMAN DISTURBANCES REDUCE TREE ABUNDANCE AND STIMULATE WOODY PLANT RESPROUTING AND CLONAL GROWTH IN A TROPICAL DRY FOREST

ARTIGO 2 – CHANGES IN NON-STRUCTURAL CARBOHYDRATES DYNAMICS AND LEAF FUNCTIONAL TRAITS IN TROPICAL DRY FOREST WOODY SPECIES AFTER SLASH-AND-BURN DISTURBANCE

LISTA DE TABELAS

ARTIGO 1 – HUMAN DISTURBANCES REDUCE TREE ABUNDANCE AND STIMULATE WOODY PLANT RESPROUTING AND CLONAL GROWTH IN A TROPICAL DRY FOREST

ARTIGO 2 – CHANGES IN NON-STRUCTURAL CARBOHYDRATES DYNAMICS AND LEAF FUNCTIONAL TRAITS IN TROPICAL DRY FOREST WOODY SPECIES AFTER SLASH-AND-BURN DISTURBANCE

SUMÁRIO

2. APRESENTAÇÃO

Florestas tropicais representam ecossistemas singulares no contexto da conservação da biodiversidade e na oferta de serviços ecossistêmicos em escala global, tais como a regulação climática e o sequestro de carbono, bem como o fornecimento de recursos florestais para o sustento de populações rurais e tradicionais (BURQUEZ *et al.*, 2005; HOUGHTON; BYERS; NASSIKAS, 2015; PORTILLO-QUINTERO *et al.*, 2015). Contudo, essas mesmas florestas tropicais têm experimentado uma conversão acelerada em paisagens modificadas pelo homem majoritariamente devido a perturbações humanas causadas por diferentes tipos de uso de solo e exploração de recursos florestais (ARROYO-RODRÍGUEZ *et al.*, 2017). Além da perda extensiva de habitat, as florestas remanescentes frequentemente sofrem perturbações decorrentes da agricultura de corte e queima, exploração de produtos florestais como lenha para carvão vegetal e produção de gado (i.e., perturbações antrópicas crônicas (DONS *et al.*, 2015; SINGH, 1998)). Este conjunto de perturbações pode levar à redução da prestação de serviços ecossistêmicos e da resiliência da floresta ao reduzir significativamente sua capacidade de se regenerar.

Florestas tropicais secas não fogem a esse padrão, sendo consideradas as florestas tropicais mais ameaçadas do mundo há, pelo menos, três décadas e meia (JANZEN, 1988; MILES *et al.*, 2006). Nestas florestas, a sazonalidade é uma característica marcante, e a baixa disponibilidade hídrica levam à limitação de regeneração pelo recrutamento de plântulas, uma vez que todas as etapas do recrutamento de plântulas tendem a ser limitadas ao período chuvoso (VIEIRA; SCARIOT, 2006). Perturbações que levam à remoção da biomassa acima do solo resultam em maior exposição do solo e luminosidade, menos umidade, afetando o seu recrutamento (CHATURVEDI *et al.*, 2017; KHURANA; SINGH, 2000, 2004).

No contexto de regeneração, a capacidade de persistir à perda de biomassa tem sido reconhecida como um 'atalho' para uma regeneração mais rápida, uma vez que pula temporariamente o estágio ontogenético mais vulnerável e permite que a recuperação de biomassa recomece a partir de tocos e raízes, progredindo vigorosamente (KENNARD *et al.*, 2002; PAUSAS *et al.*, 2016). Essa persistência depende de reservas de carbono armazenadas (ou seja, carboidratos não estruturais, especialmente nas raízes (BELLINGHAM; SPARROW, 2000), responsáveis por serem fontes de energia direta para suprir a recuperação da biomassa perdida (DIETZE *et al.*, 2014). Esta capacidade de persistir pode se dar através de mecanismos de regeneração como a rebrota a partir de novos perfílios, ou de gerar clones a partir de gemas radiculares (i.e., rametas, sensu JENIK, 1994), apresentando vantagens nos períodos de limitação de água e nutrientes, diferente de plântulas oriundas de sementes, que possuem fonte de reserva limitada (PAUSAS; KEELEY, 2014). Entretanto, pouco se sabe como a dinâmica desses carboidratos ocorre em plantas de florestas secas, e como perturbações antrópicas afetam esta dinâmica.

Dentre as florestas secas no contexto de sazonalidade e múltiplas perturbações simultâneas, temos a Caatinga. Foi reportada a ocorrência do mecanismo de propagação vegetativa por raiz e uma alta proporção de espécies capazes de rebrotar após o corte em espécies dominantes da Caatinga (NOUTCHEU *et al.*, 2023; VANDERLEI *et al.*, 2021). Estes mecanismos comumente relacionados à regeneração da vegetação em ambientes sujeitos ao fogo constante (PAUSAS; KEELEY, 2014), muito embora o fogo não exerça pressão histórica e constante neste sistema. Uma vez que a capacidade de rebrotar ou de propagação vegetativa não ocorre em todas as espécies, perturbações como o corte seletivo de madeira e agricultura de corte e queima podem resultar em alterações nos padrões de regeneração da floresta, incluindo a quantidade de biomassa acima e abaixo do solo e composição futura dela. Nesse contexto, pouco se sabe sobre quais fatores controlam esses mecanismos de regeneração em questão.

Diante disso, é razoável pensar que as espécies conseguem permanecer na Caatinga sob forte ação humana e marcante sazonalidade se beneficiar por conseguirem persistir no sistema de rebrota ou gerar rametas conectados às raízes já estabelecidas. Ainda, diferentes intensidades de perturbação em períodos de baixa e alta disponibilidade hídrica podem afetar o desempenho destes mecanismos em diferentes espécies. Assim sendo, esta tese é dividida em dois capítulos. No primeiro, será avaliado como diferentes intensidades de perturbação antrópica afetam a capacidade de rebrota e propagação clonal através de mecanismos de persistência em espécies dominantes da Caatinga. No segundo capítulo serão analisadas as concentrações de carboidratos não-estruturais e características funcionais das espécies que rebrotaram frente ao corte e queima da vegetação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PERTURBAÇÕES E FLORESTAS SECAS

Perturbações são eventos de remoção de biomassa que podem alterar qualquer nível ecológico, ambiental, componente, bem como o status organizacional de um ciclo biológico de organismos (PICKETT *et al.*, 1989), sendo aspectos importantes na seleção natural e em toda a evolução biológica ao modificar o ambiente em que cada ser vivo desempenha suas funções vitais (KREBS, 2001). Mesmo as características biológicas, ecológicas e comportamentais de um organismo, como intensa herbivoria ou alta proliferação em escala local, podem ser uma perturbação para outros organismos, e os efeitos da perturbação podem atingir indiretamente outros componentes do meio ambiente, ecossistemas e processos ecológicos, sendo um fator chave na agenda da ecologia que está relacionado a processos como sucessão e regeneração de um sistema (BATISTI; POETA; FANELLI, 2016).

A origem e a escala de uma perturbação podem variar desde a queda de uma árvore, um furacão ou um período de seca prolongada. Entretanto, não só distúrbios naturais devem ser levados em consideração quando se fala sobre comunidades biológicas. Com o reconhecimento da era do antropoceno (CORLETT, 2014), cresceram as investigações sobre como as atividades humanas têm provocado mudanças em diversos níveis nos ecossistemas, tornando-se indispensável acessar as consequências das perturbações geradas por estas atividades em diferentes níveis de organização biológica, isto é, desde indivíduos à biosfera.

Quando tratamos de perturbações oriundas de ações humanas, podemos separá-las em agudas e crônicas (SINGH, 1998). As perturbações agudas são causadas pela substituição da vegetação natural por outro tipo de uso do solo, como remoção da cobertura vegetal para agricultura, pecuária ou construção de casas (i.e., grande perda de biomassa), resultando em perda e fragmentação de habitat. Já as perturbações crônicas constituem na remoção contínua de pequenas porções de biomassa, tais como extração de lenha, corte seletivo de madeira, caça, criação extensiva de animais domésticos, introdução de espécies exóticas, exploração de produtos florestais não-madeireiros (sensu SINGH, 1998), isto é, que não resultam em perda e fragmentação de habitat.

Os efeitos das ações humanas nas florestas tropicais têm recebido grande destaque nos últimos anos (ARNAN *et al.*, 2018; CHAZDON, 2003; GARDNER *et al.*, 2009). Apesar dessas florestas serem globalmente importantes para a persistência e conservação da biodiversidade, fornecimento de serviços ecossistêmicos e bem-estar humano (MAASS *et al.*, 2005a), populações humanas continuam a converter florestas maduras em paisagens com diferentes usos do solo (ARROYO-RODRÍGUEZ *et al.*, 2017). Esse tem sido particularmente o caso das Florestas Tropicais Sazonalmente Secas (FTSS, (PENNINGTON; LAVIN; OLIVEIRA-FILHO, 2009), que representam cerca de 42% da área das florestas tropicais (MURPHY; LUGO, 1986). O fato de abrigarem cerca de 1 bilhão de pessoas ao redor do mundo que dependem dos seus recursos para sobreviver (SILVA; LEAL; TABARELLI, 2017b) acabou resultando na conversão de aproximadamente 50% da sua área original (MILES *et al.*, 2006). Estudos apontam altas taxas de conversão de áreas de florestas secas, atingindo 60% em algumas áreas do México (TREJO; DIRZO, 2000), 90% no Brasil (SILVA; LEAL; TABARELLI, 2017b) e 95% no Peru (HASNAT; HOSSAIN, 2019). Além da extensa perda de habitat, as florestas remanescentes podem ser frequentemente perturbadas pela agricultura de corte e queima e exploração de produtos florestais (e.g., lenha para carvão e produção de gado) (DONS *et al.*, 2015; SINGH, 1998). Coletivamente, este conjunto de perturbações converteu várias florestas secas em mosaicos com manchas de floresta secundária com diferentes idades e campos agrícolas (PULLA *et al.*, 2015; SOBRINHO *et al.*, 2016). Essa conversão não apenas prejudica a provisão de serviços ecossistêmicos, mas também a resiliência da floresta, levando a trajetórias de intensa degradação (ARROYO-RODRÍGUEZ *et al.*, 2017; MELO *et al.*, 2013), resultando em alguns casos, em áreas em desertificação (PORTILLO-QUINTERO *et al.*, 2015; TABARELLI *et al.*, 2017a).

No Brasil, a floresta seca da Caatinga é considerada a maior e mais diversa floresta tropical sazonalmente seca da América do Sul, com uma área de 912,529 km² que abriga mais de 28 milhões de pessoa e cerca de 5 mil espécies animais e vegetais (SILVA; LEAL; TABARELLI, 2017b). Este ecossistema vem sendo modificado drasticamente por atividades humanas desde o início da colonização europeia no século XVI (COIMBRA-FILHO; CÂMARA, 1996). De forma semelhante a outras florestas secas ao redor do mundo, a população rural que reside nesta região é majoritariamente pobre e depende intrinsecamente dos recursos oferecidos pela floresta para a sua subsistência (SUNDERLAND *et al.*, 2015). Com isso, práticas como agricultura de corte e queima, pecuária e outras perturbações antrópicas crônicas, como extração de produtos florestais madeireiros e não madeireiros, têm transformado florestas maduras em paisagens modificadas pelo homem, caracterizadas por pastagens, áreas de cultivo agrícola e áreas de floresta secundária com diferentes idades de abandono pelo homem (TABARELLI *et al.*, 2017b). Atualmente, cerca de 65% do território da Caatinga já foi modificado por ações humanas e atualmente 94% da sua área possui algum grau de risco de desertificação (SILVA; LEAL; TABARELLI, 2017b).

As perturbações antrópicas não só têm levado à perda de biodiversidade em escalas locais, regionais e globais (FAHRIG, 2003; FISCHER; LINDENMAYER, 2007; SAGAR; RAGHUBANSHI; SINGH, 2003), como as perturbações antrópicas crônicas possuem um efeito sinergético com outro fator intrínseco dessas florestas: a sazonalidade (RITO *et al.*, 2017): em ambientes com menor disponibilidade hídrica, o efeito das perturbações antrópicas tende a ser mais acentuado, enquanto o oposto ocorre onde há mais água disponível. Estudos realizados na Caatinga têm observado 1) empobrecimento taxonômico, funcional e filogenético de comunidades de plantas e formigas (OLIVEIRA *et al.*, 2016; RIBEIRO *et al.*, 2015, 2019), 2) redução no processo de dispersão de sementes (LEAL; ANDERSEN; LEAL, 2014), 3) menor proteção de plantas contra herbívoros (LEAL; ANDERSEN; LEAL, 2015) e 4) assembleias de plântulas taxonomicamente e funcionalmente pobres (VANDERLEI *et al.*, 2022). Ainda, a perda de biomassa acima do solo pode resultar em áreas mais expostas e, consequentemente, maior limitação no recrutamento de plântulas lenhosas devido ao aumento de temperatura e dessecação de sementes (LIEBERMAN; LI, 1992).

2.2 MECANISMOS DE REGENERAÇÃO FRENTE A PERTURBAÇÕES

A regeneração natural de uma floresta é um processo vital para a manutenção de um ecossistema, sendo classicamente atribuído de forma primordial ao recrutamento de plântulas. Esse recrutamento representa um gargalo demográfico para a comunidade arbórea e necessita do cumprimento de algumas etapas sequenciais (KHURANA; SINGH, 2001): primeiramente, a chegada de diásporos, que podem ser autóctones[1] ou alóctones[2], ou a presença de diásporos viáveis no banco de sementes. Após a chegada, estando em condições bióticas e abióticas favoráveis, ocorre a germinação. E, mesmo após a plântula emergir, a mesma precisa desenvolver um conjunto de características que a auxilie para lidar com as diferentes pressões resultantes das interações bióticas e

---

[1] autóctone: oriundo de uma fonte local.

[2] alóctone: oriundo de uma fonte externa.

abióticas (e.g., competição, herbivoria, dessecação e disponibilidade de recursos), fazendo com que espere-se que poucas plântulas se tornem árvores jovens mesmo em locais favoráveis e pouco perturbados (SWAINE, 1996). Consequentemente, a regeneração de uma floresta é considerada "saudável", ocorrendo de forma contínua e com bom potencial de recrutamento, quando sua estrutura populacional segue um padrão de maior abundância de plântulas e indivíduos com menores diâmetros, seguido de um menor número de indivíduos com maior porte/mais largos (i.e., uma distribuição em formato de uma curva J reversa – *reverse J-shape curve*) (Fig. 1) (BIRHANU; BEKELE; DEMISSEW, 2018; GEBEYEHU *et al.*, 2019). Esta estrutura é comumente associada às florestas naturais com limitadas perturbações externas (TEKETAY, 2005).

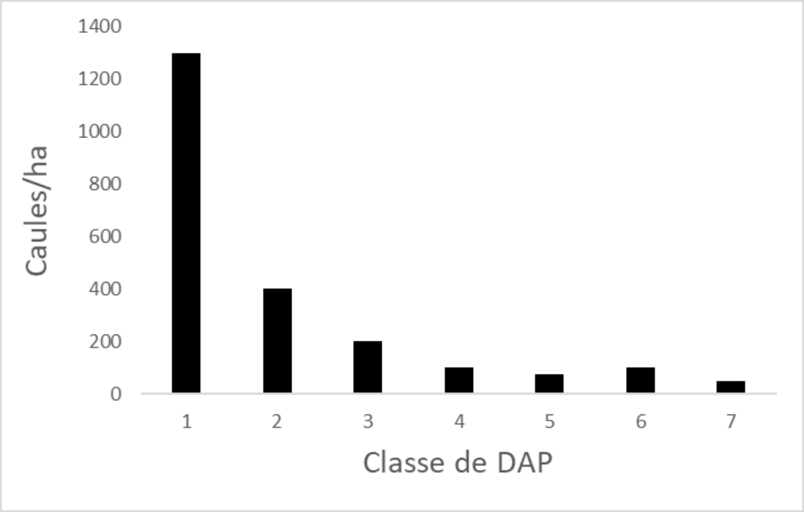


Figura 1. Exemplo de distribuição de uma estrutura populacional de uma floresta fictícia seguindo o padrão de uma curva J reversa. Adaptado de (BIRHANU; BEKELE; DEMISSEW, 2018; GEBEYEHU *et al.*, 2019), onde se tem a distribuição da densidade de espécies lenhosas entre as classes de diâmetro a altura do peito (DAP) (1=2,5-10cm, 2=10,1-20 cm, 3=20,1-40 cm, 4=40,1-60 cm, 5=60,1-80 cm,6=80,100 cm,7=>100cm).

O interesse evolvendo a regeneração natural tem aumentado ao passo que ações antrópicas, resultantes de diferentes formas de uso da terra, e mudanças climáticas vêm ganhando mais destaque e importância (BOUCHER *et al.*, 2020; WALCK *et al.*, 2011). O aumento da conversão de florestas maduras em secundárias tem sido alvo de estudos com o objetivo de entender o papel das mesmas na manutenção de processos e serviços ecossistêmicos e da conservação da biodiversidade (CHAZDON *et al.*, 2009). Esse processo de conversão, usualmente sendo fruto de atividades que removem a cobertura vegetal, levam à maior exposição do solo e altas temperaturas por tempo prolongado (especialmente em florestas secas). Com isso, há uma cascata de fatores que culminam numa regeneração natural mais lenta, como a redução da umidade e alterações nas condições nutricionais do solo (i.e., sucessão presa), microclima menos favorável para a chegada de sementes (e.g., menos habitats para animais dispersores) e maior dessecação de sementes e plântulas (CHATURVEDI *et al.*, 2017). Devido ao aumento do uso de terra para fins agropecuários e de subsistência (e.g., agricultura de corte-e-queima e criação de animais), somados aos movimentos migratórios de populações rurais após a exploração de áreas previamente florestadas (FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION, 2016), grande parte das florestas remanescentes ao redor do planeta são florestas secundárias (CHAZDON, 2003; POORTER *et al.*, 2016). Ou seja, se a tendência é termos cada vez mais áreas em regeneração, compreender os padrões de sucessão da floresta secundária e sua resiliência se faz essencial para antecipar e aumentar seu potencial para conservação da biodiversidade e fornecimento de serviços ecossistêmicos (CHAZDON, 2003; FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION, 2016; SOUZA *et al.*, 2019).

Ao tratar de mudanças climáticas, especialmente em florestas secas, o cenário da regeneração natural por meio do recrutamento de plântulas aparenta ser mais preocupante. Nessas florestas, a germinação de sementes ocorre via pulsos diretamente proporcionais à duração e intensidade da estação chuvosa (i.e., maior disponibilidade hídrica) (VIEIRA; SCARIOT, 2006). Nos cenários futuros previstos de aumento de temperatura e diminuição de precipitação (IPCC, 2014), somados à exploração de recursos naturais cada vez mais constante, as condições necessárias para a germinação e sobrevivência de plântulas tendem a ser cada vez mais restritas, exigindo ajustes/escapes para mitigar os efeitos negativos da baixa disponibilidade de água, maior luminosidade e temperatura. Nestas condições, é de se esperar que sejam necessários ajustes ecofisiológicos e funcionais para garantir a perpetuação das espécies, como defesas físicas e químicas contra herbivoria e competição (i.e., alelopatia), além de maior armazenamento e eficiência no uso de recursos. Neste sentido, outros mecanismos de regeneração e persistência de espécies através de diferentes mecanismos de propagação e reprodução assexuada, como a capacidade de rebrota após o corte ou de propagação clonal por raízes, podem ser cruciais para garantir a resiliência da floresta, podendo representar maior importância relativa quando comparado ao recrutamento de plântulas (GARIGLIO *et al.*, 2010; JENIK, 1994; KENNARD *et al.*, 2002).

2.2.1 Mecanismos de persistência de espécies

2.2.1.1 Capacidade de rebrota e propagação vegetativa

A "capacidade de rebrota" se refere à habilidade de algumas plantas de formar novos brotos após a destruição de tecidos vivos devido a perturbações que resultaram na perda parcial ou total de biomassa (PAUSAS *et al.*, 2016), sendo comum em diversos ambientes e tipos de plantas ao redor do planeta (PAUSAS; KEELEY, 2014; VESK; YEN, 2019). Este mecanismo de regeneração representa uma maneira eficiente de recuperar a biomassa perdida, uma vez que as gemas utilizam nutrientes já presentes em partes da planta como fontes nutricionais (e.g., raízes, troncos ou caules) (BELLINGHAM; SPARROW, 2000). A presença de espécies capazes de rebrotar pode representar um "atalho" para a regeneração da floresta, com implicações desde o nível de indivíduo ao do ecossistema como um todo (EVERHAM III; BROKAW, 1996).

Retomar o crescimento a partir de tocos (ou outras partes pré-existentes) pode ser uma alternativa de regeneração mais acelerada em relação às plântulas jovens, que representam o estágio ontogenético mais vulnerável às pressões bióticas e abióticas (ENGELBRECHT *et al.*, 2006; KENNARD *et al.*, 2002). Não depender diretamente do processo de germinação significa, a princípio, evitar filtros bióticos e abióticos até o estabelecimento e crescimento da plântula. Desta forma, em cenários de limitação de germinação e estabelecimento de plântulas lenhosas, esta capacidade de rebrotar pode ser mais vantajosa por ter acesso a sistemas radiculares/troncos previamente estabelecido que ajudam na persistência das espécies, diferente de plântulas oriundas de sementes, que possuem apenas a reserva da semente para o crescimento inicial (PAUSAS; KEELEY, 2014).

Após um evento de perturbação que resulta em perda de biomassa aérea, as espécies que conseguem rebrotar podem dar início a este processo a partir de diferentes partes (i.e., tocos, raízes ou ramos), a depender do dano sofrido (KENNARD *et al.*, 2002). Em ambientes sob constante perturbação, como a ação do fogo em ecossistemas mediterrâneos e na região do Cerrado brasileiro (PAUSAS; KEELEY, 2014; VIEIRA; SCARIOT, 2006), as plantas desenvolveram estratégias para lidar com estas perturbações, seja por meio de sementes mais resistentes ao fogo, gemas protegidas abaixo do solo ou órgãos subterrâneos de reserva para armazenar nutrientes (PAUSAS; KEELEY, 2014). Algumas, ainda, apresentam formas de propagação clonal via raízes gemíferas, gerando rametas (GARIGLIO *et al.*, 2010; JENIK, 1994) que crescem conectados à planta-mãe, com integração clonal (i.e., a capacidade das plantas clonais de transferir produtos fotossintéticos, água e sinais entre os rametas interligados para ajustar e se adaptar ao estresse ambiental (DONG-WEI; YUAN-YUAN; XIAO-YONG, 2007). Embora esse mecanismo seja comumente relacionado a ambientes onde o fogo é um fator constante (JENIK, 1994; SAHA; HOWE, 2003), estudos preliminares têm observado a capacidade de propagação por gemas de raízes em espécies dominantes na Caatinga, ecossistema cujo fogo não atua como um fator limitante e evolutivo. Ou seja, não só o uso do fogo não ocorre com frequência, mas também a flora da Caatinga teoricamente não é adaptada ao fogo (SILVA; LEAL; TABARELLI, 2017b). Contudo, foram observadas espécies que apresentavam uma rede de rametas conectadas a indivíduos adultos e entre si através do sistema radicular em roças destinadas à agricultura de corte e queima (Fig. 2a-2b), de floresta madura (Fig 2c-2d) e em propriedades rurais (Fig. 2e).

Figura 2. Espécie *Pityrocarpa moniliformis* (Benth.) Luckow & R. W. Jobson (Fabaceae) em (a) uma área de plantação de macaxeira, exibindo uma árvore com diversas raízes laterais superficiais e (b) múltiplos rametas conectados entre si

dominando uma área após corte e queima da vegetação; (c) rametas de *Croton argyrophyllus* Kunth e *Cnidoscolus bahianus* (Ule) Pax & K.Hoffm (Euphorbiaceae) conectadas à adultos por raízes em florestas maduras; (e) rametas de *Cenostigma pyramidale* (Tul.) Gagnon & G.P. Lewis (Fabaceae) conectados por raiz em uma propriedade rural.

Num sistema tão modificado pelo homem como o da Caatinga, estes mecanismos de persistência podem ser cruciais para garantir a sobrevivência das espécies, recuperação da biomassa, manutenção dos serviços ecossistêmicos e resiliência da floresta. Uma vez que existe um conjunto de fatores que causam a perda da biomassa adulta e de plântulas (i.e., escassez hídrica, herbivoria, corte-e-queima da vegetação), as espécies que conseguem rebrotar e/ou se propagar de forma vegetativa ganham uma nova chance de superar tais condições adversas, tendo maiores chances de sobrevivência pós-perturbação e permanência no ambiente (MOREIRA; TORMO; PAUSAS, 2012). Em áreas de roça, há relatos de árvores da espécie *P. moniliformis* que continuam rebrotando após 16 anos de ciclos anuais de corte e queima. Esta estratégia pode não apenas garantir a persistência das espécies, mas também aumentar sua área de dominância ao emitir rametas ao longo de raízes laterais superficiais, com relatos de mais de 900 metros de extensão (VANDERLEI *et al.*, 2021). Desta forma, uma vez que rebrotas tendem a crescer mais rápido que plântulas (BOND; MIDGLEY, 2001; KENNARD *et al.*, 2002; PAUSAS; KEELEY, 2014), é de se esperar que elas possam potencialmente alterar o ambiente ao seu redor ao promover uma recuperação mais acelerada da cobertura vegetal, garantir maior sombreamento e melhores condições microclimáticas. Consequentemente, o processo de recrutamento por meio da facilitação pode também ser auxiliado, resultando numa regeneração natural mais acelerada.

Apesar da capacidade de persistir soar como um processo apenas vantajoso para um ecossistema, é importante ressaltar que uma floresta com regeneração dominada por propagação vegetativa (i.e., baixa frequência de reprodução sexuada) traz diversas implicações potencialmente negativas. Primeiramente, não são todas as espécies que conseguem persistir via rebrotas ou rametas. Neste sentido, se imaginarmos uma floresta totalmente devastada, certamente parte das espécies será eliminada. Segundo, existe uma grande lacuna sobre o conjunto de fatores que controlam a capacidade de persistir (e.g., posição e quantidade de gemas radiculares, quantidade e acesso à reservas de nutrientes, tipo de perturbação (MIRANDA *et al.*, 2020; POORTER *et al.*, 2010; VESK; YEN, 2019)), portanto ter a capacidade de persistir via diferentes mecanismos não necessariamente significa que todos os seus indivíduos o farão. Terceiro, do ponto de vista ecológico, a capacidade de rebrotar após perturbações resulta em alterações estruturais das plantas, sendo comumente mais baixas, com mais perfílios (VESK; YEN, 2019; WARE *et al.*, 2022a). Ainda, populações predominantemente dominadas por propagação vegetativa podem ter o seu potencial evolutivo e adaptação local das espécies reduzidas, com mutações que reduzem a fertilidade podem levar à disfunção sexual (BARRETT, 2015; DONG; YU; ALPERT, 2014).

Embora a capacidade de rebrota ou de possuir raízes gemíferas não seja algo novo para espécies da Caatinga (GARIGLIO *et al.*, 2010; SAMPAIO; SALCEDO; KAUFFMAN, 1993), informações precisas acerca deste mecanismo entre as espécies da sua flora são escassas. Existe uma série de questões a serem investigadas, como qual a velocidade de recuperação da biomassa perdida; como é essa resposta ao longo do tempo e entre estações, e como esta capacidade persistir através de diferentes mecanismos se comportará frente à maior intensidade de perturbações antrópicas e mudanças climáticas. Ainda, existem diversas lacunas sobre como estes mecanismos afetam a reprodução sexuada e diversidade genética das espécies a longo prazo, uma vez que há uma demanda conflitante (i.e., *trade-off*) entre armazenar recursos, investir energia para persistir no ambiente (i.e., manutenção da geração atual) ou em atributos reprodutivos para uma nova geração (i.e., garantir diversidade genética que permita a continuidade da população em condições abióticas e bióticas futuras). Sabe-se que perturbações alteram substancialmente esta demanda conflitante, a depender de suas frequências e intensidades (BELLINGHAM; SPARROW, 2000), juntamente com as condições locais de fertilidade e umidade (IWASA; KUBO, 1997). Desta forma, se faz crucial entender os fatores que controlam estes mecanismos de persistência.

2.2.1.2 – Dinâmica de carboidratos não-estruturais e mecanismos de persistência

As plantas adquirem carbono por meio do processo de fotossíntese, sendo grande parte deste destinada para fins metabólicos (e.g., respiração), outra para construção da estrutura física da planta (i.e., biomassa) e parte exportada para o meio ambiente (DIETZE *et al.*, 2014). Uma menor quantidade é retida em forma de carboidratos não-estruturais (em inglês: *non-structural carbohydrates*; daqui em diante

NSC), sendo eles principalmente o amido e os açúcares solúveis (DIETZE *et al.*, 2014). Enquanto o amido é um composto de reserva mais recalcitrante, os açúcares solúveis desempenham funções metabólicas mais imediatas, como demandas de respiração e defesa, e substratos para transporte de metabólitos (e.g., sacarose; Fig. 3) (DIETZE *et al.*, 2014; MARTÍNEZ-VILALTA *et al.*, 2016a). Os NCS são os primeiros fotossintatos produzidos pelas plantas (LIU *et al.*, 2018) e, dentre suas variadas atuações, podemos citar ajustes fisiológicos (HARTMANN; TRUMBORE, 2016) e adaptações a períodos de escassez hídrica (LIU *et al.*, 2018). Contudo, mais importante para esta tese, os estoques de NCS são intrinsecamente ligados e responsáveis pela recuperação da biomassa após perturbações, como corte da vegetação, herbivoria e resistência à seca (O'BRIEN *et al.*, 2014)(IWASA; KUBO, 1997; LATT; NAIR; KANG, 2001; O'BRIEN *et al.*, 2014).

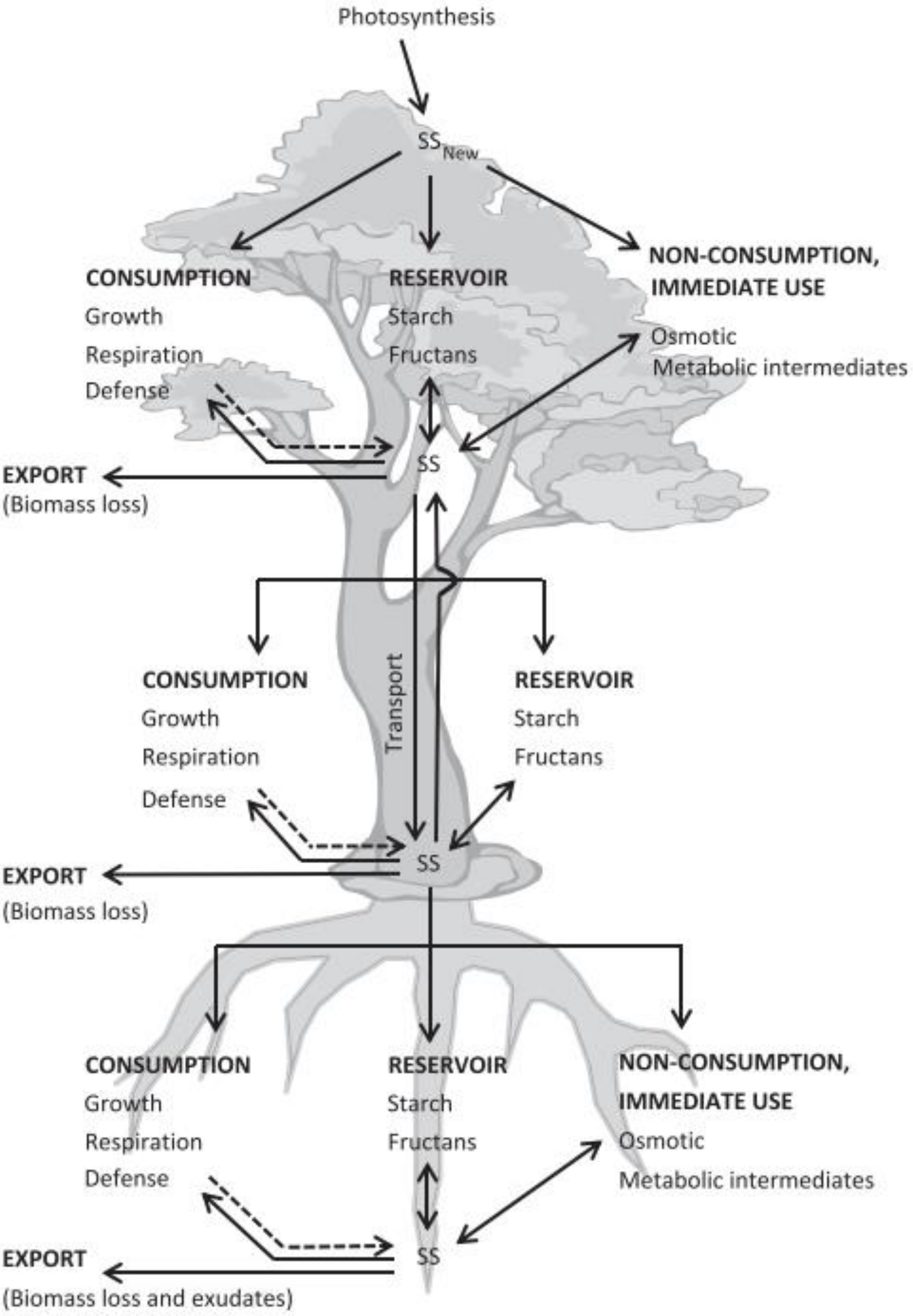


Figura 3. Diagrama conceitual que mostra os principais papéis e funções de diferentes carboidratos não estruturais (NSC) em diferentes órgãos da planta. *SS* indica açúcares solúveis e SS_{New} indica os açúcares solúveis recém-assimilados. Figura presente em (MARTÍNEZ-VILALTA *et al.*, 2016a).

Em plantas lenhosas, os carboidratos se acumulam durante os períodos de excesso de produção e tendem a se esgotar quando a sua taxa de utilização excede a taxa de produção (KOZLOWSKI, 1992). A concentração de NSC tende a variar entre os órgãos das plantas: 1) maiores concentrações de NSC, especialmente de açúcares solúveis, são encontradas em folhas, uma vez que os mesmos são importantes para o processo de osmoregulação (DIETZE *et al.*, 2014); 2) maiores concentrações de amido em raízes (KELLER; LOESCHER, 1989), para uso futuro e; 3) concentrações mais baixas de NSC nos caules, onde a proporção relativa de tecidos lignificados e não vivos tende a ser mais alta (MARTÍNEZ-VILALTA *et al.*, 2016a).

O armazenamento e alocação de NSC ocorre de forma diferenciada em plantas que rebrotam em contraste às que não rebrotam: enquanto em espécies rebrotadoras, parte dos recursos produzidos são armazenados em órgãos subterrâneos para manter e proteger as gemas e dar suporte ao rápido crescimento após uma perturbação (PAUSAS *et al.*, 2016; SCHWILK; ACKERLY, 2005), as não-rebrotadoras alocam seus recursos para outras funções, como crescimento rápido e fins reprodutivos (PAUSAS; KEELEY, 2014). Contudo, mesmo em situações de partes aéreas de tamanhos similares, as rebrotadoras tendem a ter uma maior proporção raiz:parte aérea, tendo maior acesso a fontes de água (SCHWILK; ACKERLY, 2005). A diferença, então, pode se dar nas estratégias de alocação dos carboidratos durante a produção de biomassa acima do solo, especialmente nas estruturas foliares (LI *et al.*, 2016).

Embora a capacidade e vigor de rebrota (i.e., quantidade de biomassa rebrotada) dependam intrinsecamente das reservas de NSC, ambos variam entre espécies, entre estações do ano e em relação à diferentes tipos de perturbação (LATT; NAIR; KANG, 2001; PAUSAS *et al.*, 2016). Em florestas secas, há estudos que relatam um comportamento dos ciclos de NCS semelhante ao de zonas temperadas (LATT; NAIR; KANG, 2001), embora regiões tropicais tendam a apresentar menores concentrações de NSC (MARTÍNEZ-VILALTA *et al.*, 2016a). Ainda, embora as informações sobre esta dinâmica em florestas secas seja escassa (LATT; NAIR; KANG, 2001), alguns estudos indicam mudanças nos padrões de alocação de NSC nos diferentes órgãos da planta (i.e., raiz, caule e folha) de acordo com a sazonalidade (MARTÍNEZ-VILALTA *et al.*, 2016a) e mudanças na disponibilidade hídrica (SANTOS *et al.*, 2021).

Tratando-se das rebrotas, elas tendem a ser mais vigorosas se as árvores forem cortadas durante os períodos em que o crescimento é cessado, contendo altos níveis de NSC (BLAKE, 1983; MARTÍNEZ-VILALTA *et al.*, 2016a). A reposição do amido começa logo após as suas concentrações atingirem o mínimo, levando cerca de três meses para que a planta primeiro invista em folhas, supra suas necessidades fotossintéticas e, daí, inicie o processo de armazenamento (LATT; NAIR; KANG, 2001). É importante ressaltar que plantas lenhosas raramente acabam com seus estoques de NSC, ao menos que estejam sob condições extremas (naturais ou artificiais) que levem à morte (HARTMANN; ZIEGLER; TRUMBORE, 2013; MARTÍNEZ-VILALTA *et al.*, 2016a; SEVANTO *et al.*, 2014). Em outras palavras, a frequência e intensidade de perturbações podem levar a cenários críticos para a recuperação da biomassa perdida.

Em relação à persistência por propagação clonal por rametas, especialmente sobre suas relações com NSC, é importante ressaltar que as informações são oriundas majoritariamente de trabalhos com espécies não-lenhosas ou voltados para fins econômicos; quando lenhosas, de porte arbustivo; quando árvores, poucos são os estudos realizados em regiões de florestas secas (BARRETT, 2015; COSTA *et al.*, 2021; DONG *et al.*, 2015; DONG; YU; ALPERT, 2014; DONG-WEI; YUAN-YUAN; XIAO-YONG, 2007; FAHRIG *et al.*, 1994; JENIK, 1994; JIAO *et al.*, 2020; KLIMEŠOVÁ; DOLEŽAL, 2012). A planta clonal é capaz de produzir descendentes com o mesmo genótipo da planta mãe por meio de reprodução assexuada em condições naturais e apresentam diferenças em relação a plantas não clonais em muitos aspectos, como crescimento próprio, metabolismo e reprodução com integração de recursos, e plasticidade morfológica (DONG; YU; ALPERT, 2014; JIAO *et al.*, 2020).

Sabe-se que NSC em plantas clonais apresentam diferenças em relação à tipos distintos de solo, com respostas variadas a depender da espécie (LIANG, 2019), e que diferenças nas funções fisiológicas e capacidades metabólicas de vários componentes da planta também podem refletir a estratégia de alocação de NSC nas plantas e seu mecanismo de adaptação sob estresse ambiental (NEWELL; MULKEY; WRIGHT, 2002). Desta forma, são necessário estudos adicionais para entender como padrões na distribuição de NSC se comportam em plantas clonais, se os mecanismos já conhecidos para herbáceas/plantas não-lenhosas podem ser extrapolados para espécies lenhosas / arbóreas (e.g., integração clonal, sendo a habilidade das plantas clonais de transportar substâncias e/ou sinais entre os rametas conectados para ajustar e se adaptar a vários estresses ambientais), e como essas espécies regulam a distribuição de NSC entre diferentes rametas/frente à perturbações.

2.2.1.3 – Perturbações, persistência e carboidratos não-estruturais

Podemos pensar em diversos tipos de perturbações que podem reduzir a biomassa acima do solo e alterar as concentrações de NSC, como déficit hídrico, herbivoria, defoliação e corte e queima. Frente ao déficit hídrico, pode-se observar uma diminuição no conteúdo de amido e, às vezes, um aumento no açúcar (KRAMER, 1983). De fato, existe uma relação positiva entre as maiores concentrações de NSC antes da seca e a sobrevivência da planta durante a seca (O'BRIEN *et al.*, 2014). Ainda, plantas que rebrotam podem sofrer menos falha hidráulica por possuírem maiores sistemas radiculares capazes de evitar cavitação (PAUSAS *et al.*, 2016). Contudo, quanto maior a e mais intensa for a duração do déficit hídrico, maiores os riscos de limitação de carboidratos e de falha hidráulica (PAUSAS *et al.*, 2016). Caso haja uma perturbação/perda de biomassa acima do solo, o novo caule emitido passa a ser mais vulnerável à falta de água que uma planta não perturbada por dois motivos: 1) tais caules possuem condutância estomática mais alta e um xilema mais vulnerável à cavitação (PRATT *et al.*, 2014); 2) como a única fonte de carboidrato após a perda da biomassa acima do solo são as raízes, os mesmos devem ser mobilizados para repor essa biomassa perdida até que o crescimento da rebrota gere fotossintato excedente. Se durante este processo a captação de CO_2 for limitada pela restrição estomática devido à seca, os carboidratos podem ser esgotados, levando à mortalidade do indivíduo (MCDOWELL *et al.*, 2008; PAUSAS *et al.*, 2016; PRATT *et al.*, 2014).

É importante frisar dois pontos: 1) parte dos fotossintatos produzidos por plantas adaptadas à herbivoria é investido em forma de defesas físicas ou químicas contra os herbívoros (DIETZE *et al.*, 2014); 2) podemos pensar no processo de herbivoria, de forma geral, como uma defoliação/perturbação menos severa, uma vez que usualmente seu efeito é relacionado aos insetos. Quando tratamos de herbívoros de maior porte, como caprinos e gado, este efeito passa a ser mais acentuado especialmente em plântulas ou em rebrotas em estágio inicial de crescimento, uma vez que estes animais podem consumir sua parte aérea (LINS *et al.*, 2022; MENEZES *et al.*, 2020). A Caatinga, por sua vez, abriga mais de 9 milhões de caprinos introduzidos pelos europeus para pastar predominantemente na vegetação nativa (IBGE, 2006). Neste sentido, em casos em que há alta intensidade de pecuária extensiva que resultam em defoliação total de indivíduos, o consumo constante dessas rebrotas pode levar à morte dos indivíduos

(LINS *et al.*, 2022)por esgotamento de NSC (PAUSAS; KEELEY, 2014), especialmente em condições menos favoráveis de recursos para reposição.

Uma vez que o tipo e frequência da perturbação influenciam diretamente a capacidade de rebrota e, consequentemente a quantidade de NSC necessários para recuperar a biomassa perdida (KENNARD *et al.*, 2002), podemos considerar a agricultura de corte e queima como uma perturbação de alta intensidade, especialmente pela maneira que este processo milenar é realizado. A agricultura de corte e queima, especialmente em florestas secas que apresentam limitação de recursos e períodos sazonais, tende a ser realizada de forma anual, com baixo intervalo de descanso da terra (i.e., período de pousio) (SOBRINHO *et al.*, 2016). A vegetação acima do solo é comumente cortada, amontoada e queimada (i.e., coivara). Desta forma, a exportação contínua de nutrientes do solo realizada pelo corte e queima da vegetação, somada ao pouco tempo para a recuperação dos nutrientes perdidos, podem ter um efeito sinergético negativo na regeneração e sobrevivência de espécies, inclusive daquelas que possuem a habilidade de rebrotar.

Ao adicionar o fogo ao contexto, temos um uma situação ainda mais adversa, pois o fogo causa impactos adicionais à remoção de biomassa devido às altas temperaturas, podendo ser letal para as gemas das plantas (PAUSAS *et al.*, 2016), além de alterar as condições nutricionais do solo (e.g., menos serapilheira no ambiente) e espécies que possam interagir positivamente com as plantas (PAUSAS *et al.*, 2016). Desta forma, a maioria das plantas que rebrotam após o fogo também tem a probabilidade de rebrotar depois de outros tipos de distúrbios, mas o oposto não é necessariamente verdadeiro, havendo evidências de menor capacidade de rebrota após o fogo do que após o corte (VESK; WARTON; WESTOBY, 2004). Adicionalmente, rebrotas de plantas queimadas podem apresentar maior cavitação devido ao estresse hídrico, maior esgotamento das reservas de carboidratos e maior mortalidade do que plantas não queimadas da mesma espécie (PRATT *et al.*, 2014).

2.2.2 Persistência, Caatinga e o futuro: lacunas teóricas

Primeiramente, é crucial ressaltar que os padrões descritos na literatura são majoritariamente oriundos de estudos realizados em florestas úmidas e temperadas. Estudos em florestas tropicais sazonalmente secas, embora tenham aumentado no decorrer dos anos, tomam por referência e comparativos tais padrões previamente citados. Uma vez que cada formação vegetal/ecossistema apresenta suas próprias características, esforços para desenvolver métodos e obter descrições e padrões mais assertivos para as florestas secas são essenciais para o avanço científico acerca dessas florestas, além de auxiliar diretamente em tomadas de decisão sobre conservação e políticas públicas.

Este cenário reflete na Caatinga que, embora seja a maior FTSS da América do Sul, esteja exclusivamente em solo brasileiro, seja considerada uma das *Wilderness* com altos índices de endemismo (SANTOS, 2011) e abrigue aproximadamente 30 milhões de pessoas em seu território (SILVA; LEAL; TABARELLI, 2017b), tem sido historicamente negligenciada (SANTOS, 2011). Apenas 1% dos seus 912,529 km² está sob proteção integral (KOCH; ALMEIDA-CORTEZ; KLEINSCHMIT, 2017). Estudos recentes têm buscado padrões para entender e descrever o funcionamento ecológico da fauna e flora da Caatinga, especialmente frente a perturbações antrópicas e variação de disponibilidade hídrica (ARNAN *et al.*, 2018; KNOECHELMANN *et al.*, 2020; RIBEIRO *et al.*, 2019; RITO *et al.*, 2017; SIQUEIRA *et al.*, 2017; SOUZA *et al.*, 2019; TRINDADE *et al.*, 2020; ZORGER *et al.*, 2019).

O atual modelo rudimentar de agricultura de corte-e-queima envolve o uso da terra com a remoção da biomassa aérea da vegetação e, tradicionalmente, a retirada dos tocos remanescentes seguido de queima (HAUSER; NORGROVE, 2013). Seguindo o raciocínio de que plantas armazenam NSC quando há produtos carbono excedente, e que isso ocorre em condições ambientais favoráveis (DIETZE *et al.*, 2014; MARTÍNEZ-VILALTA *et al.*, 2016b) podemos assumir num exercício de pensamento que, quando este corte-e-queima é realizado no começo da estação seca, rebrotas mais vigorosas podem ser geradas por haver, em teoria, maiores concentrações de NSC recém armazenados. Contudo, este modelo com o uso contínuo da terra resulta numa cascata de fatores que podem explicar o atual risco de desertificação da Caatinga, sendo eles: maior exposição do solo a altas temperaturas e por tempo prolongado, o que influencia na menor capacidade de germinação de sementes devido às condições ambientais; lixiviação e menor produtividade do sistema pela exportação de nutrientes; baixo período de pousio para novos ciclos de agricultura; esgotamento dos mecanismos de regeneração e sua persistência e, lento ou travado processo de regeneração natural (BEZERRA *et al.*, 2022; CHATURVEDI *et al.*, 2017; KENNARD *et al.*, 2002; SILVA; LEAL; TABARELLI, 2017a).

Atualmente, a Caatinga é considerada um sistema socioecológico de importância global e tem uma alta densidade de pessoas em situação de pobreza que exploram a floresta para sua subsistência e sobrevivência, gerando perturbações antrópicas que levam ao abandono da terra e reduzem a sua produtividade (SILVA; LEAL; TABARELLI, 2017b). Desta forma, esta região necessita de investigações rápidas e eficazes para gerar melhores práticas de manejo e uso do solo, manutenção da biodiversidade, restauração ecológica e garantia da provisão dos bens e serviços para o bem-estar humano (TABARELLI *et al.*, 2017a). De forma agravante, relatórios sobre mudanças climáticas indicam que a Caatinga é uma área de alta vulnerabilidade, com modelos climáticos que preveem redução de 22% na precipitação, aumento da temperatura de até 6,7 °C e maior frequência de secas até meados de 2100 (MAGRIN *et al.*, 2014); além de maior perturbação humana (PBMC, 2013). Neste sentido, plantas que conseguem rebrotar ou se propagar de forma vegetativa parecem ser favorecidas neste cenário de fatores que dificultam (retardando ou inibindo) a regeneração por sementes. Contudo, as informações sobre quais espécies são capazes de rebrotar ou de se propagar vegetativamente, a generalidade desses mecanismos e sua importância real para a regeneração natural e resiliência florestal (i.e., efeitos na biodiversidade, velocidade de recuperação da cobertura vegetal, estoque de carbono) são pouco conhecidas, mas com investigações em andamento (BARROS *et al.*, 2021; NOUTCHEU *et al.*, 2023; SAMPAIO; SALCEDO; KAUFFMAN, 1993; VANDERLEI *et al.*, 2021). Estas informações são cruciais para indicar potenciais espécies para restauração ecológica, recuperação mais acelerada da cobertura vegetal, ou ainda indicar quais espécies serão mais vulneráveis às perturbações. Ainda, embora a capacidade de rebrotar possa afetar a reprodução sexuada de espécies ao potencialmente acumular alelos deletérios (WIENS *et al.*, 1987), resultando em menor quantidade de sementes (LAMONT; WIENS, 2003) e mais sementes abortadas (MENEY; DIXON; PATE, 1997), estas habilidades de persistir no ambiente podem ser a única forma de garantir regeneração da cobertura florestal/recuperação da biomassa, a resiliência do sistema e a provisão de processos e serviços ecossistêmicos, evitando o colapso do mesmo e garantindo a subsistência das populações humanas dependentes da floresta.

3. Capítulo 1: Human disturbances reduce tree abundance and stimulate woody plant resprouting and clonal growth in a tropical dry forest

Manuscrito a ser submetido para a revista *Forest Ecology and Management*

Human disturbances reduce tree abundance and stimulate woody plant resprouting and clonal growth in a tropical dry forest

Renato Soares Vanderlei[1], Maria Fabíola Barros[2,3], Kyle G. Dexter[4,5], Marcelo Tabarelli[1], Mauro Guida Santos[1]

[1] Departamento de Botânica, Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Cidade Universitária, Av. Professor Moraes Rego, CEP: 50670-901, Recife, Pernambuco, Brazil

[2] Museu Paraense Emílio Goeldi, Av. Magalhães Barata, Belém 66040-170, Pará, Brazil

[3] Instituto Tecnológico Vale (ITV), R. Boaventura da Silva, 955, 66055–090, Belém, Pará, Brazil

[4] School of GeoSciences, University of Edinburgh, Edinburgh EH9 3FF, United Kingdom

[5] Royal Botanic Garden Edinburgh, Edinburgh EH3 5LR, United Kingdom

Corresponding author: renato.vanderlei@gmail.com

Abstract

In environments under chronic human disturbance, the persistence of woody plants via both resprouting of new shoots and clonal growth via new root suckers can increase survival and fitness. However, the relative frequency and importance of these mechanisms following disturbance remain poorly explored. Here we simulated both wood extraction (partial aboveground biomass (AGB) removal) and slash-and-burn (complete AGB removal plus burn) practices in situ and compare their effects versus controls after six months on the persistence (resprouting from new shoots and clonal growth via new root suckers), biomass, and structure (height, diameter at ground level, and number of stems) of six dominant tree species (n=210). Tree regeneration following slash-and-burn varied from 0-80% across species. Half regenerated exclusively via clonal growth, one via resprouting, and one via both mechanisms. Increased disturbance intensity (control < wood extraction < slash-and-burn) resulted in at least fivefold more root suckers produced. Nevertheless, slash-and-burn led to the apparent mortality of nearly 70% of trees (i.e., absence of living aboveground tissue after six months). For those trees that did show evidence of regeneration, initial biomass recovery was nearly 5%, mainly from resprouting of new shoots. Our findings support the presence of persistence mechanisms after human disturbances in a relatively high proportion of woody plant species in the Caatinga dry forest. In the context of limited seed germination and seedling recruitment, resprouting and clonal growth may have a more significant role in regeneration dynamics than previously thought. Regeneration ability must be considered when choosing species for restoration purposes, especially in disturbed landscapes.

Keywords: Clonality, Forest regeneration, Plant persistence, Resprouting, Tropical dry forest, Vegetative propagation

1. INTRODUCTION

Resprouting and clonal growth via root suckers are different types of vegetative propagation that have been identified as critical mechanisms for regeneration dynamics in vegetation types where natural disturbances such as fire constantly remove the aboveground biomass (Buisson et al., 2018; Clarke et al., 2012; Jenik, 1994; Pausas et al., 2016). However, human disturbances such as wood extraction, coppicing, and slash-and-burn practices can also trigger these mechanisms (Kammesheidt, 1999; Kennard et al., 2002; Moola and Vasseur, 2008; Noutcheu et al., 2023; Vanderlei et al., 2021). Despite the prevailing focus on seed and seedling banks as the primary sources of natural regeneration, disturbances in tropical dry forests can lead to changing microclimates and, consequently, decreased seed germination and seedling recruitment due to desiccation (Chaturvedi et al., 2017; Lieberman and Li, 1992). Thus, there is growing evidence that vegetative-based regeneration, rather than seedling recruitment, holds equal or greater importance, particularly after disturbances in tropical dry forests (Bond and Midgley, 2001; Buisson et al., 2018; Clarke et al., 2012; Kammesheidt, 1999; Kennard et al., 2002). Nevertheless, the impact of both natural and human factors on the frequency of this phenomenon and regeneration dynamics in dry environments remains poorly understood. In this context, vegetative propagation may have a greater influence on forest regeneration than has been explored so far.

Plants use dormant buds or bud-forming tissues to regenerate after biomass loss (Pausas et al., 2018; Klimešová et al., 2018). Here, we refer to “resprouting” as regeneration from undamaged buds located either in the stem, root collar, or taproot of the disturbed tree, typically generating multi-stemmed individuals (Bellingham and Sparrow, 2000; Moreira et al., 2012; Pausas et al., 2016). As “clonal growth”, we refer to root suckers emerging from root buds connected via a root network, which can be produced at a spatial distance from the mother plant, and then grow into independent, genetically identical individuals (Jenik, 1994, Vanderlei et al., 2021). These spatially separated individuals can share compounds and signals (i.e., clonal integration; Dong-Wei et al., 2007), potentially leading to horizontal expansion (see Fig. 1). When facing natural or anthropogenic disturbances that remove their biomass, plants utilizing both mechanisms mobilize non-structural carbohydrates (hereafter NSC), stored either in the remaining biomass or in roots, to the dormant buds (Dietze et al., 2014; Klimešová et al., 2018; Moreira et al., 2012). Although both mechanisms can generate new tissue from root buds, they differ in their processes and outcomes: disturbances that damage buds (e.g., fire) are likely to reduce plant resprouting where buds are located (Pausas et al., 2016), whereas plants exhibiting clonal growth via buds in roots can produce root suckers that are distant from the original site of establishment and disturbance sources (Bond and Midgley, 2003). Finally, recurrent cycles of biomass removal can limit or even extinguish the ability to reproduce vegetatively (Barros et al., 2021; Buisson et al., 2018; Pausas et al., 2016; Pausas and Keeley, 2014; Shibata et al., 2016; Vanderlei et al., 2021).

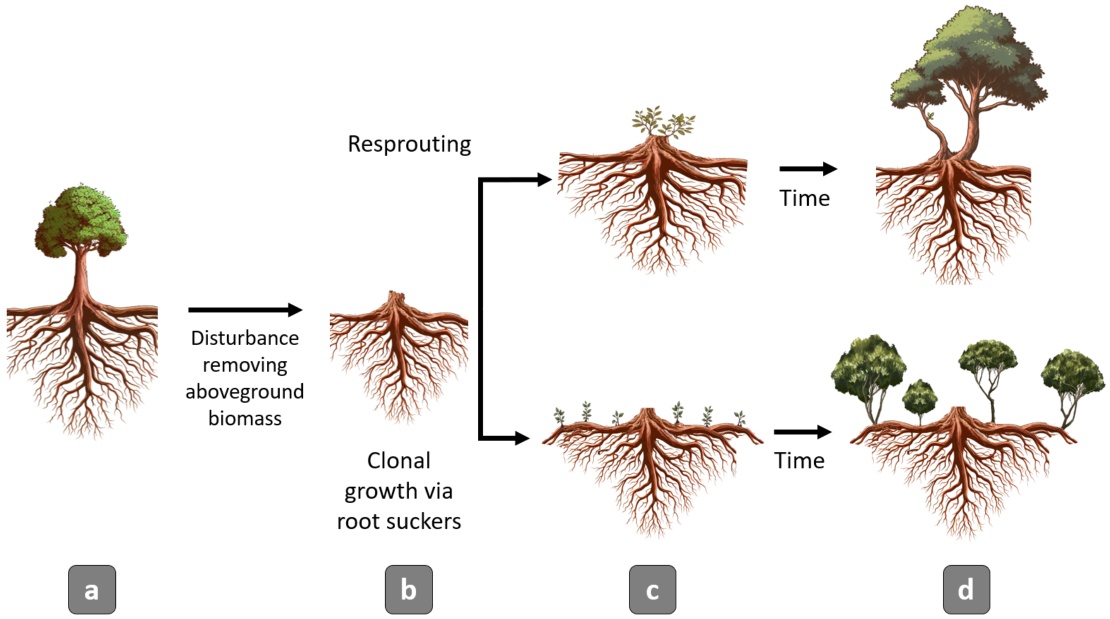


Figure 1. Conceptual framework of the plant vegetative propagation mechanisms following disturbances that completely remove aboveground biomass. Here, we present an undisturbed tree (a) that has its aboveground biomass removed and persists (b) via either resprouting (at the top) or clonal growth via root suckers (at the bottom) mechanisms. (c) Resprouting results in new shoots from stumps/root collar, whereas clonal growth results in root suckers from root buds along horizontal roots that spread

from the original site of establishment and disturbance sources; (d) after some time, resprouting is expected to generate multi-stemmed, shorter individuals, whereas new root suckers can grow, share nutrients via the connected root network, and potentially grow into independent adults.

Tropical dry forests (hereafter TDFs) are globally important ecosystems for the provision of ecosystem services and human well-being (Maass et al., 2005), yet they face a set of diverse and often simultaneous disturbances (Murphy and Lugo, 1986; Sunderland et al., 2015). With approximately 1 billion forest-dependent people relying on forest product exploitation for livelihoods, mature TDFs have been converted into mosaics of secondary forests and areas for agriculture and livestock breeding (Pulla et al., 2015; Silva et al., 2017; Singh, 1998). In this scenario, species without persistence mechanisms are likely to be removed selectively from frequently disturbed environments (Miller and Kauffman, 1998), limiting taxonomic, functional, phylogenetic, and genetic diversity (Almeida-Rocha et al., 2020; Pausas and Keeley, 2014). In disturbed forests, pre-disturbance plant structural characteristics (e.g., number of stems and height) are often found to be related to survival/persistence in a range of ecosystems (Grady and Hoffmann, 2012; Hoffmann et al., 2009; Mostacedo et al., 2022; Su et al., 2020). These structural characteristics may reflect higher aboveground biomass and pools of NSC, which can increase persistence success. After disturbances, the persisting flora may present changes in their structure and function by increasing their number of stems (i.e., multi-stemmed trees; Bellingham and Sparrow, 2000; Vesk and Yen, 2019), potentially gaining more carbon (Ware et al., 2022) and leading to a shorter stature and slower litter decomposition rates (Bellingham and Sparrow, 2009).

The Brazilian Caatinga dry forest, which is the largest and most diverse TDF in South America, has a similar socioecological context to other TDFs worldwide. It supports approximately 30 million forest-dependent (i.e., rural people; Silva et al., 2017). The region likely has been occupied as long as humans have been in South America, but it has been more intensely modified by human activities since the beginning of European colonization in the 16th century (Coimbra-Filho and Câmara, 1996). Harsh dry seasons and anthropogenic practices negatively impact the Caatinga ecosystem (Rito et al., 2017a), resulting in 1) reduced aboveground biomass, carbon storage, and wood provision; 2) taxonomic, functional, and phylogenetic impoverishment of plant and ant communities (Oliveira et al., 2016; Ribeiro et al., 2015); and 3) diminished seed dispersal (Leal et al., 2014). In this scenario, Caatinga regeneration dynamics combine low tree density, taxonomically impoverished seed rain and banks, and seedling assemblages particularly sensitive to both rainfall and human disturbances (Bezerra et al., 2022; Lins et al., 2022; Paula et al., 2023; Trindade et al., 2020; Vanderlei et al., 2022). Meanwhile, resprouting from new shoots and root sucker production have been observed in Caatinga woody plant species following human-imposed disturbances with varied responses (Figueirôa et al., 2006; Gariglio et al., 2010; Noutcheu et al., 2023; Vanderlei et al., 2021), including early resprouting in disturbed woody seedlings (Noutcheu et al., 2023; Vanderlei et al., 2021). However, the generality of these mechanisms, how fast individual and stand biomass recover, and their relative importance for Caatinga resilience facing different disturbances is still under a slow-paced investigation (Figueirôa et al., 2006; Barros et al., 2021; Vanderlei et al., 2021). The combination of social and environmental variables that favor vegetative persistence over seed germination offers an excellent opportunity to investigate how anthropogenic and abiotic factors affect dry forest regeneration.

Here, we examine the regeneration (i.e., resprouting via new shoots or clonal growth via new root suckers) and structural changes of six woody plant species in response to experimental treatments with varying intensity of disturbance that simulate common practices by forest-dependent people in our study region. We also examine the potential use of structural characteristics of individuals (e.g., height, number of stems, and diameter at ground level) as predictors of fresh aboveground biomass (AGB) and post-disturbance persistence. Specifically, we investigate: 1) how the ability to persist via either new shoots or root suckers varies among species; 2) how increasing intensities of disturbances affect resprouting via new shoots or clonal growth via new root suckers; 3) how disturbances affect the number of stems in individuals that persist via different mechanisms; 4) whether structural characteristics can be significant predictors of pre-disturbance AGB and 5) whether structural characteristics can be significant predictors of successful persistence. Reducing uncertainty in all five of these areas will improve the ability to manage wooded ecosystems in the Caatinga for tree species conservation and essential ecosystem services provision.

2. MATERIAL AND METHODS

2.1. Study area

The study was conducted in the Catimbau National Park (hereafter Catimbau NP), northeast Brazil. The park consists of predominantly flat sandy soils, composed of approximately 70% quartzite sandy soils, 15% lithosols, and 15% planosols (Rito et al., 2017a), which are commonly utilized for agriculture and livestock purposes in the Caatinga region. The mean annual temperature in the area is 23 °C, and the average annual rainfall is 700 mm, with a historical concentration between January and July. Including the surroundings of the park, altitudes vary between 370 and 1068 m (Cavalcanti and Corrêa, 2014). During the dry season, surface soil temperatures can exceed 65 ºC under direct sunlight. The woody vegetation is dominated by the Euphorbiaceae and Fabaceae families (Rito et al., 2017b). Despite being an officially protected area since 2002, there are nearly 300 families who have lived within the Catimbau NP area since its inception (because of not being compensated to move). These low-income families rely on land and forest resources for their livelihood and income, reflecting a socioeconomic context similar to other dry forests globally (Pulla et al., 2015). Common practices in the area include wood extraction via branch and stem removal and slash-and-burn agriculture. Concurrently, the year-round collection of forest products plus intensive goat farming (Lins et al., 2022; Ribeiro et al., 2015) add to the set of disturbances that have changed the area into a human-modified landscape with a mosaic of arable fields, areas under regeneration (following land abandonment) and old-growth forest stands (Albuquerque et al., 2017; Souza et al., 2019).

2.2. Experimental design

2.2.1. Species selection

We selected six tree species that are abundant in the landscape and represent > 30% of the relative abundance of the adult flora within the 600 km² park area (Rito et al., 2017b). The species belong to the families Fabaceae: (1) *Pityrocarpa moniliformis* (Benth.) Luckow & R.W. Jobson), (2) *Bauhinia acuruana* Moric; Euphorbiaceae: (3) *Croton argyrophylloides* Müll.Arg., (4) *Jatropha mutabilis* (Pohl) Baill, (5) *Cnidoscolus bahianus* (Ule) Pax & K.Hoffm; and Erythroxylaceae (6): *Erythroxylum revolutum* Mart.

2.2.2. Trees selection and treatments

Over a 12.3-ha area (centered on 8°33'04"S, 37°14'31"W), we performed an active search, selecting between 30 to 45 individuals for each species. We selected individuals with height ≥ 1 m and diameter at ground level (DGL) ≥ 2 cm. Multi-stemmed individuals were only included if at least one stem was within the measurements; in this case, we counted all stems and summed their DGL up. All individuals were at least five meters apart, and we carefully dug around the stem and down to 30 cm deep to identify and avoid clonal stems/root suckers connected via horizontal roots.

We placed the individuals into three treatments: partial aboveground biomass (AGB) removal (to simulate wood extraction), complete AGB removal followed by burning (to simulate slash-and-burn disturbance, hereafter "slash-and-burn" treatment), and a control group (of undisturbed trees). They were assigned to the treatments in the order they were encountered in the field, rotating across the treatments, such that the nearest neighbor trees of a given species were never assigned to the same treatment. Thus, for each species, individuals belonging to each experimental group and the control were spatially interspersed across the landscape. The six tree species themselves were also spatially interspersed across the landscape, with no clear topographic or edaphic variation within the landscape restricting the distribution of individual species. The individuals submitted to the partial AGB removal had 1/3 of their stems or their total crown cut (the latter when they did not have multiple stems), simulating the process of wood extraction commonly practiced by the local population for firewood and fencing. In the slash-and-burn treatment, individuals were first cut near ground level (Fig. 2a). Then, the biomass was piled up on top of each stump and burnt (Fig. 2b), which simulates how local communities engage in slash-and-burn agricultural practices. We applied the treatments in situ at the end of the dry season (for *J. mutabilis* and *C. bahianus* in November and December of 2019 and for the other four species in December 2020), which represents the period of the year when the rural population commonly "prepares fields" for sowing and planting. Prior to experimental treatment, all individuals were measured for their diameter at ground level (DGL; cm), height (m), and number of stems. For individuals in the complete AGB removal treatment, we also weighed the entire fresh AGB. Since cutting, drying, weighting, and burning the AGB had to be done in separate moments with the presence of the fire brigade, the process of drying the AGB prior to weighing and burning was not possible due to the low staff availability and to limitations in accessing the National Park imposed by COVID-19 pandemic restrictions and in using fire, particularly during the dry season.

After six months, at the end of the subsequent rainy season, we assessed tree structure again, including the number and frequency of new shoots and/or root suckers by carefully digging around each individual, and repeating all the measurements for each individual (i.e., height, DGL, and number of stems; Fig. 2c). For the slash-and-burn treatment only, we also cut and weighed the fresh AGB of any new shoots/root suckers. It is reasonable to believe that the six-month rainy period is marked by increased water availability, potentially more shading, and better microclimatic conditions, therefore potentially enhancing the chance to emit new shoots/root suckers.

Figure 2. Images of a *Cnidoscolus bahianus* tree undergoing the slash-and-burn treatment: (a) the previously marked and measured tree was cut near the ground level using a scythe; (b) then its biomass was piled up on the top of its stump and set on fire; and (c) the persistence via new shoots and/or root suckers of each individual was examined six months later, after an intervening rainy season.

2.2.3. Clonal growth via root suckers following disturbances

To explore whether the chosen species can propagate via new root suckers (see Jenik, 1994; Klimešová et al., 2018) and whether this mechanism is triggered by disturbances, we searched for any potential root sucker (i.e., woody individuals from the same species) within a 2.5 m radius of each tree, before and after all the treatments. If both the adult and individual were from the same species, we carefully removed soil to check if there was any lateral root connecting the individual to the focal tree.

2.3. Data analysis

Prior to the analyses, we examined if height, diameter at ground level (DGL), and the number of stems of the selected trees were different among treatments at the start of the experiment using Generalized Linear Mixed Models (GLMMs; *lmer* function and *lme4* package; Bates et al., 2015), with treatment as a fixed effect and species as a random effect. We then used both Generalized Linear Models (GLMs; *glm* function and *stats* package; Development Core Team, 2023) and GLMMs to answer our questions, using different model families according to each data type (see Table S1). We assessed the normality and heteroscedasticity of residuals both visually and using the *DHARMa* package (Hartig, 2022), log-transforming some variables to improve normality and homoscedasticity (Crawley, 2015). We also checked for overdispersion and zero-inflation in count data models using the *performance* package (Lüdecke et al., 2021), adjusting the model family as needed. When statistical differences were found between species or treatments, we performed post hoc Tukey tests using the *glht* package (Hothorn et al., 2008). R-squared values were obtained using the *rsq* package (Dabao, 2023). All analyses were performed using the R software v 4.1.3 (Development Core Team, 2019). All the models are described in Table S1.

We assessed how the ability to persist via either new shoots or root suckers varied among species using a binomial GLMM with treatment as a random effect, where 0 indicates that an individual did not produce new shoots or root suckers and 1 indicates the individual did. To examine how increasing intensities of disturbance (i.e., undisturbed, partial AGB removal, and slash-and-burn) affect clonal growth via new root suckers, we compared a) the number of individuals that produced new root suckers among treatments using a Poisson GLMM with treatment as a fixed effect and species as a random effect, and b) the number of new root suckers produced among treatments also using a Poisson GLMM with treatment as a fixed effect and species as a random effect. To assess how disturbances affect the number of stems from either resprouting or clonal growth, we compared a) the number of stems before and after this disturbance using a Poisson GLMM with time (before and after disturbances) as a fixed effect and individuals identity nested within species as random effect, and b) the number of stems after disturbances using a Poisson GLMM with mechanism (i.e., resprouting or clonal growth) as a fixed effect and species as a random effect.

Regarding the structural characteristics, we first investigated whether height, DGL, and the number of stems before the disturbances can be significant predictors of pre-disturbance aboveground biomass using GLMMs with species as a random effect.

Then, we ran separate GLMs for each species with the same structure (i.e., AGB ~ height + DGL + nº of stems) to assess their different responses. Finally, we ran a binomial GLMM to test if any of the structural characteristics, including fresh AGB, could be used to predict the regeneration of the surviving individuals following slash-and-burn, with species as a random effect.

3. RESULTS

3.1. Structural characteristics

The height, diameter at ground level (DGL), number of stems, and fresh aboveground biomass (AGB) (the latter only assayed in slash-and-burn treatment) varied substantially across individuals, ranging from 1 - 4.2 m, 2.03 - 31.78 cm, 1 - 11 stems, and 0.4 - 20.9 kg, respectively (Table 1). Trees selected for each treatment did not differ in structural characteristics before biomass removal (height: $\chi^2 = 0.71$, $df = 2$, $p = 0.70$; DGL: $\chi^2 = 1.56$, $df = 2$, $p = 0.45$; number of stems: $\chi^2 = 1.88$, $df = 2$, $p = 0.39$; df = degrees of freedom). For trees harvested in the slash-and-burn treatment, all structural characteristics were good non-destructive predictors for estimating fresh AGB under field conditions ($p < 0.0001$, $r^2 = 0.71$), with DGL being the most accurate predictor (DGL: $r^2 = 0.32$, height: $r^2 = 0.23$, number of stems: $r^2 = 0.11$). When analyzing individual species separately, some characteristics did not explain variation in fresh AGB (Table S2). Unexpectedly, all the *P. moniliformis* "tree" individuals across all treatments were actually found to be adult-sized root suckers with no taproot (Fig. 3), but with similar structural characteristics compared to the other species.

Table 1. Species, number of individuals, mean and standard error (SE) values for the height (m), diameter at ground level (cm), number (**Nº**) of stems, and fresh aboveground biomass (kg).

	Height (m)	**DGL (cm)**	**Nº of stems**	**AGB (kg)**
	Mean ± SE	Mean ± SE	Mean ± SE	Mean ± SE
Bauhinia acuruana (30)	2.22 ± 0.36	7.15 ± 3.88	3.40 ± 1.80	2.58 ± 2.04
Cnidoscolus bahianus (45)	2.31 ± 0.80	5.10 ± 2.76	1.50 ± 1.11	3.86 ± 2.02
Croton argyrophylloides (30)	2.68 ± 0.60	10.8 ± 6.33	4.1 ± 2.70	8.04 ± 5.82
Erythroxylum revolutum (30)	2.37 ± 0.49	10.29 ± 5.13	6.60 ± 2.60	6.41 ± 5.99
Jatropha mutabilis (45)	1.68 ± 0.48	4.06 ± 1.18	1.00 ± 0.00	2.98 ± 2.34

Pityrocarpa moniliformis (30)	3.04 ± 0.45	6.36 ± 3.09	1.50 ± 1.70	8.45 ± 3.76

Figure 3. *Pityrocarpa moniliformis* adult-sized root suckers with diameter at ground level > 3 cm and height > 2 m (a, c), without taproots (b, d).

3.2. Persistence mechanisms among treatments

Five out of the six species exhibited at least one of the persistence mechanisms (i.e., resprouting via new shoots or clonal growth via new root suckers; Table S3, Fig. 4). Overall, 32 of 210 trees across all treatments (15.2%) exhibited one of the persistence mechanisms, and this response varied among the species ($\chi^2 = 31.82$, $df = 5$, $p < 0.001$). When analyzing the treatments separately, only 2 of 70 trees from the control group produced root suckers (2.85%). Meanwhile, the partial removal triggered both mechanisms in seven trees (10%), with more than twice as many producing new root suckers versus new shoots (5 vs 2). Among the trees under the slash-and-burn treatment, 32.8% persisted after the disturbance, with similar frequency of both mechanisms (12 via new shoots vs 11 via root suckers).

Following slash-and-burn, the persistence ratio (i.e., the proportion of individuals that persisted via any or both mechanisms) varied between 0-80% across species (Table 2). *C. bahianus* was the species with the highest persistence ratio, whereas none of the *J. mutabilis* individuals persisted. Regarding the relative importance of each mechanism, three of the species persisted exclusively via clonal growth, one via resprouting, and one via both mechanisms. For the latter, two *C. argyrophylloides* trees submitted to the partial AGB removal exhibited both mechanisms. When comparing undisturbed and disturbed trees, disturbances increase the number of root suckers, increased disturbance intensity (control < partial ABG removal < complete AGB removal) resulted in at least two-fold more trees producing root suckers (2 < 5 < 11) ($\chi^2 = 5.91$, df = 2, $p = 0.02$) and fivefold more root suckers produced (2 < 6 < 31) ($\chi^2 = 25.17$, df = 2, $p < 0.001$; Fig 5).

Figure 4. Individuals that exhibited persistence mechanisms following the partial biomass removal (i.e., PBR; to simulate wood extraction) and complete aboveground removal followed by burning (i.e., SLAB; to simulate slash-and-burn practices). (a) What was thought to be a *Croton argyrophylloides* seedling was actually a root sucker (b) connected via a root to a remaining stump of an individual previously submitted to the SLAB treatment (d); (c) *Bauhinia acuruana* individual producing new shoots after SLAB; (e) *C. argyrophylloides* tree producing new shoots following PBR; (f) *Erythroxylum revolutum* root suckers following SLAB; (g) *Cnidoscolus bahianus*

individual following SLAB; (h) *Pityrocarpa moniliformis* root suckers following SLAB.

Table 2. Species responses to slash-and-burn treatment. The table shows the total number (nº) of trees per species, the number of individuals that persisted after the treatment and by which mechanisms they persisted (i.e., via new shoots or clonal growth via new root suckers), and the mean number of new shoots and new root suckers per individual only using the ones that persisted, followed by their respective minimum and maximum numbers.

Species	**Nº of trees**	**Persisted**	**Via resprouting**	**Via root suckers**	**Mean nº of new shoots (min-max)**	**Mean nº of new root suckers (min-max)**
Bauhinia acuruana	10	1	1	0	5	-
Cnidoscolus bahianus	15	12	11	1	4.2 (1-7)	1
Croton argyrophylloides	10	5	0	5	-	2.2 (1-7)
Erythroxylum revolutum	10	1	0	1	-	4
Jatropha mutabilis	15	0	0	0	-	-
Pityrocarpa moniliformis	15	4	0	4	-	3.75 (1-8)

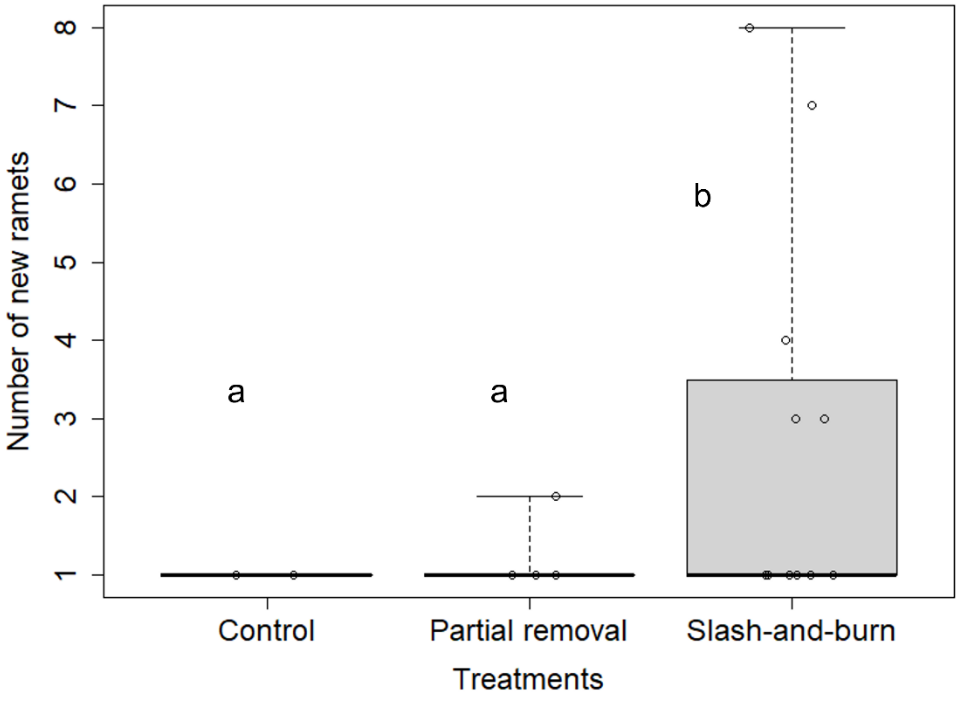


Figure 5. Number of new root suckers among the treatments following each treatment. Different letters indicate statistical differences ($p < 0.05$).

The number of stems more than doubled after the slash-and-burn ($\chi^2 = 22.29$, *df* = 1, *p* < 0.001, Fig. 6a). When comparing both persistence mechanisms, new root suckers exhibited over 50% more stems than new shoots ($\chi^2 = 4.09$, *df* = 1, *p* = 0.04, Fig. 6b). Nevertheless, of the total 357.6 kg of fresh biomass removed, 5.5% (~ 20kg) was recovered by the end of the following rainy season, with the most significant share (90%) represented by new shoots of *C. bahianus* (Fig. S1). Finally, none of the aboveground structural characteristics or fresh aboveground biomass pre-treatment proved to be good predictors of persistence success (p values > 0.05, r^2adj = 0.39, Table S4).

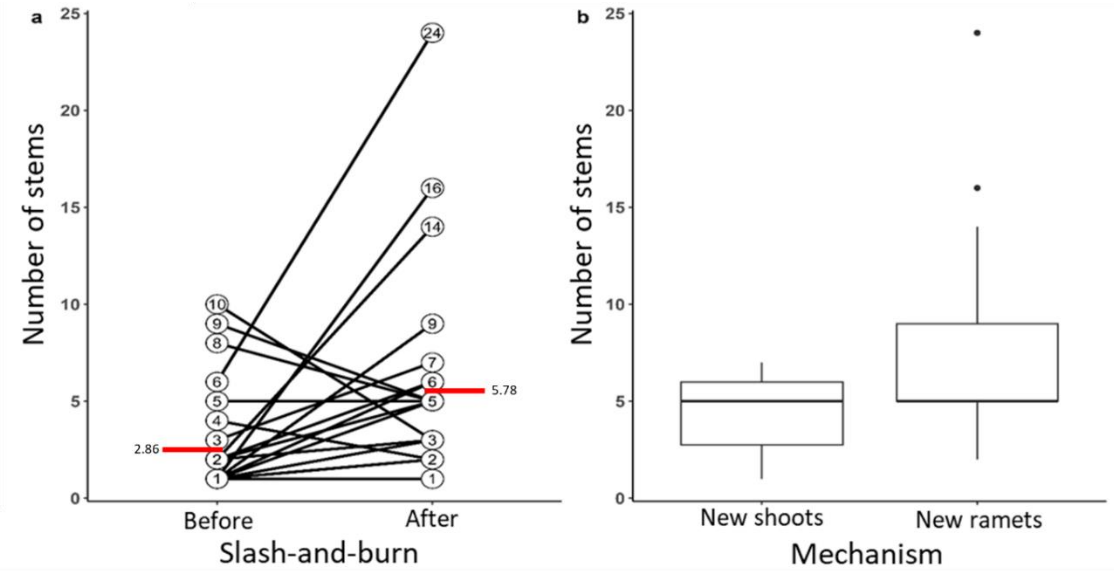


Figure 6. Comparison between the number of stems of individuals before and after the slash-and-burn treatment (mean values indicated with red lines) (a) and the number of stems between individuals that regenerated via new shoots or new root suckers after slash-and-burn (b).

4. DISCUSSION

Our results suggest that most of the currently dominant woody species in a Caatinga dry forest can persist in the environment via different mechanisms after biomass removal treatments that mimic human-induced disturbances. These human disturbances stimulate both plant resprouting via new shoots and clonal growth via root suckers. More species rely on clonal growth than exclusively resprouting, although both mechanisms have similar relative importance regarding the number of persisting individuals after slash-and-burn. Higher disturbance intensity increases the frequency of clonality, and the two mechanisms can simultaneously occur in the same tree under intermediate disturbance, although it is rare. Despite the widespread abilities of species to persist, the slash-and-burn treatment led to a drastic reduction of the initial aboveground regeneration, with a putative mortality of nearly 70% of individuals in six months. The tree species that survived complete aboveground biomass (AGB) removal show an increased number of stems via both persistence mechanisms, becoming multi-stemmed trees if they were not already. A greater number of new stems were produced as clonal root suckers versus shoots from the core rootstock, but the latter strategy is almost entirely responsible for the initial aboveground biomass recovery. Surprisingly, none of the structural characteristics predict the ability to persist following disturbances.

While resprouting and clonal growth are observed in fire-prone and human-disturbed ecosystems (Bond and Midgley, 2003; Espelta et al., 2003; McDonald, 2010; Mostacedo et al., 2022; Pausas and Keeley, 2014; Saha and Howe, 2003), data on these mechanisms are still limited for dry forest ecosystems where fire is not common (Dexter et al., 2018). Our findings support the hypothesis of widespread persistence in Caatinga woody species under increasing disturbance regimes, validating previous findings about multiple persistence mechanisms across Caatinga species (Araújo et al., 2007; Gariglio et al., 2010; Sampaio et al., 1993; Vanderlei et al., 2021). Despite addressing a small but highly abundant subset of the Catimbau flora (six species), the observed reliance on vegetative propagation may potentially explain their dominance within the landscape (Rito et al., 2017a). It highlights the need for further studies exploring these mechanisms, preferably with increased sample size to allow improved considerations and drier AGB, since some of our non-significant results (e.g., structural characteristics predicting persistence success) may be due to limited sample size. Furthermore, this propagation strategy may also account for their extensive occurrence under different environmental and human pressures across the 850.000 km² Caatinga region (Caruzo et al., 2020; Loiola and Costa-Lima, 2015; Maya-Lastra., C.A.; Torres, D.S.C.; Cordeiro, I.; Silva, 2020; Queiroz, 2020; Vaz, 2020).

Several perspectives emerge from combining the persistence across species, driven by human disturbances, and the historical situation of the Caatinga, which has received limited scientific attention and insufficient legal protection (DeAlbuquerque et al., 2012; Lessa et al., 2019; Santos, 2011; Teixeira et al., 2021). Firstly, it reinforces the role of human disturbances in driving forest regeneration and structural changes (Chaturvedi et al., 2017; Chazdon, 2003; Gardner et al., 2009). Secondly, it highlights the importance of clonal growth as a regeneration strategy in woody plant species in human-modified landscapes, expanding the existing knowledge predominantly focused on herbaceous species and shrubs (Fahrig et al., 1994; Klimešová et al., 2018; Ott et al., 2019). And thirdly, given the current evidence on plant resprouting and clonal growth in this ecosystem (Barros et al., 2021; Noutcheu et al., 2023; Sampaio et al., 1993; Vanderlei et al., 2021), it is reasonable to expect that unexplored Caatinga species may also rely on these mechanisms, particularly clonal growth, given the physical effort required for field excavation and the lack of studies exploring belowground structures *in situ*, such as root buds.

The ability to persist is traditionally considered a binary trait (e.g., resprouters vs non-resprouters; Moreira et al., 2012; Pausas et al., 2016). However, factors beyond intrinsic persistence capacity also influence persistence success. In other words, not every tree of a species that can persist after a disturbance will automatically do so, nor do their structural characteristics necessarily reflect their persistence ability. Non-structural carbohydrates (NSC) storages are crucial for producing new shoots and root suckers, and disturbance levels and seasonal changes that influence the above and belowground NSC pools likely impact persistence success (Mondal and Sukumar, 2015; Nzunda et al., 2008; Würth et al., 2005). For instance, high-intensity disturbances like fire can damage aboveground buds and stimulate additional root buds (de Rouw, 1993; Pausas et al., 2018). In this sense, both NSC and water reserves stored in root systems (O'Brien et al., 2014) facilitate aboveground biomass maintenance and recovery via resprouting and new root suckers' formation from remaining buds (see Clarke et al., 2010; Hayashi and Appezzato-da-Glória, 2009), especially during the dry season (Pausas et al., 2016). Furthermore, distinct responses to the slash-and-burn simulation among the three Euphorbiaceae species in our study (i.e., *C. bahianus* via both mechanisms, *C. argyrophylloides* via clonal growth, and *J. mutabilis* complete apparent mortality) reinforce how diverse strategies can exist even within evolutionary clades (Bond and Midgley, 2003). It may also indicate the different survival strategies between single and multi-stemmed trees in disturbed ecosystems (Su et al., 2020; Ware et al., 2022). A combination of environmental, physiological, evolutionary, and anthropogenic factors, plus disturbance intensities, may drive variation in woody plant persistence.

A considerable proportion of the Caatinga flora resprouts (see Araújo and Tabarelli, 2002; Figueirôa et al., 2006; Noutcheu et al., 2023; Sampaio et al., 1993), and the implications for forest regeneration and resilience in the socio-ecological context of constant use of forest resources has been recently explored (see Barros et al., 2021; Noutcheu et al., 2023; Sobrinho et al., 2016; Souza et al., 2021; Vanderlei et al., 2021). Still, very little is known about the extent of clonal growth among Caatinga woody species and its ecological and genetic implications (Araújo et al., 2007; Vanderlei et al., 2021), especially considering the impoverished seed rain, banks and seedling assemblages sensitive to human disturbances, intense herbivory by goats, and rainfall patterns (Bezerra et al., 2022; Lins et al., 2022; Paula et al., 2023; Ribeiro et al., 2015; Vanderlei et al., 2022). The persisting flora is characterized by the dominance of disturbance-adapted species that represent multi-stemmed, shorter trees, and root suckers that may accumulate more carbon, persist longer, and have a slower turnover than single-stemmed trees (Bellingham and Sparrow, 2009; Ware et al., 2022). While these regeneration dynamics may indicate forest resilience, species lacking the ability to persist are typically excluded from disturbed sites, thus leading to biotic homogenization. Therefore, the interplay of factors favoring plant persistence while disfavoring seed germination and seedling recruitment highlights the crucial role of plant persistence in dry forest regeneration.

In synthesis, the Caatinga dry forest supports a relatively high proportion of woody plant species able to persist after disturbances via multiple mechanisms. These persisting tree species play important ecosystem-level roles in forest regeneration, resilience, dominance, and diversity. Nonetheless, human disturbances that completely remove aboveground biomass may drastically reduce species abundances by potentially reducing buds' viability and excluding species without any persistence mechanism. Vegetative persistence (rather than via seedling) may also lower genetic diversity, with implications for ecosystem functioning, such as population stability and primary production (Dong-Wei et al., 2007). Given the importance of different regeneration mechanisms for dry forests under different types of natural and human disturbances in distinct parts of the world (Pausas et al., 2016), and considering the millions of hectares of dry forests exploited yearly for the livelihood of local populations (Sunderland et al., 2015), not to mention imminent climate change (Magrin et al., 2014), assessing the generality of persistence mechanisms across the flora of human-disturbed landscapes is necessary to improve conservation strategies, ecological restoration, and understand the future of tropical dry forests.

5. CONCLUSION

Human disturbances affect regeneration mechanisms of dry forest species, with some demonstrating the ability to persist through resprouting and clonal growth. However, it is important to note that not all species exhibit this capacity for persistence. Disturbances involving the complete removal of aboveground biomass followed by burning result in a significant decline in plant abundance. Nevertheless, among the persisting individuals, there is a notable increase in shoot production, particularly through clonal growth. While structural characteristics can serve as indicators for estimating fresh aboveground biomass, they do not necessarily correlate with the ability to persist. These findings underscore the need for careful consideration of the diverse responses and varying persistence mechanisms exhibited by dry forest species in the face of human-induced disturbances. Future studies should focus on assessing belowground structures, physiology, and how disturbances affect bud numbers and viability.

Funding

This work was supported by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq PELD process 441386/2016-4) and Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE, PRONEX process APQ 0138-2.05/14). The studies in the Caatinga dry forest have also been supported by the Alexander Von Humboldt Foundation. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

References

Albuquerque, U.P., Araújo, E.L., de Castro, C.C., Alves, R.R.N., 2017. People and natural resources in the Caatinga, in: Caatinga: The Largest Tropical Dry Forest Region in South America. Springer, Cham, pp. 303–333.

Almeida-Rocha, J.M., Soares, L.A.S.S., Andrade, E.R., Gaiotto, F.A., Cazetta, E., 2020. The impact of anthropogenic disturbances on the genetic diversity of terrestrial species: A global meta-analysis. Mol Ecol 29, 4812–4822. https://doi.org/10.1111/mec.15688

Araújo, E.L., Castro, C.C., Albuquerque, U.P., 2007. Dynamics of Brazilian Caatinga – A Review Concerning the Plants , Environment and People. Functional Ecosystems and Communities 1, 15–28.

Araújo, E.L., Tabarelli, M., 2002. Estudos de ecologia de populações de plantas do nordeste do Brasil, in: Araújo, E.L., Moura, A.N., Sampaio, E.V.S.B., Gestinari, L.M.S., Carneiro, J.M.T. (Eds.), Biodiversidade, Conservação e Uso Sustentável Da Flora Do Brasil. Imprensa Universitária, Recife, pp. 135–142.

Barros, M.F., Ribeiro, E.M.S., Vanderlei, R.S., de Paula, A.S., Silva, A.B., Wirth, R., Cianciaruso, M. V., Tabarelli, M., 2021. Resprouting drives successional pathways and the resilience of Caatinga dry forest in human-modified landscapes. For Ecol Manage 482, 118881. https://doi.org/10.1016/j.foreco.2020.118881

Bates, D., Mächler, M., Bolker, B.M., Walker, S.C., 2015. Fitting linear mixed-effects models using lme4. J Stat Softw 67. https://doi.org/10.18637/jss.v067.i01

Bellingham, P.J., Sparrow, A.D., 2009. Multi-stemmed trees in montane rain forests: Their frequency and demography in relation to elevation, soil nutrients and disturbance. Journal of Ecology 97, 472–483. https://doi.org/10.1111/j.1365-2745.2009.01479.x

Bellingham, P.J., Sparrow, A.D., 2000. Resprouting as a life history strategy in woody plant communities. Oikos 89, 409–416.

Bezerra, J.S., Arroyo-Rodríguez, V., Tavares, J.M., Leal, A., Leal, I.R., Tabarelli, M., 2022. Drastic impoverishment of the soil seed bank in a tropical dry forest exposed to slash-and-burn agriculture. For Ecol Manage 513, 120185. https://doi.org/10.1016/j.foreco.2022.120185

Bond, W.J., Midgley, J.J., 2003. The evolutionary ecology of sprouting in woody plants. Int J Plant Sci. https://doi.org/10.1086/374191

Bond, W.J., Midgley, J.J., 2001. Ecology of sprouting in woody plants : the persistence niche. Trends Ecol Evol 16, 45–51.

Buisson, E., le Stradic, S., Silveira, F.A.O., Durigan, G., Overbeck, G.E., Fidelis, A., Fernandes, G.W., Bond, W.J., Hermann, J.M., Mahy, G., Alvarado, S.T., Zaloumis, N.P., Veldman, J.W., 2018. Resilience and restoration of tropical and subtropical grasslands, savannas, and grassy woodlands. Biological Reviews 94, 590–609. https://doi.org/10.1111/brv.12470

Caruzo, M.B.R.;, Medeiros, D.;, Santos, R.F.D.;, Pereira, A.P.N.;, Torres, D.S.C.;, Secco, R.S.;, Muniz Filho, E.;, Valduga, E.;, Lima, L.R.;, Riina;, R., Rossine, Y., 2020. Croton in Flora do Brasil 2020.

Cavalcanti, L.C. de S., Corrêa, A.C. de B., 2014. Pluviosidade no parque nacional do Catimbau (Pernambuco): seus condicionantes e seus efeitos sobre a paisagem. Geografia 23, 133–156.

Chaturvedi, R.K., Tomlinson, K.W., Singh, J.S.., Raghubanshi, A.S., 2017. Impacts of human disturbance in tropical dry forests increase with soil moisture stress. Journal of Vegetation Science 28, 997–1007. https://doi.org/10.1111/jvs.12547

Chazdon, R.L., 2003. Tropical forest recovery: Legacies of human impact and natural disturbances. Perspect Plant Ecol Evol Syst 6, 51–71. https://doi.org/10.1078/1433-8319-00042

Clarke, P.J., Lawes, M.J., Midgley, J.J., 2010. Resprouting as a key functional trait in woody plants – challenges to developing new organizing principles. New Phytologist 188, 651–654.

Clarke, P.J., Lawes, M.J., Midgley, J.J., Lamont, B.B., Ojeda, F., Burrows, G.E., Enright, N.J., Knox, K.J.E., 2012. Resprouting as a key functional trait: How buds, protection and resources drive persistence after fire. New Phytologist 197, 19–35. https://doi.org/10.1111/nph.12001

Coimbra-Filho, A.F., Câmara, I.G., 1996. Os limites originais do bioma Mata Atlântica na região Nordeste do Brasil. Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, Rio de Janeiro.

Crawley, M.J., 2015. Statistics - An introduction using R, Second edi. ed. John Wiley & Sons, Chichester.

Dabao, Z., 2023. R-Squared and Related Measures.

De Albuquerque, U.P., De Lima Araújo, E., El-Deir, A.C.A., De Lima, A.L.A., Souto, A., Bezerra, B.M., Ferraz, E.M.N., Maria Xavier Freire, E., Sampaio, E.V.D.S.B., Las-Casas, F.M.G., De Moura, G.J.B., Pereira, G.A., De Melo, J.G., Alves Ramos, M., Rodal, M.J.N., Schiel, N., De Lyra-Neves, R.M., Alves, R.R.N., De Azevedo, S.M., Telino, W.R., Severi, W., 2012. Caatinga revisited: Ecology and conservation of an important seasonal dry forest. The Scientific World Journal. https://doi.org/10.1100/2012/205182

de Rouw, A., 1993. Regeneration by sprouting in slash and burn rice cultivation, Tai rain forest, Cote d'Ivoire. J Trop Ecol 9, 387–408.

Development Core Team, R., 2019. R: Language and Environment for Statistical Computing.

Dexter, K.G., Pennington, R.T., Oliveira-Filho, A.T., Bueno, M.L., Silva de Miranda, P.L., Neves, D.M., 2018. Inserting Tropical Dry Forests Into the Discussion on Biome Transitions in the Tropics. Front Ecol Evol 6. https://doi.org/10.3389/fevo.2018.00104

Dietze, M.C., Sala, A., Carbone, M.S., Czimczik, C.I., Mantooth, J.A., Richardson, A.D., Vargas, R., 2014. Nonstructural carbon in woody plants. Annu Rev Plant Biol 65, 667–687. https://doi.org/10.1146/annurev-arplant-050213-040054

Dong-Wei, S., Yuan-Yuan, L., Xiao-Yong, C., 2007. Review of clonal diversity and its effects on ecosystem functioning. Chinese Journal of Plant Ecology 31, 552–560. https://doi.org/10.17521/cjpe.2007.0071

Espelta, J.M., Retana, J., Habrouk, A., 2003. Resprouting patterns after fire and response to stool cleaning of two coexisting Mediterranean oaks with contrasting leaf habits on two different sites. For Ecol Manage 179, 401–414.

Fahrig, L., Coffin, D.P., Lauenroth, W.K., Shugart, H.H., 1994. The advantage of long-distance clonal spreading in highly disturbed habitats. Evol Ecol 8, 172–187.

Figueirôa, J.M. de, Pareyn, F.G.C., Araújo, E. de L., Silva, C.E. da, Santos, V.F. dos, Cutler, D.F., Baracat, A., Gasson, P., 2006. Effects of cutting regimes in the dry and wet season on survival and sprouting of woody species from the semi-arid caatinga of northeast Brazil. For Ecol Manage 229, 294–303. https://doi.org/10.1016/j.foreco.2006.04.008

Gardner, T.A., Barlow, J., Chazdon, R., Ewers, R.M., Harvey, C.A., Peres, C.A., Sodhi, N.S., 2009. Prospects for tropical forest biodiversity in a human-modified world. Ecol Lett 12, 561–582. https://doi.org/10.1111/j.1461-0248.2009.01294.x

Gariglio, M.A., Kageyama, P.Y., Sampaio, E.V. de S.B., Cestaro, L.A., 2010. Uso sustentável e Conservação dos recursos florestais da Caatinga, 2°. ed. Serviço Florestal Brasileiro, Brasília/DF.

Grady, J.M., Hoffmann, W.A., 2012. Caught in a fire trap: Recurring fire creates stable size equilibria in woody resprouters. Ecology 93, 2052–2060. https://doi.org/10.1890/12-0354.1

Hartig, F., 2022. DHARMa: Residual Diagnostics for Hierarchical (Multi-Level / Mixed) Regression Models. R package version 0.4.6. [WWW Document]. http://florianhartig.github.io/DHARMa/.

Hayashi, A.H., Appezzato-da-glória, B., 2009. Resprouting from roots in four Brazilian tree species. International Journal of Tropical Biology 57, 789–800.

Hoffmann, W.A., Adasme, R., Haridasan, M., De Carvalho, M.T., Geiger, E.L., Pereira, M.A.B., Gotsch, S.G., Franco, A.C., 2009. Tree topkill, not mortality, governs the dynamics of savanna-forest boundaries under frequent fire in central Brazil, Ecology.

Hothorn, Torsten., Bretz, Frank., Westfall, P.H., 2008. Simultaneous Inference in General Parametric Models. Biometrical Journal 50, 346–363.

Jenik, J., 1994. Clonal Growth in Woody Plants: a Review. Folia Geobot. Phytotax., Praha 29, 291–306. https://doi.org/10.1007/BF02803802

Kammesheidt, L., 1999. Forest recovery by root suckers and above-ground sprouts after slash-and-burn agriculture , fire and logging in Paraguay and Venezuela. J Trop Ecol 15, 143–157.

Kennard, D.K., Gould, K., Putz, F.E., Fredericksen, T.S., Morales, F., 2002. Effect of disturbance intensity on regeneration mechanisms in a tropical dry forest. For Ecol Manage 162, 197–208. https://doi.org/10.1016/S0378-1127(01)00506-0

Klimešová, J., Martínková, J., Herben, T., 2018. Horizontal growth: An overlooked dimension in plant trait space. Perspect Plant Ecol Evol Syst. https://doi.org/10.1016/j.ppees.2018.02.002

Leal, L.C., Andersen, A.N., Leal, I.R., 2014. Anthropogenic disturbance reduces seed-dispersal services for myrmecochorous plants in the Brazilian Caatinga. Oecologia 174, 173–181. https://doi.org/10.1007/s00442-013-2740-6

Lessa, T., Dos Santos, J.W., Correia, R.A., Ladle, R.J., Malhado, A.C.M., 2019. Known unknowns: Filling the gaps in scientific knowledge production in the Caatinga. PLoS One 14. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0219359

Lieberman, D., Li, Mingguang., 1992. Seedling Recruitment Patterns in a Tropical Dry Forest in Ghana Seedling recruitment patterns in a tropical dry forest in Ghana. Journal of Vegetation Science 3, 375–382.

Lins, L., Santos, D., Lira, R., M. P. Oliveira, F., Wirth, R., Menezes, T., Tabarelli, M., Leal, I.R., 2022. Exotic goats do not affect the seed bank but reduce seedling survival in a human-modified landscape of Caatinga dry forest. For Ecol Manage 522. https://doi.org/10.1016/j.foreco.2022.120491

Loiola, M.I.B., Costa-Lima, J.L., 2015. Erythroxylaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil.

Lüdecke, D., Ben-Shachar, M., Patil, I., Waggoner, P., Makowski, D., 2021. performance: An R Package for Assessment, Comparison and Testing of Statistical Models. J Open Source Softw 6, 3139. https://doi.org/10.21105/joss.03139

Maass, J.M., Balvanera, P., Castillo, A., Daily, G.C., Mooney, H.A., Ehrlich, P., Quesada, M., Miranda, A., Jaramillo, V.J., García-oliva, F., Martínez-yrizar, A., Cotler, H., López-blanco, J., Pérez-jiménez, A., Búrquez, A., Tinoco, C., Ceballos, G., Barraza, L., Ayala, R., 2005.

Ecosystem Services of Tropical Dry Forests : Insights from Long- term Ecological and Social Research on the Pacific Coast of Mexico. Ecology and Society 10, 542–564.

Magrin, G.O., Marengo, J.A., Boulanger, J.B., Buckeridge, M.S., Castellanos, E., ..., Vicuña, S., 2014. Central and South America. Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Part B: Regional Aspects. Cambridge and New York.

Maya-Lastra., C.A.; Torres, D.S.C.; Cordeiro, I.; Silva, O.L.M., 2020. Cnidoscolus in Flora do Brasil 2020.

McDonald, M.A., 2010. What are the mechanisms of regeneration post-disturbance in tropical dry forest? Environ Evid 37.

Miller, P.M., Kauffman, J.B., Dec, N., 1998. Seedling and Sprout Response to Slash-and-Burn Agriculture in a Tropical Deciduous Forest. Biotropica 30, 538–546.

Mondal, N., Sukumar, R., 2015. Regeneration of juvenile woody plants after fire in a seasonally dry tropical Forest of Southern India. Biotropica 47, 330–338. https://doi.org/10.1111/btp.12219

Moola, F.M., Vasseur, L., 2008. The importance of clonal growth to the recovery of Gaultheria procumbens L. (Ericaceae) after forest disturbance, in: van der Valk, A.G. (Ed.), Forest Ecology. Springer Netherlands, Dordrecht, pp. 319–337. https://doi.org/10.1007/978-90-481-2795-5_24

Moreira, B., Tormo, J., Pausas, J.G., 2012. To resprout or not to resprout: Factors driving intraspecific variability in resprouting. Oikos 121, 1577–1584. https://doi.org/10.1111/j.1600-0706.2011.20258.x

Mostacedo, B., Viruez, A., Varon, Y., Paz-Roca, A., Parada, V., Veliz, V., 2022. Tree survival and resprouting after wildfire in tropical dry and subhumid ecosystems of Chiquitania, Bolivia. Trees, Forests and People 10. https://doi.org/10.1016/j.tfp.2022.100327

Murphy, P.G., Lugo, 1986. Ecology of tropical dry forest. Annu Rev Ecol Evol Syst 17, 67–88.

Noutcheu, R., Oliveira, F.M.P., Wirth, R., Tabarelli, M., Leal, I.R., 2023. Coppicing as a driver of plant resprouting and the regeneration of a Caatinga dry forest. For Ecol Manage 529, 120736. https://doi.org/10.1016/j.foreco.2022.120736

Nzunda, E.F., Griffiths, M.E., Lawes, M.J., 2008. Sprouting by remobilization of above-ground resources ensures persistence after disturbance of coastal dune forest trees. Funct Ecol 22, 577–582. https://doi.org/10.1111/j.1365-2435.2008.01405.x

O’Brien, M.J., Leuzinger, S., Philipson, C.D., Tay, J., Hector, A., 2014. Drought survival of tropical tree seedlings enhanced by non-structural carbohydrate levels. Nat Clim Chang 4, 710–714. https://doi.org/10.1038/nclimate2281

Oliveira, F.M.P., Ribeiro-Neto, J.D., Andersen, A.N., Leal, I.R., 2016. Chronic anthropogenic disturbance as a secondary driver of ant community structure: Interactions with soil type in Brazilian Caatinga. Environ Conserv 44, 115–123. https://doi.org/10.1017/S0376892916000291

Ott, J.P., Klimešová, J., Hartnett, D.C., 2019. The ecology and significance of below-ground bud banks in plants. Ann Bot 123, 1099–1118. https://doi.org/10.1093/aob/mcz051

Pausas, J.G., Keeley, J.E., 2014. Evolutionary ecology of resprouting and seeding in fire-prone ecosystems. New Phytologist 204, 55–65.

Pausas, J.G., Lamont, B.B., Paula, S., Appezzato-da-Glória, B., Fidelis, A., 2018. Unearthing belowground bud banks in fire-prone ecosystems. New Phytologist 217, 1435–1448. https://doi.org/10.1111/nph.14982

Pausas, J.G., Pratt, R.B., Keeley, J.E., Jacobsen, A.L., Ramirez, A.R., Vilagrosa, A., Paula, S., Kaneakua-pia, I.N., Davis, S.D., 2016. Towards understanding resprouting at the global scale. New Phytologist 209, 945–954.

Pulla, S., Ramaswami, G., Mondal, N., Chitra-Tarak, R., Suresh, H.S., Dattaraja, H.S., Vivek, P., Parthasarathy, N., Ramesh, B.R., Sukumar, R., 2015. Assessing the resilience of global seasonally dry tropical forests. International Forestry Review 17, 91–113. https://doi.org/10.1505/146554815815834796

Queiroz, L.P., 2020. Pityrocarpa in Flora do Brasil 2020.

Ribeiro, E.M.S., Arroyo-Rodríguez, V., Santos, B.A.;, Tabarelli, M., Leal, I.R.;, 2015. Chronic anthropogenic disturbance drives the biological impoverishment of the Brazilian Caatinga vegetation. Journal of Applied Ecology 52, 611–620. https://doi.org/10.1111/1365-2664.12420

Rito, K.F., Arroyo-Rodríguez, V., Queiroz, R.T., Leal, I.R., Tabarelli, M., 2017a. Precipitation mediates the effect of human disturbance on the Brazilian Caatinga vegetation. Journal of Ecology 105, 1–11. https://doi.org/10.1111/1365-2745.12712

Rito, K.F., Tabarelli, M., Leal, I.R., 2017b. Euphorbiaceae responses to chronic anthropogenic disturbances in Caatinga vegetation: from species proliferation to biotic homogenization. Plant Ecol 218, 749–759. https://doi.org/10.1007/s11258-017-0726-x

Saha, S., Howe, H.F., 2003. Species composition and fire in a dry deciduous forest. Ecology 84, 3118–3123. https://doi.org/10.1890/02-3051

Sampaio, E.V.S.B., Salcedo, I.H., Kauffman, J.B., 1993. Effect of Different Fire Severities on Coppicing of Caatinga Vegetation in Serra Talhada, PE, Brazil. Biotropica 25, 452–460. https://doi.org/10.2307/2388868

Santos, J., 2011. Caatinga: the scientific negligence experienced by a dry tropical forest. Trop Conserv Sci 4, 276–286.

Shibata, R., Kurokawa, H., Shibata, M., Tanaka, H., Iida, S., Masaki, T., Nakashizuka, T., 2016. Relationships between resprouting ability, species traits and resource allocation patterns in woody species in a temperate forest. Funct Ecol 30, 1205–1215. https://doi.org/10.1111/1365-2435.12616

Silva, J.M.C. da;, Leal, I.R., Tabarelli, M., 2017. Caatinga: The Largest Tropical Dry Forest Region in South America. Springer International Publishing. https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-3-319-68339-3

Singh, S.P., 1998. Chronic disturbance, a principal cause of environmental degradation in developing countries. Environ Conserv 25. https://doi.org/10.1017/S0376892998000010

Sobrinho, M.S., Tabarelli, M., Machado, I.C., Sfair, J.C., Bruna, E.M., Lopes, A. V., 2016. Land use, fallow period and the recovery of a Caatinga forest. Biotropica 48, 586–597. https://doi.org/10.1111/btp.12334

Souza, C.R., Gianasi, F.M., Maia, V.A., Silva, A.M. da, Silva, W.B., Santos, R.M., 2021. Different heights of resprouting by trees: Response to small-scale environmental restrictions in a non-fire-prone Caatinga tropical dry forest. For Ecol Manage 498. https://doi.org/10.1016/j.foreco.2021.119541

Souza, D.G., Sfair, J.C., de Paula, A.S., Barros, M.F., Rito, K.F., Tabarelli, M., 2019. Multiple drivers of aboveground biomass in a human-modified landscape of the Caatinga dry forest. For Ecol Manage 435, 57–65. https://doi.org/10.1016/j.foreco.2018.12.042

Su, S.-H., Guan, B.T., Chang-Yang, C.-H., Sun, I.-F., Wang, H.-H., Hsieh, C.-F., 2020. Multi-stemming and size enhance survival of dominant tree species in a frequently typhoon-disturbed forest. Journal of Vegetation Science 31, 429–439. https://doi.org/10.1111/jvs.12858

Sunderland, T., Apgaua, D., Baldauf, C., Blackie, R., Colfer, C., Cunningham, A.B., Dexter, K., 2015. Global dry forests : a prologue. International Forestry Review 17, 1–9. https://doi.org/10.1505/146554815815834813

Teixeira, L.P., Lughadha, E.N., da Silva, M.V.C., Moro, M.F., 2021. How much of the Caatinga is legally protected? An analysis of temporal and geographical coverage of protected areas in the Brazilian semiarid region. Acta Bot Brasilica 35, 473–485. https://doi.org/10.1590/0102-33062020ABB0492

Trindade, D.P.F., Sfair, J.C., de Paula, A.S., Barros, M.F., Tabarelli, M., 2020. Water availability mediates functional shifts across ontogenetic stages in a regenerating seasonally dry tropical forest. Journal of Vegetation Science 0–3. https://doi.org/10.1111/jvs.12896

Vanderlei, R.S., Barros, M.F., Domingos-Melo, A., Alves, G.D., Silva, A.B., Tabarelli, M., 2021. Extensive clonal propagation and resprouting drive the regeneration of a Brazilian dry forest. J Trop Ecol 37, 35–42. https://doi.org/10.1017/s0266467421000079

Vanderlei, R.S., Barros, M.F., Leal, I.R., Tabarelli, M., 2022. Impoverished woody seedling assemblages and the regeneration of Caatinga dry forest in a human-modified landscape. Biotropica 670–681. https://doi.org/10.1111/btp.13081

Vaz, A.M.S.F., 2020. Bauhinia in Flora do Brasil 2020.

Vesk, P.A., Yen, J.D.L., 2019. Plant resprouting: How many sprouts and how deep? Flexible modelling of multi-species experimental disturbances. Perspect Plant Ecol Evol Syst 41, 1–9. https://doi.org/10.1016/j.ppees.2019.125497

Ware, I.M., Ostertag, R., Cordell, S., Giardina, C.P., Sack, L., Medeiros, C.D., Inman, F., Litton, C.M., Giambelluca, T., John, G.P., Scoffoni, C., 2022. Multi-Stemmed Habit in Trees Contributes Climate Resilience in Tropical Dry Forest. Sustainability (Switzerland) 14. https://doi.org/10.3390/su14116779

Würth, M.K.R., Peláez-Riedl, S., Wright, S.J., Körner, C., 2005. Non-structural carbohydrate pools in a tropical forest. Oecologia 143, 11–24. https://doi.org/10.1007/s00442-004-1773-2

Human disturbances reduce tree abundance and stimulate woody plant resprouting and clonal growth in a tropical dry forest

Renato Soares Vanderlei[1], Maria Fabíola Barros[2,3], Kyle G. Dexter[4,5], Marcelo Tabarelli[1], Mauro Guida Santos[1]

[1] Departamento de Botânica, Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Cidade Universitária, Av. Professor Moraes Rego, CEP: 50670-901, Recife, Pernambuco, Brazil

2 Museu Paraense Emílio Goeldi, Av. Magalhães Barata, Belém 66040-170, Pará, Brazil

3 Instituto Tecnológico Vale (ITV), R. Boaventura da Silva, 955, 66055–090, Belém, Pará, Brazil

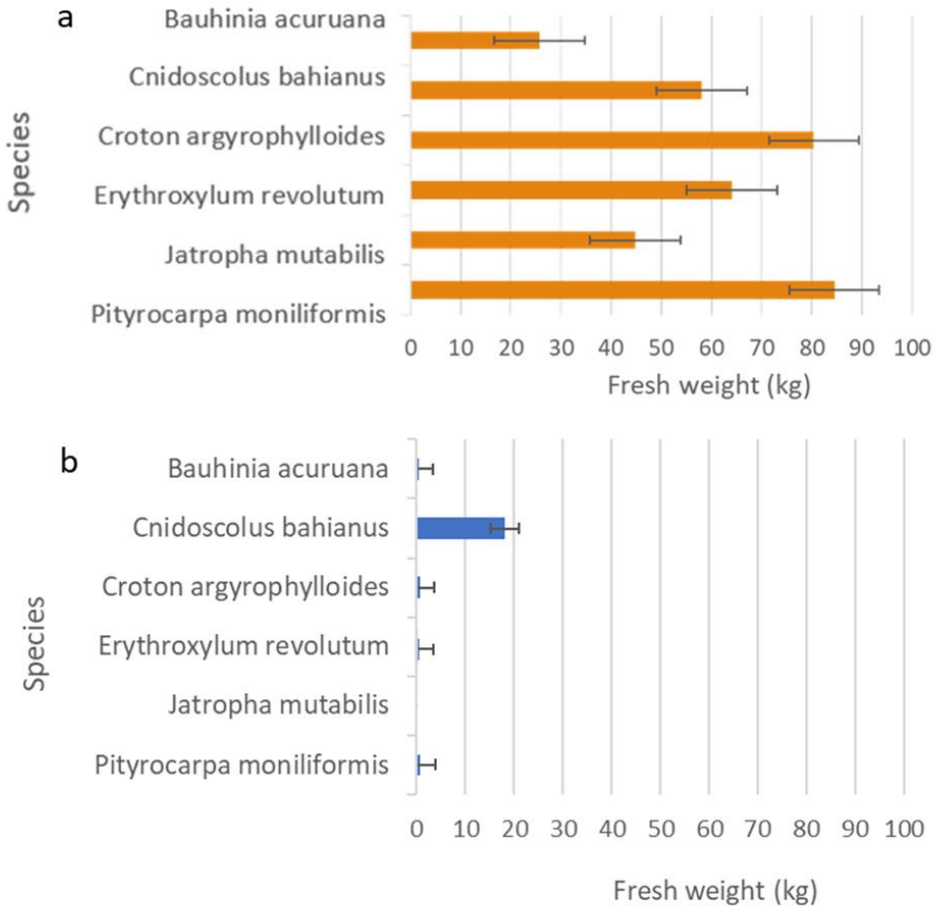
4 School of GeoSciences, University of Edinburgh, Edinburgh EH9 3FF, United Kingdom

5 Royal Botanic Garden Edinburgh, Edinburgh EH3 5LR, United Kingdom

Corresponding author: renato.vanderlei@gmail.com

SUPPLEMENTARY FIGURES

Figure S1. The sum of fresh aboveground biomass for each species before (orange) and after (blue) the slash-and-burn disturbance treatment.



SUPPLEMENTARY TABLES

Table S1 – Models used to answer each question, using generalized linear model (glm) or mixed models (lmer / glmer).

1) how the ability to persist via either new shoots or root suckers varied among species: - glmer(persistence_binary~species+(1|treatment), family=binomial(link="logit"), where: persistence_binary = 0 for individuals that did not produce new shoots or root suckers and 1 for individuals who produced new shoots or root suckers;
2) how increasing intensities of disturbance affect clonal growth via new root suckers a) the number of individuals that produced new root suckers among treatments - glmer(ind_rootsucker~treatment+(1|species), family=poisson(link="log"), where: ind_ rootsucker = number of individuals that produced at least one root sucker; b) number of new root suckers produced among treatments: - glmer(root_suckers~treatment+(1|species), family=poisson(link="log")), where root_suckers= number of new root suckers produced;
3) how disturbances affect the number of stems between both resprouting and clonal growth: a) - glmer(n_stems~status+(1|species/id), family=poisson(link="log"), where: n_stems = number of stems, status = pre- and post-disturbances; b) - glmer(stems_post~mechanism+(1|species), family=poisson(link="log")), where: stems_post = number of root suckers after slash-and-burn treatment, mechanism = root suckers or new shoots from resprouting.
4) whether structural characteristics can be significant predictors of pre-disturbance aboveground biomass: - lmer(log(agb_pre) ~ height_pre + dgl_pre + stems_pre + (1|species)); and a mixed liner model for each separate species: glm(agb_pre ~ height_pre + dgl_pre + stems_pre), where: agb_pre = abovegorund biomass, dgl = diameter at ground level, stems = number of stems
5) whether structural characteristics can be significant predictors of successful persistence: - glmer(persistence_binary~ height_pre + dgl_pre + agb_pre + stems_pre + (1|species), family=binomial(link = "logit")

Table S2. Multiple regression values between the predictor variables height (m), diameter at ground level (DGL) (cm), and number of stems and the fresh aboveground biomass of the trees prior to the experiments. χ^2, p and adjusted r^2 values are given.

	Predictor	**$\chi 2$**	***p value***		**r^2_{adj}**	**Slope value**	**Confidence intervals**	
							2.5%	**97.5%**
All species	Height (m)	32.95	< 0.0001	***	0.69	0.34	0.19	0.49
	DGL (cm)	31.009	< 0.0001	***		0.65	0.43	0.86
	Nº of stems	10.275	0.0021	***		-0.39	-0.65	-0.13
Bauhinia acuruana	Height (m)	1.7478	0.2343		0.93	0.59	-0.27	1.44
	DGL (cm)	54.3335	0.0003	***		2.58	1.89	3.26
	Nº of stems	6.9227	0.0390	*		-1.48	-2.58	-0.37
Cnidoscolus bahianus	Height (m)	3.97	0.0715		0.91	0.44	0.01	0.87
	DGL (cm)	15.81	0.0021	**		1.77	0.89	2.64
	Nº of stems	3.31	0.0957			0.96	-0.07	1.98
Croton argyrophylloides [1]	Height (m)	0.7678	0.3808		0.84	-1.51	-4.87	1.86
	DGL (cm)	0.3955	0.0653			2.53	-0.16	5.21
	Nº of stems	0.4583	0.4984			2.11	-4.01	8.23
Erythroxylum revolutum	Height (m)	3.5863	0.1071		0.90	1.99	-0.06	4.03
	DGL (cm)	7.1628	0.0367	*		3.56	0.95	6.17
	Nº of stems	0.2795	0.6160			-0.77	-3.63	2.09
Jatropha mutabilis	Height (m)	6.6467	0.0242	*	0.83	1.12	0.26	1.98
	DGL (cm)	17.3861	0.0013	**		5.31	2.81	7.81
	Nº of stems	NA	NA				NA	NA

Pityrocarpa moniliformis	Height (m)	19.5371	< 0.0001	***	0.88	3.66	2.03	5.28
	DGL (cm)	18.4337	< 0.0001	***		3.65	1.98	5.32
	Nº of stems	9.1817	0.0024	**		-2.29	-3.77	-0.81

---

[1] *Croton argyrophylloides* presented high multicollinearity among its variables (VIF > 15). We then used a stepwise function to choose the best model. DGL proved to be the best predictor with lowest AIC; $\chi2=60.05$, $p<0.0001$, $r^2adj=0.86$. Slope = 1.56 (2.5% = 2.29, 97.5% = 3.85).

Table S3. The total number of individuals per species and treatment, frequency of each persistence mechanism (i.e., resprouting via shoots and clonal growth via ramets) in each treatment, and combined frequency of persistence mechanisms after six months of the disturbances. The number of trees used for each treatment was exactly 1/3 of the total number of individuals.

Species	**Nº of individuals**	**Control group**		**Partial removal**		**Slash-and-burn**		**Persistence mechanism's frequency**
		Via shoots	Via ramets	Via shoots	Via ramets	Via shoots	Via ramets	
Bauhinia_acuruana	30	0	0	0	0	1	0	1
Cnidoscolus_bahianus	45	0	0	0	0	11	1	12
Croton_argyrophylloides	30	0	1	2	4	0	5	12
Erythroxylum_revolutum	30	0	0	0	0	0	1	1
Jatropha_mutabilis	45	0	0	0	0	0	0	0
Pityrocarpa_moniliformis	30	0	1	0	1	0	4	6
Total	210	0	2	2	5	12	11	32

Table S4. Results of the generalized linear mixed model (glmm) used to understand whether structural characteristics pre-disturbances can be significant predictors of successful persistence: glmer(persistence_binary~ height_pre + dgl_pre + agb_pre + stems_pre + (1|species), family=binomial(link = "logit"), where: persistence_binary = 0 for individuals that did not produce new shoots or root suckers and 1 for individuals that produced new shoots or root suckers, agb_pre = abovegorund biomass (kg), dgl_pre = diameter at ground level (cm), stems_pre = number of stems of the trees prior to the experiment. VIF (Variance Inflation Factors), χ^2, *p*, slope and 95% confidence intervals, and r^2 value of the model are given.

Predictor	VIF	***χ2***	***p value***	**Slope value**	**Confidence intervals**		***r²***
					2.5%	**97.5%**	
Height_pre	1.79	0.34	0.55	0.33	-0.61	1.27	0.39
DGL_pre	9.07	0.12	0.72	-0.29	-1.99	1.42	
AGB_pre	4.81	0.22	0.63	0.08	-0.26	0.41	
Stems_pre	4.09	0.49	0.48	0.59	-1.01	2.18	

4. Capítulo 2: Changes in non-structural carbohydrates dynamics and leaf functional traits in tropical dry forest woody species after slash-and-burn disturbance

Manuscrito a ser submetido para a revista *Applied Vegetation Science*

Impacts of slash-and-burn disturbance on non-structural carbohydrates, structure, and leaf traits in regenerating woody dominant species in a tropical dry forest

Renato Soares Vanderlei[1], Mariana Gonçalves Santos[1], Marcelo Tabarelli[1], Mauro Guida dos Santos

[1] Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Pernambuco, Av. Professor Moraes Rego, Cidade Universitária. 50.670-901. Recife, Pernambuco, Brazil.

Corresponding author: renato.vanderlei@gmail.com

Abstract

Plants can cope with disturbances by persisting via different regeneration mechanisms, such as resprouting and clonal growth. Non-structural carbohydrates (NSC) play a crucial role in this process, supporting biomass recovery and guaranteeing the continuity of the ecosystem services provision. However, the effect of human-induced disturbances in NSC dynamics of regenerating tropical dry forest species and their trade-offs between growth and storage remain poorly explored, particularly in non-fire-prone ecosystems. In this study, we investigate how the slash-and-burn disturbance affects soluble sugars (SS) and starch concentrations in different plant organs and leaf traits, also addressing their relationships with plant structural characteristics. We used data from an experiment that simulated slash-and-burn practice *in situ* using six abundant species, comparing its effects between undisturbed trees (n=70) and regenerating individuals (n=23) six months after the disturbance. Soluble sugars exhibit greater variability among plant organs and with few differences between treatments. Higher SS concentrations are observed in leaves and stems when compared to roots, whereas there are minimal disparities in starch concentrations. Plants with high NSC do not necessarily persist, as evidenced by the NSC values *Jatropha mutabilis* but zero persisting individuals. Regenerating individuals can rapidly attain NSC concentrations in stems and roots comparable to those of adult, undisturbed trees after a six-month rainy period, producing leaves with more acquisitive resource-use traits (e.g., thinner leaves with lower dry matter content) and similar leaf area, specific area, succulence, and construction cost. Our findings underscore the role of starch in roots as a crucial source for initial post-disturbance biomass increment and leaf trait development. Integrating these findings enhances our understanding of the ecophysiological mechanisms driving plant persistence and regeneration in disturbed dry forests. We also highlight the need for further exploration into the underlying processes governing post-disturbance NSC dynamics to support forest resilience.

Key-words: Slash-and-burn agriculture, Land-use, Leaf functional traits, Regeneration dynamics, Vegetative propagation, Resprouting, Root suckers.

1. Introduction

Human disturbances have caused striking changes in tropical forests worldwide, leading to significant changes in vegetation cover due to biomass loss (Fahrig, 2003; Fischer & Lindenmayer, 2007; Sagar et al., 2003) and converting old-growth forests into human-modified landscapes with various forms of land use (Arroyo-Rodríguez et al., 2017). This has been particularly the case of tropical dry forests (*sensu* (Pennington et al. 2009), which are home to about 1 billion people around the world who rely on the forest's resources for survival (Silva et al., 2017) using traditional methods of subsistence such as slash-and-burn agriculture (Curtis et al., 2018). This practice involves cutting down trees at the soil level and then burning the plant biomass, leading to increased soil exposure, and consequently disrupting soil seed banks, seed germination, and seedling recruitment (Bezerra et al, 2021; Chaturvedi et al., 2017; Lieberman and Li, 1992), severely impacting the forest regeneration. In this context, some species can persist in the environment and regenerate via different mechanisms, such as resprouting via new shoots and clonal growth via root buds, but the effects of this practice on the structure and physiological aspects of the regenerating individuals remain unexplored.

Plants use part of the carbon produced via photosynthesis as non-structural carbohydrates (hereafter NSC), mainly soluble sugars (SS) and starch (Dietze et al., 2014). Soluble sugars represent an immediate substrate for metabolic functions, such as respiration and defense demands (DIETZE et al., 2014; MARTÍNEZ-VILALTA et al., 2016a), while starch is a reserve, long-term compound that is less mobile and needs to be converted in SS for use. NSC can be dynamically partitioned among leaves, stems, and roots according to the plant's needs (Basu et al., 2016). For instance, during favorable environmental conditions and water availability periods, plants allocate a significant portion of NSC to leaves for increased photosynthetic activity and carbohydrate production, while storing part of the NSC in their roots to support future growth. When facing intense disturbances that completely remove the aboveground biomass and, consequently, the photosynthetic tissue, species that possess the ability to persist use the stored NSC as the main energy source for sustaining metabolic processes and supporting the development of new tissues at periods of negative carbon source–sink balances (Chapin et al. 1990). The NSC are mobilized to the dormant buds to initiate biomass recovery (Dietze et al., 2014; Klimesova et al., 2018; Moreira et al., 2012), and here we refer to the production of new shoots and root suckers either from buds located in the root collar or in roots. In this context, plant growth, survival, and the characteristics of new leaves and stems can be related to how well plants are able to use these stored compounds (Piper, 2011).

An initial regeneration dominated by persisting plants offers advantages over seed germination, particularly in environments with frequent disturbances and in highly seasonal (Buisson et al., 2018; Kammesheidt, 1999; Kennard et al., 2002). Successful seed germination relies on suitable environmental conditions, such as temperature and moisture, but seedlings represent the most vulnerable ontogenetic stage in a plant's life (Engelbrecht et al., 2006). In contrast, regrowing from an existing root system with stored non-structural carbohydrates (NSCs) enables rapid biomass recovery and ecosystem functions (Du et al., 2020), especially in water-limited periods. Regenerating plants are expected to 1) use stored NSCs to grow new tissue from buds, 2) rapidly produce leaves to initiate photosynthesis and maintain metabolic processes, and 3) replenish carbohydrates to prepare for potential future disturbances (Palacio et al., 2012). Root suckers have additional advantages, including sharing substances and signals among connected clones through roots (i.e., clonal integration (Dong-Wei et al., 2007) and producing root suckers away from the mother plant, along the root-network (Jenik, 1994). These characteristics are crucial for plant survival by increasing the available pool of nutrients and spatially spreading the initial colonization away from disturbance sources. However, not all species can persist, leading to a selection of those able to cope with continuous disturbances and a potential taxonomic homogenization of communities. Additionally, individuals that persist after aboveground biomass loss may exhibit changes in functional characteristics such as changes in leaf traits and construction cost (Peña-Rojas et al., 2005) and increased number of stems (i.e., multistemmed trees).

Similar to several dry forests across the world under human disturbances and seasonal water variation, the Brazilian Caatinga has a flora adapted to the variation in water availability (Dantas et al., 2020; Pinho et al., 2019; Santos et al., 2021) and biomass removal (Sfair et al., 2018), even across different ontogenetic stages (Trindade et al., 2020; Vanderlei et al., 2021, 2022). Persisting in the environment via different mechanisms apparently has a significant contribution in terms of survival, the dominance of plant species, and Caatinga forest regeneration and resilience (Barros et al., 2021; Gariglio et al., 2010; Sampaio et al., 1993; Vanderlei et al., 2021). This importance is likely to increase in the context of slash-and-burn agriculture, since a) Caatinga is not a fire-prone ecosystem, thus its flora is not expected to be adapted to fire (de Queiroz et al., 2017) and b) there is a drastic impoverishment of the soil seed bank following the slash-and-burn agriculture (Bezerra et al., 2022). Recurrent cycles of biomass removal can limit or even extinguish the ability to persist (Barros et al., 2021; Buisson et al., 2018; Pausas et al., 2016; Shibata et al., 2016; Vanderlei et al., 2021), and NSC dynamics may play a crucial role in this process. However, changes in NSC dynamics, use of resources, and how they relate to plant structure in early regeneration following disturbances (particularly *in situ*) have been poorly explored in woody plants and in non-fire-prone ecosystems. This lack of information originates not only from the historic scientific neglect of tropical forests but also from the time, cost, and effort necessary for studies *in situ* followed by biochemical laboratory analyses. Thus, the socio-ecological context of the Caatinga dry forest composed of several species able to regenerate via different mechanisms and constant biomass removal by different sources (wood extraction, livestock, goat breeding) offers an excellent opportunity to investigate these questions.

Given the importance of NSC for regulating plant metabolic processes in TDF and in the process of initial regeneration and growth following disturbances, assessing their partition within the plant's organs and their dynamics is crucial for elucidating their role in forest resilience. Here we aim to understand how intense human disturbances and plant structural characteristics affect NSC partition and leaf traits in regenerating individuals. First, we address (1) how non-structural carbohydrates (soluble sugars and starch) are partitioned in leaves, stems, and roots of (a) undisturbed trees and (b) regenerating individuals in dominant woody Caatinga dry forest species. Then, investigate (2) how the slash-and-burn disturbance affects leaf traits and NSC dynamics in different organs, and (3) whether and how NSC concentrations across organs are correlated with leaf traits and structural characteristics of plants during initial regeneration.

2. Material and Methods:

2.1 – Study area

The study took place in the Catimbau National Park (8º24'00" S; 37º14'40" W), a 607-km² Caatinga dry forest in northeast Brazil. This region is characterized by sandy soils covering a relatively flat topography (RITO *et al.*, 2017), facilitating land use for livestock and agricultural purposes. The average annual temperature is 23 °C, and the annual rainfall varies from 480–1100 mm per year, showing pronounced seasonality. The forest is predominantly composed of small-statured vegetation and mainly dominated by the Euphorbiaceae and Fabaceae families (RITO; TABARELLI; LEAL, 2017). The collection of forest products (e.g., firewood and fodder) and browsing by free-ranging, exotic goats are an intrinsic part of the landscape (ARNAN *et al.*, 2018; MENEZES *et al.*, 2020), since the Catimbau supports about 300 families that use the forest resources for subsistence (SPECHT *et al.*, 2019). Additionally, traditional practices such as slash-and-burn agriculture are carried out by the local population in order to meet their needs for livelihood, consequently playing a considerable role in changing the forest landscape (ALBUQUERQUE *et al.*, 2017; SOUZA *et al.*, 2019).

2.2 - Experimental design

2.2.1 – Slash-and-burn experiment

We used a partial data from an experiment performed *in situ* by Vanderlei et al. (2024). Six abundant species in the landscapes of Catimbau National Park were selected, representing > 30% of the relative abundance of the adult flora within the 600 km² park area (Rito et al., 2017b). The species belong to the families Fabaceae (2): *Pityrocarpa moniliformis* (Benth.) Luckow & R.W. Jobson), *Bauhinia acuruana* Moric; Euphorbiaceae (3): *Croton argyrophylloides* Kunth, *Jatropha mutabilis* (Pohl) Baill, *Cnidoscolus bahianus* (Ule) Pax & K.Hoffm; and Erythroxylaceae (1): *Erythroxylum revolutum* Mart (Table S1).

In the experiment, 20 to 30 individuals of each species (n=140) were assigned equally into two groups: complete AGB removal followed by burning (to simulate slash-and-burn disturbance, hereafter “slash-and-burn” treatment), and a control group (of undisturbed trees). All individuals had height ≥ 1 m and diameter at ground level (DGL) ≥ 2 cm and were at least five meters apart. They were carefully dug around their stems and down to 30 cm deep to identify and avoid clonal stems/root suckers connected via horizontal roots. In the slash-and-burn treatment, individuals were first cut near ground level, then their biomass was piled up on top of each stump and burnt, simulating how local communities engage in slash-and-burn agricultural practices. The treatment *in situ* was applied at the end of the dry season (for

J. mutabilis and *C. bahianus* in November and December of 2019 and for the other four species in December 2020), which represents the period of the year when the rural population commonly “prepares fields” for sowing and planting.

After six months, at the end of the subsequent rainy season, the number and frequency of individuals regenerating via resprouting of new shoots and clonal growth via root suckers was counted. Also, tree structural characteristics of both undisturbed trees and regenerating individuals were assessed (i.e., diameter at ground level (DGL; cm), height (m), and number of stems). We used this data from the 6-month period after the slash-and-burn treatment (i.e., the initial regeneration after one rainy season). Tree persistence following the slash-and-burn treatment greatly varied among species, with five out of the six species persisting via either resprouting or clonal growth. 23 out of the 75 slash-and-burned trees persisted, generating 12 resprouts and 20 new root suckers (see Table S1). We then used these persisting individuals to collect data for the functional and non-structural carbohydrates analyses. For more information on the experiment and results, see Vanderlei et al. (2024).

2.2.2 – NSC analyses

We measured non-structural carbohydrates (NSC) in leaves (fully expanded, from the edge to the crown area), branches (close to the branches, with similar thickness), and coarse roots. Samples were collected between 8 am and 12 pm. To halt enzymatic activity, samples were microwaved (3 minutes per 100 g of sample) following the method described by Quentin et al. (2015), then promptly frozen and stored at -20°C. Soluble sugars (SS) were extracted by macerating 25 mg of tissue in an 80% ethanolic suspension, according to Farrar (1995). Starch quantification utilized the insoluble fraction obtained from the ethanol extraction of soluble carbohydrates. Starch was hydrolyzed using 10 units of amyloglucosidase (Sigma-Aldrich), incubated for 1 hour in a 95°C thermal bath. SS and starch concentrations, measured as glucose equivalents, were determined at 487 nm using a double-beam spectrophotometer (Geneses 10S UV-Vis, Thermo Scientific, Waltham, USA), following the method outlined by Dubois et al. (1956).

2.2.3 – Leaf functional measurements

In order to understand whether and how the slash-and-burn affects leaf functional characteristics, we also collected fully expanded and healthy leaves from up to 5 individuals per species (trees and regenerating individuals) to measure 6 leaf functional traits from both the control group and persisting individuals in the field according to Pérez-Harguindeguy et al. (Pérez-Harguindeguy et al. 2013). We measured the following traits: (1) leaf area (LA; mm²); (2) specific leaf area (SLA; the ratio of leaf area to leaf dry mass; m²/kg); (3) leaf dry matter content (LDMC; the ratio of leaf dry mass to fresh mass, mg/g); (4) leaf thickness (Lth; mm) and; (5) leaf succulence (LS; the ratio of leaf water content to leaf area; mg/cm²), and leaf construction cost (see Table S2). The construction cost of leaves was calculated using the nitrogen content in the ash resulting from the heat of combustion (Hc) of the dried material using the following equation determined by (Williams, K., Percival, F., Merino, J., Mooney 1987) et al (1987): $CC = [(\Delta Hc\ 0.06968-0.065)\ (Ash-1) + 7.5\ (kN / 14.0067)] / GE$, where GE is the growth efficiency, estimated at 0.87 according to (Penning de Vries, F.W.T., Brunsting, A.H.M., Van Laar 1974) et al. (1974).

2.3 – Data analysis

We used Generalized Linear Models (GLMs, *glm* function, *stats* package) and Generalized Linear Mixed Models (GLMMs, *lmer*/*glmer* functions, *lme4* package) to test our hypotheses. We assessed the normality and heteroscedasticity of residuals both visually and using the *DHARMa* package, transforming continuous data when necessary (Crawley, 2015). When statistical differences were found between species or organs, we performed post-hoc tests using the *emmeans* package, which allowed us to observe each pairwise combination between the variables and factors. All analyses were performed using the R software v 4.1.3 (Development Core Team, 2019).

We first assessed how NSC concentrations (both soluble sugars and starch) in undisturbed trees vary among their organs (leaves, stems, and roots) using glmm with species as random effect (i.e., SS/starch ~ organ + (1|species)). Then, we investigated the differences between NSC concentrations across species using an interactive glm (i.e., SS/starch ~ species*organ). To assess how NSC are partitioned among the organs in regenerating individuals, we also performed a glmm with species as random effect. To examine how the slash-and-burn practice affects NSC concentrations in different organs, we compared each organ (leaves, stems, and roots) of undisturbed trees and regenerating individuals using a glmm with species as a random effect (i.e., SS/starch ~ treatment + (1|species)). Then, we explored how leaf traits (LA, SLA, LTH, LDMC, LS, LCC) change among treatments using different glmms for each leaf trait with species as random effect (i.e., leaf trait ~ treatment + (1|species)). Finally, we ran a Pearson's correlation among NSC in different organs, structural characteristics (i.e., height, diameter at ground level, nº of stems, and fresh biomass weight), and leaf traits from regenerating individuals to explore their potential relationships and then we performed glmms to assess (1) how structural characteristics modulate NSC changes in each organ, and (2) how these NSC potentially affect leaf traits. The species *J. mutabilis* was removed from comparisons among treatments since none of its individuals persisted.

3. Results

3.1 – NSC partition among species and organs in undisturbed trees

Overall, the partition of soluble sugar varied among organs and across species, with higher concentrations in leaves, followed by stems, and roots (χ^2=1.73, df=2, p<0.001, r^2=0.65). Undisturbed trees had SS leaf concentration averages three times higher than the stems (1386 ± 956 and 397 ± 217 mg g^{-1} DW, respectively; z=7.21, p<0.001), and nearly 7.5 times the root values (189 ± 128; t=4.08, p=0.001), whereas SS in stems was twice as high than the concentration in roots (z=5.51, p<0.001) (Figure 1a, Table 1). Differences among organs explain most of the variation (r^2m=0.59), whereas species explain nearly 6%. Across the examined species, *J. mutabilis* displayed the highest average soluble sugar concentration in leaves, while *C. bahianus* exhibited the lowest average concentration (Fig. S1a). *E. revolutum* exhibited the highest average soluble sugar concentration in stems, whereas *B. acuruana* had the lowest (Fig. S1b). In roots, *E. revolutum* also had the top values, while *C. bahianus* represented the bottom one (Fig. S1c, Tables S4, S5).

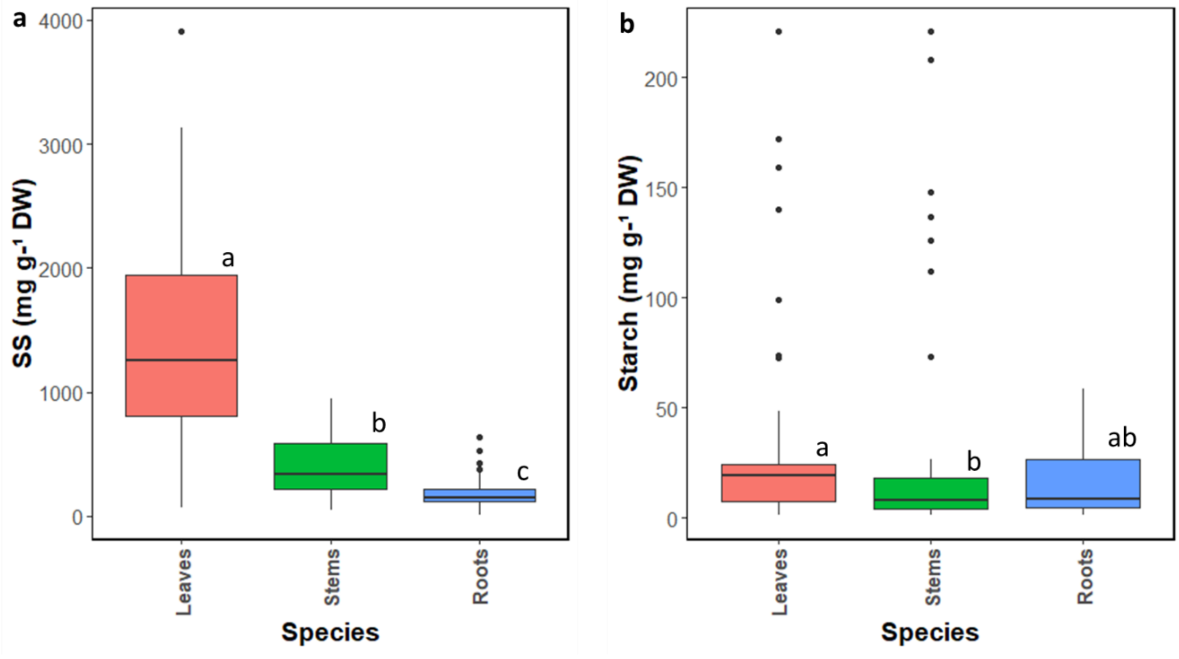


Figure 1. Soluble sugars (a) and starch (b) concentrations (mg g^{-1} DW) in leaves, stems, and roots of undisturbed individuals in a Caatinga dry forest, Brazil. Different letters indicate statistical differences between treatments.

Table 1. Mean ± sd, minimum, and maximum average numbers of soluble sugars (SS) and starch concentrations (mg g^{-1} DW) in leaves, stems, and roots of undisturbed individuals in a Caatinga tropical dry forest, Brazil.

Organs	**Mean ± sd**	**Minimum**	**Maximum**
SS			
Leaves	1386 ± 956	72.1	3906
Stems	397 ± 217	47.1	947
Roots	189 ± 128	5.03	633
Starch			
Leaves	35.8 ± 51.6	1.2	221
Stems	31.1 ± 55.4	1.23	221
Roots	16.5 ± 16.6	0.965	58.3

Starch partition across organs varied differently from SS, with similar average concentration in leaves and in stems (35.8 ± 51.6 and 31.1 ± 55.4 mg g^{-1} DW, respectively; z=2.33, p=0.052), and twice as much of root concentration (16.5 ± 16.6; z=2.65, p=0.02), but no differences between stems and roots (z=0.36, p=0.92) (Figure 1b, Table 1). Despite these significant results, the differences among organs only explain about 0.03% of the variation (r^2c = 0.03), which is considerably accentuated across species (r^2m=0.39). Starch values highly fluctuated across species and organs, but a similar overall pattern was observed for leaves, stems, and roots, respectively: *J. mutabilis* showed the highest average starch concentrations in all three organs, while *C. bahianus* notably exhibited the lowest averages (Fig. S1a-c, Tables S6, S7).

3.2 – NSC partition following slash-and-burn disturbance

Moving to the regenerating individuals, the average soluble sugar concentration in leaves (743.87 ± 673.71) did not differ from stems (434.12 ± 237.07; t=1.916, p=0.14), but both leaves and stems had concentrations were at least four and two times higher than in roots (182.62 ± 104.26 mg g^{-1} DW), respectively (t=5.278, p<0.001, and t=3.330, p<0.004) (Figure 2a, Table 2). Starch average values did not differ among organs (χ^2=4.32 df=2, p=0.11) (Figure 2b, Table 2). When comparing concentrations between treatments, regenerating individuals had similar SS concentrations in stems and roots than undisturbed trees (χ^2=2.14, df=1, p=0.14, r^2=0.48 and χ^2=0.22, df=1, p=0.63, r^2=0.28), but with lower leaf values (χ^2=5.73, df=1, p<0.01, r^2m=0.08) (Fig. 3a). Meanwhile, no differences were observed regarding the starch concentrations among organs from both treatments (Fig. 3b), with a strong indication of species differences influencing the concentration of both NSC types (please see Fig. S2a-b).

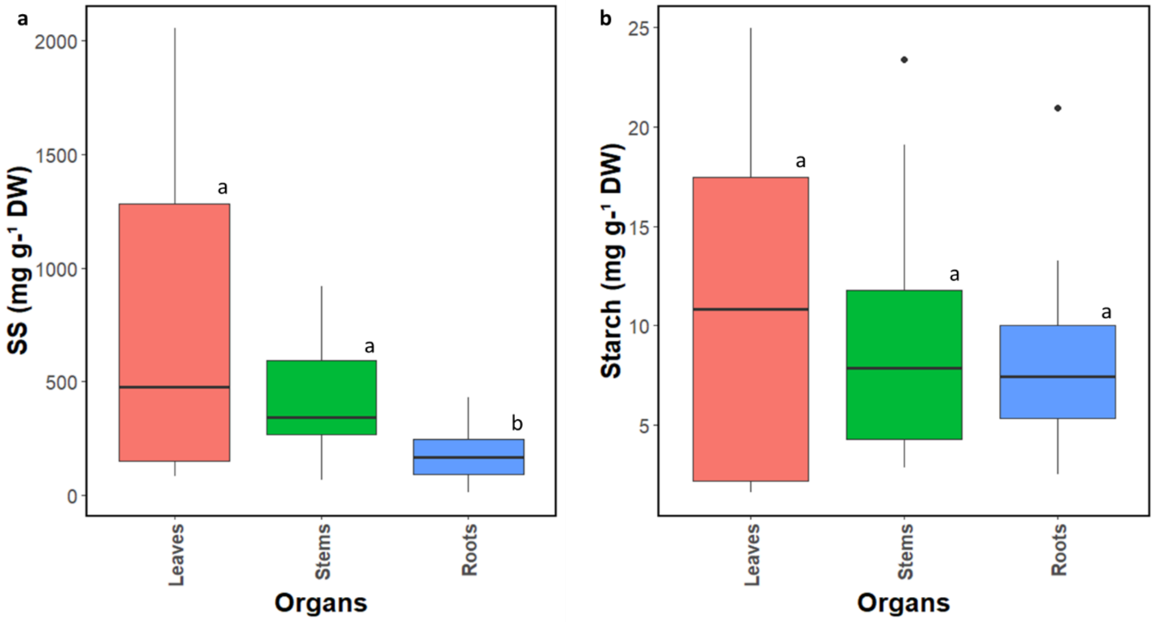


Figure 2. Soluble sugars (a) and starch (b) concentrations (mg g^{-1} DW) in leaves, stems, and roots of regenerating individuals in a Caatinga dry forest, Brazil. Different letters indicate statistical differences between treatments.

Table 2. Mean ± sd, minimum, and maximum average numbers of soluble sugars (SS) and starch concentrations (mg g^{-1} DW) in leaves, stems, and roots of regenerating individuals in a Caatinga tropical dry forest, Brazil.

Organs	**Mean ± sd**	**Minimum**	**Maximum**
SS			
Leaves	742.87 ± 673.71	85.65	2054.36
Stems	434.12 ± 237.07	66.81	918.10
Roots	182.63 ± 104.26	12.04	431.75
Starch			
Leaves	11.44 ± 7.87	1.59	24.97
Stems	8.82 ± 5.51	2.86	23.37
Roots	7.89 ± 4.36	2.51	20.97

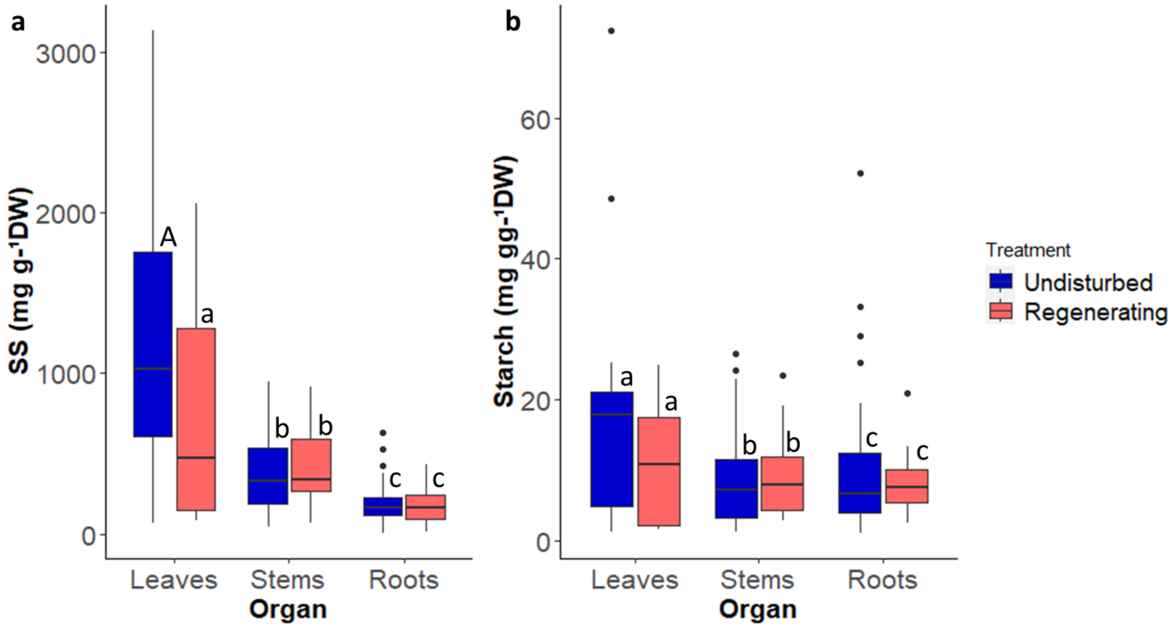


Figure 3. Soluble sugars (a) and starch (b) average concentration values (mg g^{-1} DW) between treatments and among organs. Same letters with distinct cases (uppercase and lowercase) indicate statistical differences between treatments.

3.3 – Leaf functional traits, treatments, and NSC

Overall, when comparing the averages of leaf traits between treatments, undisturbed trees showed higher values than regenerating individuals for two out of the six analyzed traits: leaf thickness (0.28 ± 0.09 and 0.20 ± 0.07 mm, fig. 4c) and LDMC (391.15 ± 66.18 and 314.35 ± 49.33 m^2 kg, fig. 4d), respectively (Fig. 4a-f; Table S8). Differences across species apparently play an important influence on the results (See Table S8, S9) despite the low number of persisting individuals (Table S1). Correlations indicate some positive and negative trends among NSC in leaves, stems, roots, and structural characteristics (Table SX). Consequently, a few significant relationships appear between SS and starch in different organs, structural characteristics, and leaf traits, as follows: (1) SS in roots and number of stems (-), leaf area (-), and leaf succulence (-); (2) starch in leaves and number of stems (+), (3) starch in roots and height (-), diameter at ground level (-), leaf area (-) and leaf succulence (-) (see tables S11, S12).

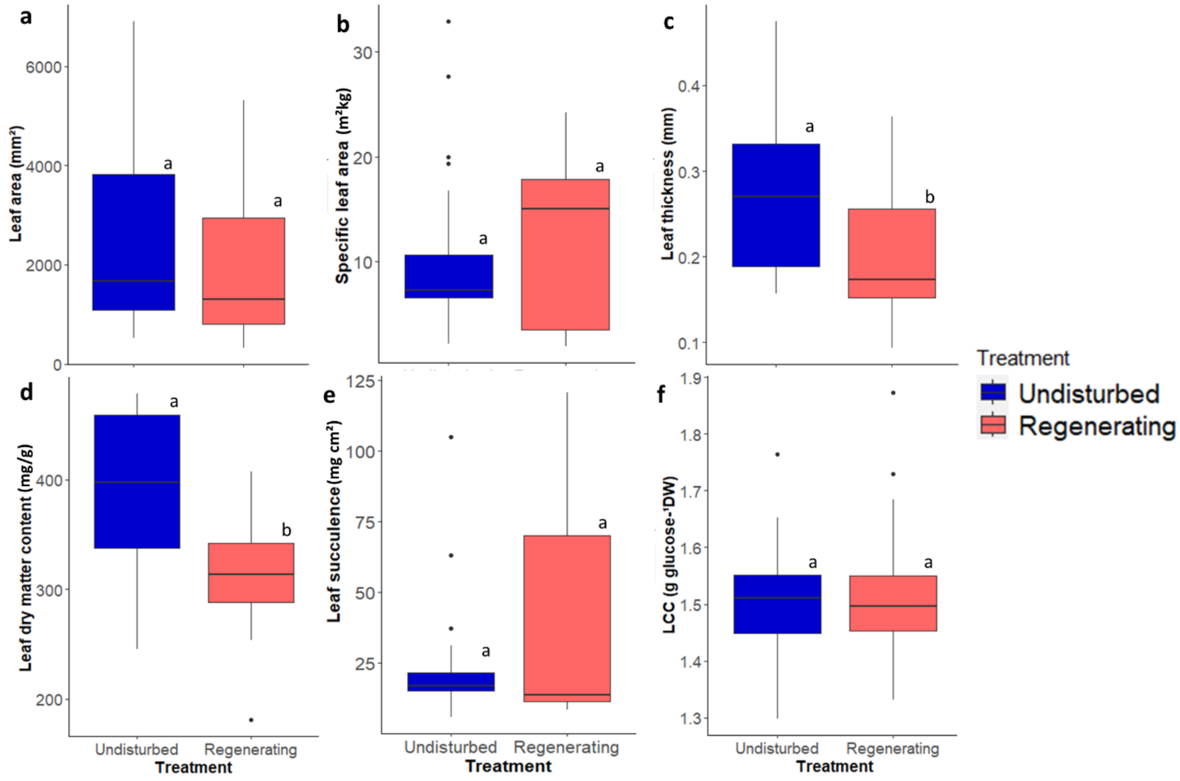


Figure 4. Leaf area (mm^2) (a), specific leaf area (m^2 kg) (b), leaf thickness (mm) (c), leaf dry matter content (mg/g) (d), leaf succulence (mg/cm^2) (e), and leaf construction cost (g gucose^{-1} DW) (a) average values in both undisturbed trees and regenerating individuals. Different letters indicate statistical differences ($p < 0.05$).

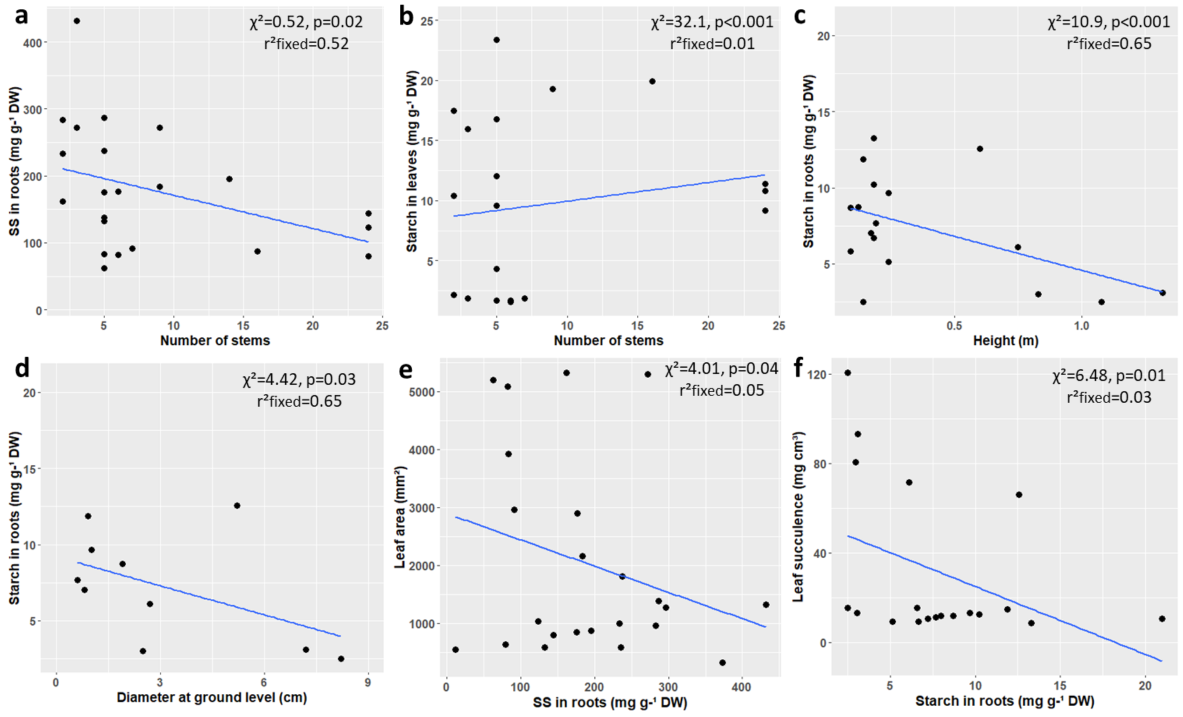


Figure 5. Changes in (a) soluble sugars (SS) in roots and (b) starch in leaves (mg g^{-1} DW) as a function of the number of stems, in starch in roots and (c) height (m) and (d) diameter at ground level (cm), and responses of (e) leaf area (mm²) and (f) leaf succulence (mg cm³) against SS in roots. Only statistically significant relationships are show.

4. Discussion

Our results suggest that concentrations of soluble sugars (SS) exhibit greater variability among plant organs compared to starch levels, with a significant variation across species. Specifically, there is a consistent pattern of higher SS concentrations observed in leaves and stems when compared to roots, a pattern observed in both undisturbed trees and regenerating individuals. Conversely, there are minimal disparities in starch concentrations among these organs. However, the sole high accumulation of NSC does not guarantee plant persistence, as evidenced by the increased SS and starch reserves found in *J. mutabilis* but zero persisting individuals. Surprisingly, individuals able to persist after slash-and-burn disturbance can rapidly attain NSC concentrations in stems and roots comparable to those of adult, undisturbed trees after a six-month rainy period. Regenerating individuals also display leaves with more acquisitive resource-use traits such as thinner leaves with lower dry matter content. Despite this, leaf area, specific area, succulence, and construction cost remain similar to leaves from undisturbed trees. Furthermore, relationships between structural characteristics, leaf traits, and NSC concentrations among regenerating individuals highlight the role of starch in roots as the main source of nutrients after slash-and-burn practice related to initial biomass increment (e.g., height and diameter at soil level) and certain leaf traits. In synthesis, six months after having the aboveground biomass completely removed and burnt, individuals able to persist can use NSC stored in roots to regenerate via different mechanisms, produce leaves with similar characteristics as of undisturbed trees to rapidly initiate the photosynthetic activity, and apparently replenish part of the used resources to equal the levels of NSC concentrations in stems and roots. These patterns enhance the understanding of the ecophysiological mechanisms behind plant persistence in regenerating individuals during initial plant regeneration after disturbances.

The role played by different regeneration mechanisms (e.g., resprouting and clonal growth) is known to be crucial for rapid biomass recovery in fire-prone and human-disturbed ecosystems (Bond & Midgley, 2003; Mostacedo et al., 2022; Saha & Howe, 2003). However, not only data on these mechanisms are limited in dry forests where fire is not a natural driver (Dexter et al., 2018), but the underlying processes that guarantee their success and support forest resilience (including NSC dynamics) remain largely unexplored (Piper & Paula, 2020). Our findings reinforce the notion of NSC mediating plant persistence and plant regrowth following disturbances (Hartmann & Trumbore, 2016; Reed & Hood, 2023; Würth et al., 2005). The patterns of higher concentrations in leaves, lower variability in starch concentrations, and species-specific responses regarding carbon dynamics are in accordance with previous studies (Baião et al., 2023; Cho et al., 2022; Poorter et al., 2010; Reed & Hood, 2023). In this context, despite addressing a small but abundant subset of species in our focal landscape, our observations contribute to the limited understanding of post-disturbance NSC remobilization, especially *in situ*, to mediate dry forest regeneration under human disturbances. As our study focused on broader responses across species, and their response to the slash-and-burn practice (i.e., the number of regenerating individuals) was not predictable, we also highlight the need for further explorations on the key ecophysiological factors driving plant persistence, biomass regeneration, and resource allocation preferably with increased sample sizes to account for intraspecific variances.

Considering that soluble sugars have fast mobilization and play immediate roles in the maintenance of metabolic activities (Dietze et al., 2014), differences in concentrations among organs likely arise from specific needs for regulation due to abiotic changes. Starch, in turn, is expected to be osmotically inert, and fluctuations in undisturbed trees may be related to situations that demand remobilization (e.g., defoliation and emission of new leaves, partial aboveground disturbance and growth of new tissue from using stem resources) (Nzunda et al., 2008). Given the known importance of NSC for plant persistence and the low number of regenerating individuals found in our study, we can ponder some aspects that elucidate these patterns: (1) as plant regrowth rely on active, healthy buds to emit new shoots, slash-and-burn practices not only completely remove the aboveground biomass but also may directly damage and make buds unviable (Pausas et al., 2016), thus leading to the lack of new tissue production even in the presence of sufficient stored NSC, (2) stored carbon in belowground organs become the main source of NSC after complete aboveground biomass removal, but they may not be promptly available or accessible for remobilization (Martínez-Vilalta et al., 2016; Millard et al., 2007), (3) different and frequent disturbance regimes determine allocation strategies (Shibata et al., 2016), and plants facing constant biomass loss may not be able to replenish the NSC reserves used for constant regrowth, hence limiting or impeding plant persistence (Moreira et al., 2012; Pausas & Keeley, 2014), and (4) regardless of the amount of NSC stored, environmental conditions, or type of disturbance, a tree will not persist if the species does not have the ability to do so, which apparently is the case with *J. mutabilis*.

Notwithstanding the potential reasons that led to plant mortality following the slash-and-burn disturbance, interesting insights arise from the individuals who successfully persisted. As water shortage directly limits carbon investment (i.e., new tissue formation) (Würth et al., 2004), the first six months of regeneration which comprise the rainy period following slash-and-burn disturbance not only potentially result in more shading and better microclimatic conditions but also appear to be crucial for the fast investment in new plant tissue in regenerating individuals. Biomass burning may promote the rapid incorporation of nutrients into the soil and the elimination of weeds (Hauser and Norgrove, 2013; Ribeiro-Filho et al., 2015, 2013), potentially supporting an increased nutrient absorption to aid biomass recovery. The negative relationships between NSC in roots and structural characteristics not only highlight the trade-off between investing in biomass at the expense of carbon storage (Dietze et al., 2014; Shibata et al., 2016) but also the necessary balance to quickly grow biomass and acquire resources for sustaining the plant maintenance costs and avoiding reserve depletion (Moreira et al., 2012). Additionally, the observed characteristics of acquisitive resource-use strategies regarding leaf traits in regenerating species emphasize their ability to (1) use the previously stored carbon reserves in the root system to invest in fast regrowth, (2) efficiently make use of the environmental conditions to produce new leaves meet their demands for photosynthetic activity during the initial regeneration, and (3) take advantage of the potential carbon surplus to replenish NSC reserves (Martínez-Vilalta et al., 2016), consequently reaching concentration levels similar to adult, undisturbed trees.

The prompt reallocation of stored NSC to fuel new growth holds significant implications for both forest regeneration and the provisioning of essential ecosystem services after disturbances. The Caatinga dry forest, like other dry forests worldwide, faces a combination of factors that reduce seed viability, germination, and seedling recruitment (Bezerra et al., 2022; de Paula et al., 2023; Lins et al., 2022), leading to impoverished seedling assemblages and an increased reliance in different regeneration mechanisms, such as resprouting and clonal growth (Barros et al., 2021; Noutcheu et al., 2023; Vanderlei et al., 2021, 2022). This, in turn, aids in the faster vegetation recovery, microclimatic conditions, and restoration of critical ecological functions such as carbon sequestration and soil health, especially considering that the Caatinga is not a fire-prone ecosystem. This rapid biomass recovery and carbon production/storage may be crucial to endure the next dry season and/or any of the set of disturbances that may lead to another cycle of aboveground biomass loss (e.g., grazing by goats, new slash-and-burn cycles, livestock trampling). The Caatinga woody flora exhibits the co-occurrence of distinct strategies associated with water and/or nutrient use, including softwood species with soft leaves, such as *J. mutabilis*, and hardwood species with either conservative (i.e., *C. argyrophylloides*) or acquisitive leaves; Pinho et al., 2019), which likely explain the species-specific NSC partition and leaf trait patterns. Although these regeneration dynamics may indicate forest resilience, it is reasonable to expect that the exclusion of species not able to persist and drastic putative tree mortality following the slash-and-burn disturbances may lead to functionally poor and taxonomically impoverished regenerating forests. Moreover, the persisting flora is expected to be characterized by the dominance of disturbance-adapted species that represent multi-stemmed, shorter trees (Bellingham & Sparrow, 2009; Palacio et al., 2012; Vanderlei et al., 2024; Ware et al., 2022), altering the forest structure.

In synthesis, plants able to persist after slash-and-burn disturbance in this Caatinga dry forest seem to present changes in NSC dynamics, leaf functional traits, and resource-use strategies for rapid investment in aboveground biomass to meet their photosynthetic demands and regain NSC storage during initial regeneration. Despite the general patterns, these responses seem to be potentially mediated by the species-specific characteristics, therefore they should be taken into consideration. The recovery of NSC concentrations among the persisting individuals may both support the initial accelerated biomass increment and provide forest resilience and, consequently, guarantee the provision of ecosystem services. However, the drastic reduction in carbon availability (i.e., tree abundance) and carbon uptake, plus the potential impoverishment of regenerating forests should be strongly kept in mind. We suggest further *in situ* studies, preferably comparing NSC pools before and after disturbances to help unveil the mechanisms potentially controlling plant persistence in human-modified landscapes.

References

Albuquerque, U. P., Araújo, E. L., de Castro, C. C., & Alves, R. R. N. (2017). People and natural resources in the Caatinga. In Caatinga: The largest tropical dry forest region in South America (pp. 303–333). Springer.

Arnan, X., Leal, I. R., Tabarelli, M., Andrade, J. F., Barros, M. F., Câmara, T., Jamelli, D., Knoechelman, C. M., Meneses, T., Menezes, A. G. S., Oliveira, F. M. P., Paula, A. S. de, Pereira, S. C., Rito, K. F., Sfair, J. C., Silva, F. S. da, Souza, D. G., Specht, M. J., Vieira, L. A., & Andersen, A. N. (2018). A framework for deriving measures of chronic anthropogenic disturbance: surrogate, direct, single and multi-metric indices in Brazilian Caatinga. Ecological Indicators, 94, 274–282. https://doi.org/10.1016/J.ECOLIND.2018.07.001

Arroyo-Rodríguez, V., Melo, F. P. L., Martínez-Ramos, M., Bongers, F., Chazdon, R. L., Meave, J. A., Norden, N., Santos, B. A., Leal, I. R., & Tabarelli, M. (2017). Multiple successional pathways in human-modified tropical landscapes: New insights from forest succession, forest fragmentation and landscape ecology research. Biological Reviews, 92, 326–340. https://doi.org/10.1111/brv.12231

Baião, E., Carvalho, W. S., Oliveira, F. M. P., Bezerra, J. S., Santos, M., & Santos, M. G. (2023). Foliar non-structural carbohydrates and resprouting ability of woody species in a tropical dry forest. Flora, 152436. https://doi.org/10.1016/j.flora.2023.152436

Barros, M. F., Ribeiro, E. M. S., Vanderlei, R. S., de Paula, A. S., Silva, A. B., Wirth, R., Cianciaruso, M. V., & Tabarelli, M. (2021). Resprouting drives successional pathways and the resilience of Caatinga dry forest in human-modified landscapes. Forest Ecology and Management, 482(December), 118881. https://doi.org/10.1016/j.foreco.2020.118881

Basu, S., Ramegowda, V., Kumar, A., & Pereira, A. (2016). Plant adaptation to drought stress [version 1; referees: 3 approved]. F1000Research, 5, 1–10. https://doi.org/10.12688/F1000RESEARCH.7678.1

Bellingham, P. J., & Sparrow, A. D. (2009). Multi-stemmed trees in montane rain forests: Their frequency and demography in relation to elevation, soil nutrients and disturbance. Journal of Ecology, 97(3), 472–483. https://doi.org/10.1111/j.1365-2745.2009.01479.x

Bezerra, J. S., Arroyo-Rodríguez, V., Tavares, J. M., Leal, A., Leal, I. R., & Tabarelli, M. (2022). Drastic impoverishment of the soil seed bank in a tropical dry forest exposed to slash-and-burn agriculture. Forest Ecology and Management, 513(March), 120185. https://doi.org/10.1016/j.foreco.2022.120185

Bond, W. J., & Midgley, J. J. (2003). The evolutionary ecology of sprouting in woody plants. In International Journal of Plant Sciences (Vol. 164, Issue SUPPL. 3). University of Chicago Press. https://doi.org/10.1086/374191

Buisson, E., le Stradic, S., Silveira, F. A. O., Durigan, G., Overbeck, G. E., Fidelis, A., Fernandes, G. W., Bond, W. J., Hermann, J. M., Mahy, G., Alvarado, S. T., Zaloumis, N. P., & Veldman, J. W. (2018). Resilience and restoration of tropical and subtropical grasslands, savannas, and grassy woodlands. Biological Reviews, 94(2), 590–609. https://doi.org/10.1111/brv.12470

Cho, N., Agossou, C., Kim, E., Lim, J. H., Hwang, T., & Kang, S. (2022). Recent field findings and modeling on non-structural carbohydrates (NSCs): How to synthesize? In Ecological Informatics (Vol. 70). Elsevier B.V. https://doi.org/10.1016/j.ecoinf.2022.101695

Crawley, M. J. (2015). Statistics - An introduction using R (Second edi). John Wiley & Sons.

Curtis, P. G., Slay, C. M., Harris, N. L., Tyukavina, A., & Hansen, M. C. (2018). Classifying drivers of global forest loss. Science, 361(6407), 1108–1111. https://doi.org/10.1126/science.aau3445

Dantas, B. F., Moura, M. S. B., Pelacani, C. R., Angelotti, F., Taura, T. A., Oliveira, G. M., Bispo, J. S., Matias, J. R., Silva, F. F. S., Pritchard, H. W., & Seal, C. E. (2020). Rainfall, not soil temperature, will limit the seed germination of dry forest species with climate change. Oecologia, 192(2), 529–541. https://doi.org/10.1007/s00442-019-04575-x

de Paula, A. S., Sfair, J. C., Trindade, D. P. F., Rito, K. F., Tabarelli, M., & Barros, M. F. (2023). The role of seed rain and soil seed bank in the regeneration of a Caatinga dry forest following slash-and-burn agriculture. Journal of Arid Environments, 211. https://doi.org/10.1016/j.jaridenv.2023.104948

de Queiroz, L. P., Cardoso, D., Fernandes, M. F., & Moro, M. F. (2017). Diversity and Evolution of Flowering Plants of the Caatinga Domain. In Caatinga (pp. 23–63). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-68339-3_2

Development Core Team, R. (2019). R: Language and Environment for Statistical Computing.

Dexter, K. G., Pennington, R. T., Oliveira-Filho, A. T., Bueno, M. L., Silva de Miranda, P. L., & Neves, D. M. (2018). Inserting tropical dry forests into the discussion on biome transitions in the tropics. Frontiers in Ecology and Evolution, 6. https://doi.org/10.3389/fevo.2018.00104

Dietze, M. C., Sala, A., Carbone, M. S., Czimczik, C. I., Mantooth, J. A., Richardson, A. D., & Vargas, R. (2014). Nonstructural carbon in woody plants. Annual Review of Plant Biology, 65, 667–687. https://doi.org/10.1146/annurev-arplant-050213-040054

Dong-Wei, S., Yuan-Yuan, L., & Xiao-Yong, C. (2007). Review of clonal diversity and its effects on ecosystem functioning. Chinese Journal of Plant Ecology, 31(4), 552–560. https://doi.org/10.17521/cjpe.2007.0071

Du, Y., Lu, R., & Xia, J. (2020). Impacts of global environmental change drivers on non-structural carbohydrates in terrestrial plants. Functional Ecology, 34(8), 1525–1536. https://doi.org/10.1111/1365-2435.13577

Engelbrecht, B. M. J., Dalling, Æ. J. W., Pearson, T. R. H., Wolf, Æ. R. L., Tobias, Æ., Melvin, K. Æ., & Kursar, T. A. (2006). Short dry spells in the wet season increase mortality of tropical pioneer seedlings. Oecologia, 148, 258–269. https://doi.org/10.1007/s00442-006-0368-5

Fahrig, L. (2003). Effects of Habitat Fragmentation on Biodiversity. Annual Review of Ecology, Evolution, and Systematics, 34(1), 487–515. https://doi.org/10.1146/annurev.ecolsys.34.011802.132419

Fischer, J., & Lindenmayer, D. B. (2007). Landscape modification and habitat fragmentation: a synthesis. Global Ecology and Biogeography, 15, 55–66. https://doi.org/10.1111/j.1466-8238.2006.00287.x

Gariglio, M. A., Kageyama, P. Y., Sampaio, E. V. de S. B., & Cestaro, L. A. (2010). Uso sustentável e Conservação dos recursos florestais da Caatinga (2°). Serviço Florestal Brasileiro.

Hartmann, H., & Trumbore, S. (2016). Understanding the roles of nonstructural carbohydrates in forest trees - from what we can measure to what we want to know. The New Phytologist, 211(2), 386–403. https://doi.org/10.1111/nph.13955

Jenik, J. (1994). Clonal Growth in Woody Plants: a Review. Folia Geobot. Phytotax., Praha, 29, 291–306. https://doi.org/10.1007/BF02803802

Kammesheidt, L. (1999). Forest recovery by root suckers and above-ground sprouts after slash-and-burn agriculture , fire and logging in Paraguay and Venezuela. Journal of Tropical Ecology, 15, 143–157.

Kennard, D. K., Gould, K., Putz, F. E., Fredericksen, T. S., & Morales, F. (2002). Effect of disturbance intensity on regeneration mechanisms in a tropical dry forest. Forest Ecology and Management, 162(2–3), 197–208. https://doi.org/10.1016/S0378-1127(01)00506-0

Lins, L., Santos, D., Lira, R., M. P. Oliveira, F., Wirth, R., Menezes, T., Tabarelli, M., & Leal, I. R. (2022). Exotic goats do not affect the seed bank but reduce seedling survival in a human-modified landscape of Caatinga dry forest. Forest Ecology and Management, 522. https://doi.org/10.1016/j.foreco.2022.120491

Martínez-Vilalta, J., Sala, A., Asensio, D., Galiano, L., Hoch, G., Palacio, S., Piper, F. I., & Lloret, F. (2016). Dynamics of non-structural carbohydrates in terrestrial plants: A global synthesis. Ecological Monographs, 86(4), 495–516. https://doi.org/10.1002/ecm.1231

Menezes, T., Carmo, R., Wirth, R., Leal, I. R., Tabarelli, M., Laurênio, A., & Melo, F. P. L. (2020). Introduced goats reduce diversity and biomass of herbs in Caatinga dry forest. Land Degradation & Development. https://doi.org/10.1002/ldr.3693

Millard, P., Sommerkorn, M., & Grelet, G. A. (2007). Environmental change and carbon limitation in trees: A biochemical, ecophysiological and ecosystem appraisal. In New Phytologist (Vol. 175, Issue 1, pp. 11–28). https://doi.org/10.1111/j.1469-8137.2007.02079.x

Moreira, B., Tormo, J., & Pausas, J. G. (2012). To resprout or not to resprout: Factors driving intraspecific variability in resprouting. Oikos, 121(10), 1577–1584. https://doi.org/10.1111/j.1600-0706.2011.20258.x

Mostacedo, B., Viruez, A., Varon, Y., Paz-Roca, A., Parada, V., & Veliz, V. (2022). Tree survival and resprouting after wildfire in tropical dry and subhumid ecosystems of Chiquitania, Bolivia. Trees, Forests and People, 10. https://doi.org/10.1016/j.tfp.2022.100327

Noutcheu, R., Oliveira, F. M. P., Wirth, R., Tabarelli, M., & Leal, I. R. (2023). Coppicing as a driver of plant resprouting and the regeneration of a Caatinga dry forest. Forest Ecology and Management, 529, 120736. https://doi.org/10.1016/j.foreco.2022.120736

Nzunda, E. F., Griffiths, M. E., & Lawes, M. J. (2008). Sprouting by remobilization of above-ground resources ensures persistence after disturbance of coastal dune forest trees. Functional Ecology, 22(4), 577–582. https://doi.org/10.1111/j.1365-2435.2008.01405.x

Palacio, S., Hernández, R., Maestro-Martínez, M., & Camarero, J. J. (2012). Fast replenishment of initial carbon stores after defoliation by the pine processionary moth and its relationship to the re-growth ability of trees. Trees - Structure and Function, 26(5), 1627–1640. https://doi.org/10.1007/s00468-012-0739-y

Pausas, J. G., & Keeley, J. E. (2014). Evolutionary ecology of resprouting and seeding in fire-prone ecosystems. New Phytologist, 204, 55–65.

Pausas, J. G., Pratt, R. B., Keeley, J. E., Jacobsen, A. L., Ramirez, A. R., Vilagrosa, A., Paula, S., Kaneakua-pia, I. N., & Davis, S. D. (2016). Towards understanding resprouting at the global scale. New Phytologist, 209, 945–954.

Peña-Rojas, K., Aranda, X., Joffre, R., & Fleck, I. (2005). Leaf morphology, photochemistry and water status changes in resprouting Quercus ilex during drought. Functional Plant Biology, 32(2), 117–130. https://doi.org/10.1071/FP04137

Penning de Vries, F.W.T., Brunsting, A.H.M., Van Laar, H. H. (1974). Products, requirements and efficiency of biosynthesis: a quantitative approach. Journal of Theoretical Biology, 45, 339–377.

Pennington, R. T., Lavin, M., & Oliveira-Filho, A. (2009). Woody Plant Diversity, Evolution, and Ecology in the Tropics: Perspectives from Seasonally Dry Tropical Forests. Annual Review of Ecology, Evolution, and Systematics, 40(1), 437–457. https://doi.org/10.1146/annurev.ecolsys.110308.120327

Pérez-Harguindeguy, N., Diaz, S., Garnier, E., Lavorel, S., Poorter, H., Jaureguiberry, P., Bret-Harte, M. S. S., Cornwell, W. K. K., Craine, J. M. M., Gurvich, D. E. E., Urcelay, C., Veneklaas, E. J. J., Reich, P. B. B., Poorter, L., Wright, I. J. J., Etc., Ray, P., Etc., Díaz, S., … Cornelissen, J. H. C. (2013). New Handbook for standardized measurment of plant functional traits worldwide. Australian Journal of Botany, 61(34), 167–234. https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1071/BT12225

Pinho, B. X., Tabarelli, M., Engelbrecht, B. M. J., Sfair, J., & Melo, F. P. L. (2019). Plant functional assembly is mediated by rainfall and soil conditions in a seasonally dry tropical forest. Basic and Applied Ecology, 40, 1–11. https://doi.org/10.1016/j.baae.2019.08.002

Piper, F. I. (2011). Drought induces opposite changes in the concentration of non-structural carbohydrates of two evergreen Nothofagus species of differential drought resistance. Annals of Forest Science, 68(2), 415–424. https://doi.org/10.1007/s13595-011-0030-1

Piper, F. I., & Paula, S. (2020). The Role of Nonstructural Carbohydrates Storage in Forest Resilience under Climate Change. In Current Forestry Reports (Vol. 6, Issue 1). Springer. https://doi.org/10.1007/s40725-019-00109-z

Poorter, L., Kitajima, K., Mercado, P., Chubiña, J., Melgar, I., & Prins, H. H. T. (2010). Resprouting as a persistence strategy of tropical forest trees: Relations with carbohydrate storage and shade tolerance. Ecology, 91(9), 2613–2627. https://doi.org/10.1890/09-0862.1

Reed, C. C., & Hood, S. M. (2023). Nonstructural carbohydrates explain post-fire tree mortality and recovery patterns. Tree Physiology. https://doi.org/10.1093/treephys/tpad155

Rito, K. F., Arroyo-Rodríguez, V., Queiroz, R. T., Leal, I. R., & Tabarelli, M. (2017). Precipitation mediates the effect of human disturbance on the Brazilian Caatinga vegetation. Journal of Ecology, 105(January 2017), 1–11. https://doi.org/10.1111/1365-2745.12712

Rito, K. F., Tabarelli, M., & Leal, I. R. (2017). Euphorbiaceae responses to chronic anthropogenic disturbances in Caatinga vegetation: from species proliferation to biotic homogenization. Plant Ecology, 218(6), 749–759. https://doi.org/10.1007/s11258-017-0726-x

Sagar, R., Raghubanshi, A. S., & Singh, J. S. (2003). Tree species composition, dispersion and diversity along a disturbance gradient in a dry tropical forest region of India. Forest Ecology and Management, 186(1–3), 61–71. https://doi.org/10.1016/S0378-1127(03)00235-4

Saha, S., & Howe, H. F. (2003). Species composition and fire in a dry deciduous forest. Ecology, 84(12), 3118–3123. https://doi.org/10.1890/02-3051

Sampaio, E. V. S. B., Salcedo, I. H., & Kauffman, J. B. (1993). Effect of Different Fire Severities on Coppicing of Caatinga Vegetation in Serra Talhada, PE, Brazil. Biotropica, 25(4), 452–460. https://doi.org/10.2307/2388868

Santos, M., Barros, V., Lima, L., Frosi, G., & Santos, M. G. (2021). Whole plant water status and non-structural carbohydrates under progressive drought in a Caatinga deciduous woody species. Trees - Structure and Function, 35(4), 1257–1266. https://doi.org/10.1007/s00468-021-02113-y

Sfair, J. C., De Bello, F., De Frana, T. Q., Baldauf, C., & Tabarelli, M. (2018). Chronic human disturbance affects plant trait distribution in a seasonally dry tropical forest. Environmental Research Letters, 13(2), 12. https://doi.org/10.1088/1748-9326/aa9f5e

Shibata, R., Kurokawa, H., Shibata, M., Tanaka, H., Iida, S., Masaki, T., & Nakashizuka, T. (2016). Relationships between resprouting ability, species traits and resource allocation patterns in woody species in a temperate forest. Functional Ecology, 30(7), 1205–1215. https://doi.org/10.1111/1365-2435.12616

Silva, J. M. C. da;, Leal, I. R., & Tabarelli, M. (2017). Caatinga: The Largest Tropical Dry Forest Region in South America. Springer International Publishing. https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-3-319-68339-3

Souza, D. G., Sfair, J. C., de Paula, A. S., Barros, M. F., Rito, K. F., & Tabarelli, M. (2019). Multiple drivers of aboveground biomass in a human-modified landscape of the Caatinga dry forest. Forest Ecology and Management, 435(December 2018), 57–65. https://doi.org/10.1016/j.foreco.2018.12.042

Specht, M. J., Santos, B. A., Marshall, N., Melo, F. P. L., Leal, I. R., Tabarelli, M., & Baldauf, C. (2019). Socioeconomic differences among resident, users and neighbour populations of a protected area in the Brazilian dry forest. Journal of Environmental Management, 232, 607–614. https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.jenvman.2018.11.101

Trindade, D. P. F., Sfair, J. C., de Paula, A. S., Barros, M. F., & Tabarelli, M. (2020). Water availability mediates functional shifts across ontogenetic stages in a regenerating seasonally dry tropical forest. Journal of Vegetation Science, 0–3. https://doi.org/10.1111/jvs.12896

Vanderlei, R. S., Barros, M. F., Dexter, K. G., Tabarelli, M., & Santos, M. G. (2024). Human disturbances reduce tree abundance and stimulate woody plant resprouting and clonal growth in a tropical dry forest. Forest Ecology and Management, 555, 121694. https://doi.org/10.1016/j.foreco.2024.121694

Vanderlei, R. S., Barros, M. F., Domingos-Melo, A., Alves, G. D., Silva, A. B., & Tabarelli, M. (2021). Extensive clonal propagation and resprouting drive the regeneration of a Brazilian dry forest. Journal of Tropical Ecology, 37(1), 35–42. https://doi.org/10.1017/s0266467421000079

Vanderlei, R. S., Barros, M. F., Leal, I. R., & Tabarelli, M. (2022). Impoverished woody seedling assemblages and the regeneration of Caatinga dry forest in a human-modified landscape. Biotropica, January, 670–681. https://doi.org/10.1111/btp.13081

Ware, I. M., Ostertag, R., Cordell, S., Giardina, C. P., Sack, L., Medeiros, C. D., Inman, F., Litton, C. M., Giambelluca, T., John, G. P., & Scoffoni, C. (2022). Multi-Stemmed Habit in Trees Contributes Climate Resilience in Tropical Dry Forest. Sustainability (Switzerland), 14(11). https://doi.org/10.3390/su14116779

Williams, K., Percival, F., Merino, J., Mooney, H. A. (1987). Estimation of tissue construction cost from heat of combustion and organic nitrogen content. Plant, Cell and Environment, 10, 725–734.

Würth, M. K. R., Peláez-Riedl, S., Wright, S. J., & Körner, C. (2005). Non-structural carbohydrate pools in a tropical forest. Oecologia, 143(1), 11–24. https://doi.org/10.1007/s00442-004-1773-2

Impacts of slash-and-burn disturbance on non-structural carbohydrates, structure, and leaf traits in regenerating woody dominant species in a tropical dry forest

Renato Soares Vanderlei[1], Mariana Gonçalves Santos[1], Marcelo Tabarelli[1], Mauro Guida dos Santos

[1] Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Pernambuco,

Av. Professor Moraes Rego, Cidade Universitária. 50.670-901. Recife, Pernambuco, Brazil.

Corresponding author: renato.vanderlei@gmail.com

SUPPLEMENTARY MATERIAL

Figure S1. Soluble sugar (a) and starch (b) concentration values (mmol kg^{-1} DW) in leaves, stems, and roots among species. Distinct letters indicate significant differences between species ($p < 0.05$).

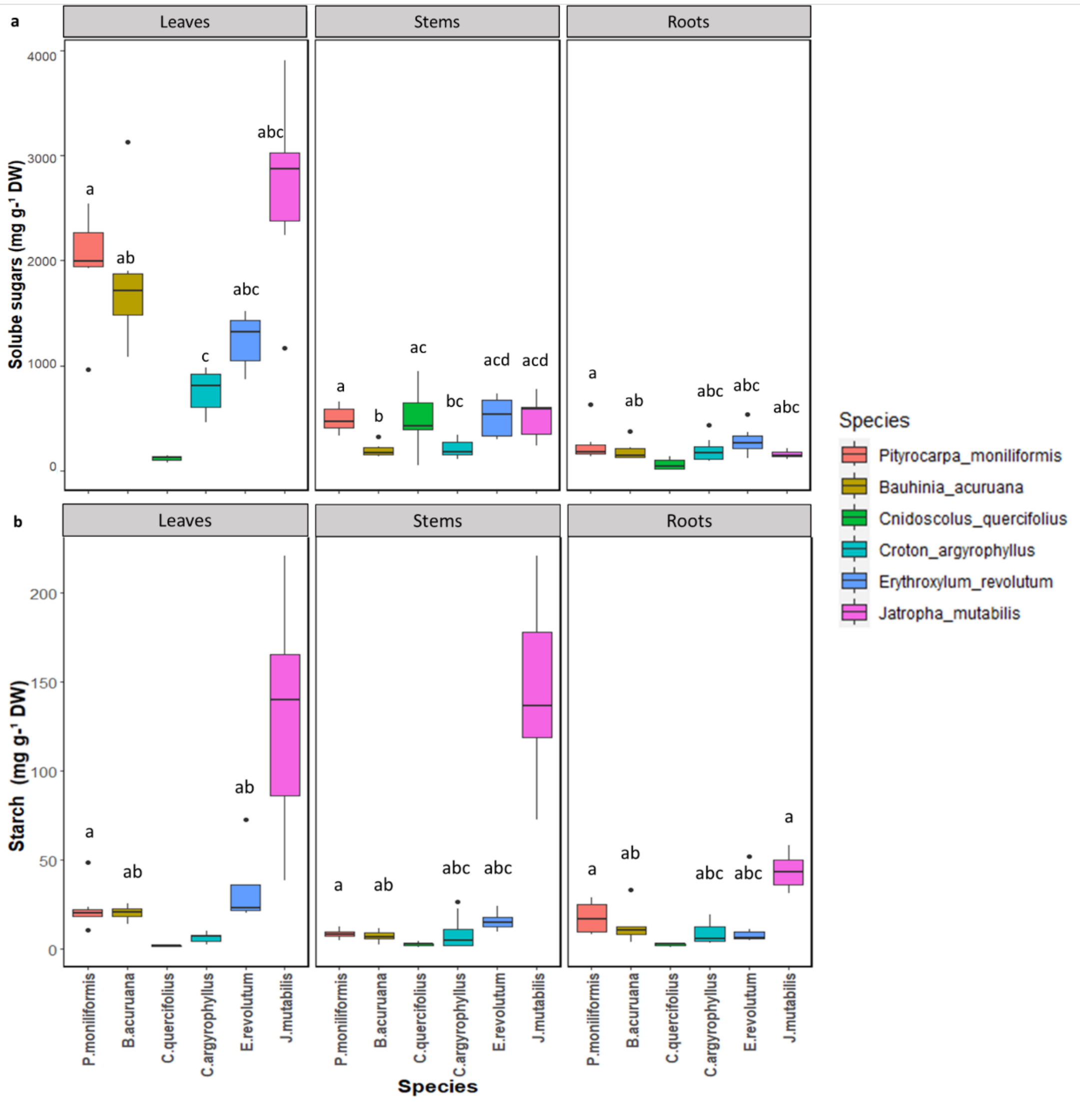
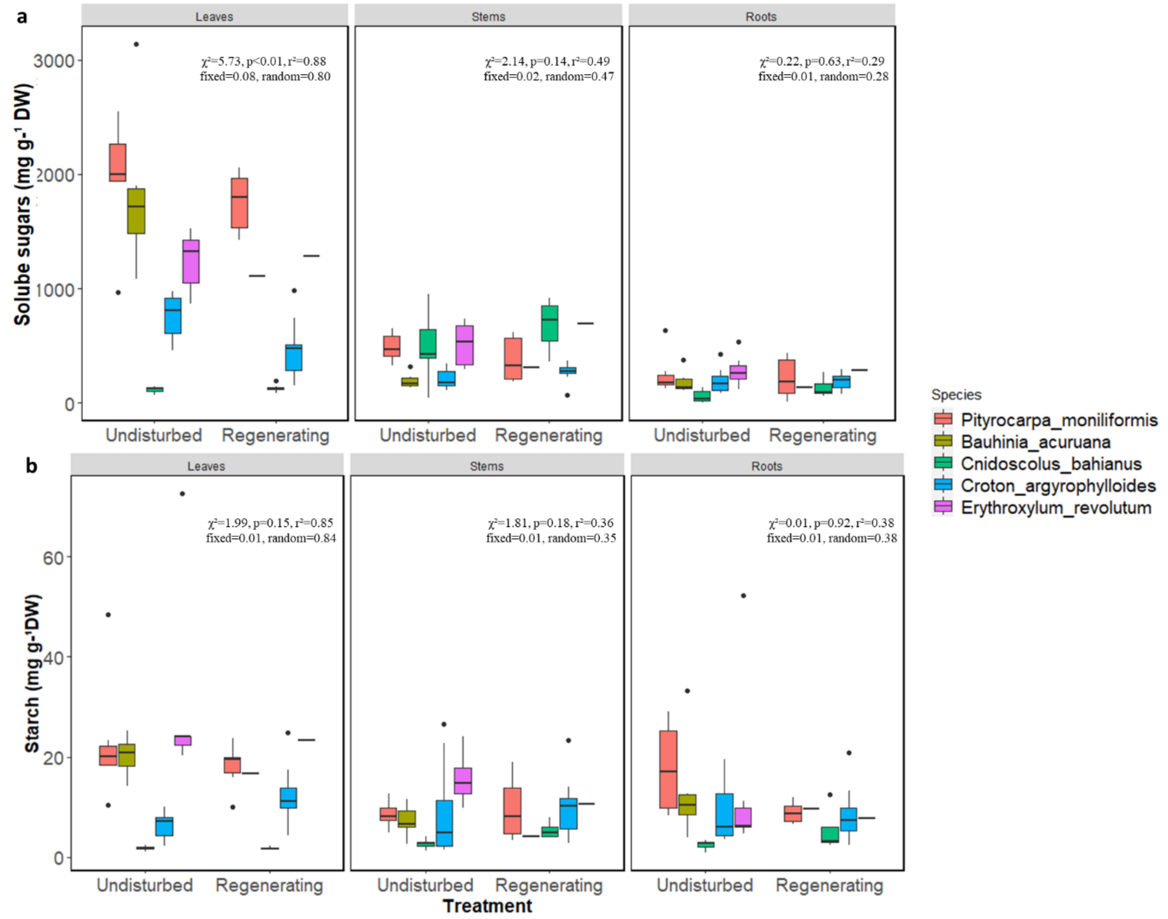


Figure S2. Soluble sugars (a) and starch (b) average concentrations (mg g^{-1} DW) across organ and species in both undisturbed and regenerating individuals in a Caatinga dry forest, Brazil.



TABLES

Table S1. Species name, family, plant habit, dispersal syndrome, and deciduity of the six species used in this study. Information was compiled from Flora do Brasil and personal databases.

Species	Plant Habit	Dispersal Syndrome	Family	Deciduity
Bauhinia acuruana Moric	Tree/shrub	Autocoric	Fabaceae	Deciduous
Cnidoscolus bahianus (Ule) Pax & K.Hoffm	Tree/Shrub	Autocoric	Euphorbiaceae	Deciduous
Croton argyrophylloides Müll.Arg.	Shrub	Autocoric	Euphorbiaceae	Evergreen
Erythroxylum revolutum Mart.	Tree/shrub	Zoocoric	Erythroxylaceae	Evergreen
Jatropha mutabilis (Pohl) Baill	Tree/Shrub	Autocoric	Euphorbiaceae	Deciduous
Pityrocarpa moniliformis (Benth.) Luckow & R.W. Jobson	Tree/shrub	Autocoric	Fabaceae	Deciduous

Table S2. Species responses to the slash-and-burn treatment. The table shows the total number of individuals per species, the number of individuals that regenerated after the disturbance and by which mechanisms they persisted (i.e., resprouting via new shoots or clonality via new ramets), and the mean number of new shoots and new ramets followed by their respective minimum and maximum numbers.

Species	**Nº of trees**	**Persisted**	**New shoots**	**New ramets**	**Mean nº of new shoots (min-max)**	**Mean nº of new ramets (min-max)**
Bauhinia acuruana	10	1	1	0	5	-
Cnidoscolus bahianus	15	12	11	1	4.3 (1-7)	1
Croton argyrophylloides	10	5	0	5	-	2.2 (1-7)
Erythroxylum revolutum	10	1	0	1	-	4
Jatropha mutabilis	15	0	0	0	-	-
Pityrocarpa moniliformis	15	4	0	4	-	3.75 (1-8)
Total	70	23	12	11	12	20

Table S3. Functional traits included in the study, description of the functional role, and references used.

Measured trait	**Abbreviation**	**Functional role**	**Reference**
Leaf thickness (mm)	Lth	Construction costs, leaf life span, photosynthetic rates per unit leaf area, against mechanical and herbivore damage and gas exchange.	Popma and Bongers, 1991, Reich et al., 1991; Díaz et al., 2004; Loranger and Shipley, 2010.
Leaf Dry Matter Content (mg/g)	LDMC	Level of assimilative compounds and transfer conductance to CO_2, construction costs, nutrient retention, tolerance against water limitations and mechanical and herbivore damage.	Poorter and Garnier, 1999; Niinemets, 2001; Garnier et al., 2004; Poorter and Markesteijn, 2008.
Specific Leaf Area (mm^2/mg)	SLA	Light capture economics, net assimilation rate, relative growth rate, leaf life span and photosynthetic capacity.	Reich et al., 1997; Poorter and Garnier, 1999; Poorter and Bongers, 2006; Sterck et al., 2006.
Leaf Area (mm^2)	LA	Light intercepting area, dry matter production, respiration, leaf cooling and gas exchange.	Bazzaz and Picket, 1980; Popma et al., 1992.
Leaf Succulence (mg /cm^2)	LS	Variation in resource availability and leaf water content.	Pérez-Harguidenguy et al., 2013.
Leaf construction cost (g glucose DW^{-1})	LCC	A quantifiable measure of energy invested by a plant to construct biomass. Can be related to resource utilization efficiency reflecting the integral efficiency of light energy conversion	Singh et al., 2012; Williams et al, 1987; Lambers and Poorter, 1992

Table S4. Average, standard deviation, minimum, and maximum soluble sugar concentration (mg g^{-1} DW) values among species and organs.

Species	Leaves		Stems		Roots	
	Average	StDev	Average	StDev	Average	StDev
Bauhinia acuruana	1.81	0.65	0.20	0.06	0.19	0.09
Cnidoscolus bahianus	0.12	0.03	0.50	0.28	0.06	0.05
Croton argyrophylloides	0.76	0.20	0.21	0.09	0.20	0.12
Erythroxylum revolutum	1.24	0.26	0.51	0.19	0.29	0.13
Jatropha mutabilis	2.69	0.92	0.50	0.20	0.15	0.04
Pityrocarpa moniliformis	1.99	0.50	0.49	0.12	0.25	0.17
Average	1.39	0.96	0.39	0.21	0.19	0.12
Minimum	0.07		0.04		0.07	
Maximum	3.91		0.95		0.005	

Table S5. Significant statistical differences from the pairwise comparison between the soluble sugar concentration (mg g^{-1} DW) of each species and their respective organs (leaves, stems, and roots).

Organ	Pairwise comparison			z	p
Leaves	*Pityrocarpa moniliformis*	-	*Cnidoscolus bahianus*	-3.75	0.029
	Pityrocarpa moniliformis	-	*Croton argyrophylloides*	11.721	<0.001
	Bauhinia acuruana	-	*Cnidoscolus bahianus*	11.33	<0.001
	Bauhinia acuruana	-	*Croton argyrophylloides*	3.72	0.004
	Cnidoscolus bahianus	-	*Croton argyrophylloides*	-7.97	<0.001
	Cnidoscolus bahianus	-	*Erythroxylum revolutum*	-9.76	<0.001
	Cnidoscolus bahianus	-	*Jatropha mutabilis*	-12.46	<0.001
	Croton argyrophylloides	-	*Jatropha mutabilis*	-5.19	<0.001
	Erythroxylum revolutum	-	*Jatropha mutabilis*	-3.07	0.031
Stems	*Pityrocarpa moniliformis*	-	*Bauhinia acuruana*	3.79	0.003
	Pityrocarpa moniliformis	-	*Croton argyrophylloides*	3.64	0.005
	Bauhinia acuruana	-	*Cnidoscolus bahianus*	-3.84	0.003
	Bauhinia acuruana	-	*Erythroxylum revolutum*	-3.94	0.002
	Bauhinia acuruana	-	*Jatropha mutabilis*	-3.85	0.003
	Cnidoscolus bahianus	-	*Croton argyrophylloides*	3.72	0.004
	Croton argyrophylloides	-	*Erythroxylum revolutum*	-3.80	0.003
	Croton argyrophylloides	-	*Jatropha mutabilis*	-3.71	0.004
Roots	*Pityrocarpa moniliformis*	-	*Cnidoscolus bahianus*	6.07	<0.001
	Bauhinia acuruana	-	*Cnidoscolus bahianus*	4.85	<0.001
	Cnidoscolus bahianus	-	*Croton argyrophylloides*	-5.24	<0.001
	Cnidoscolus bahianus	-	*Erythroxylum revolutum*	-6.68	<0.001
	Cnidoscolus bahianus	-	*Jatropha mutabilis*	-4.04	0.001

Table S6. Average, standard deviation, minimum and maximum starch concentration (mg g^{-1} DW) values among species and organs.

Species	Leaves		Stems		Roots	
	Average	StDev	Average	StDev	Average	StDev
Bauhinia acuruana	20.28	3.80	7.36	3.21	13.20	10.31
Cnidoscolus bahianus	1.87	0.46	2.67	1.00	2.48	0.87
Croton argyrophylloides	6.28	2.68	9.00	9.94	9.22	6.70
Erythroxylum revolutum	34.84	25.19	15.69	4.88	13.56	17.17
Jatropha mutabilis	129.00	62.44	146.26	52.26	43.68	10.60
Pityrocarpa moniliformis	22.93	12.01	8.58	2.60	17.91	9.14
Average	36.1	17.18	31.41	12.28	16.04	8.78
Minimum	1.87		2.67		2.48	
Maximum	129.00		146.26		43.68	

Table S7. Significant statistical differences from the pairwise comparison between the starch concentration (mg g^{-1} DW) of each species and their respective organs (leaves, stems, and roots).

Organ	Pairwise comparison			t.ratio	p
Leaves	*Pityrocarpa moniliformis*	-	*Cnidoscolus bahianus*	7.52	<0.001
	Pityrocarpa moniliformis	-	*Croton argyrophylloides*	4.17	0.001
	Pityrocarpa moniliformis	-	*Jatropha mutabilis*	-5.40	<0.001
	Bauhinia acuruana	-	*Cnidoscolus bahianus*	7.16	<0.001
	Bauhinia acuruana	-	*Croton argyrophylloides*	3.78	0.003
	Bauhinia acuruana	-	*Jatropha mutabilis*	-5.78	<0.001
	Cnidoscolus bahianus	-	*Croton argyrophylloides*	-3.75	0.004
	Cnidoscolus bahianus	-	*Erythroxylum revolutum*	-7.57	<0.001
	Cnidoscolus bahianus	-	*Jatropha mutabilis*	-12.71	<0.001
	Croton argyrophylloides	-	*Erythroxylum revolutum*	-4.67	0.000
	Croton argyrophylloides	-	*Jatropha mutabilis*	-9.75	<0.001
	Erythroxylum revolutum	-	*Jatropha mutabilis*	-3.49	0.009
Stems	*Pityrocarpa moniliformis*	-	*Cnidoscolus bahianus*	3.64	0.006
	Pityrocarpa moniliformis	-	*Jatropha mutabilis*	-8.86	<0.001
	Bauhinia acuruana	-	*Cnidoscolus bahianus*	3.16	0.025
	Bauhinia acuruana	-	*Jatropha mutabilis*	-9.34	<0.001
	Cnidoscolus bahianus	-	*Croton argyrophylloides*	-3.92	0.002
	Cnidoscolus bahianus	-	*Erythroxylum revolutum*	-5.53	<0.001
	Cnidoscolus bahianus	-	*Jatropha mutabilis*	-12.50	<0.001
	Croton argyrophylloides	-	*Jatropha mutabilis*	-8.99	<0.001
	Erythroxylum revolutum	-	*Jatropha mutabilis*	-6.97	<0.001
Roots	*Pityrocarpa moniliformis*	-	*Cnidoscolus bahianus*	5.64	<0.001
	Bauhinia acuruana	-	*Cnidoscolus bahianus*	5.02	<0.001
	Bauhinia acuruana	-	*Jatropha mutabilis*	-3.59	0.007
	Cnidoscolus bahianus	-	*Croton argyrophylloides*	-4.24	0.001
	Cnidoscolus bahianus	-	*Erythroxylum revolutum*	-5.31	<0.001
	Cnidoscolus bahianus	-	*Jatropha mutabilis*	-8.96	<0.001
	Croton argyrophylloides	-	*Jatropha mutabilis*	-5.02	<0.001
	Erythroxylum revolutum	-	*Jatropha mutabilis*	-3.65	0.005

Table S8. Average, standard deviation, minimum and maximum values of each functional trait per treatment (i.e., undisturbed trees and regenerating individuals after slash-and-burn), followed by their respective glmm results (i.e., χ^2, p, r^2 adjusted for the entire model and for both fixed (treatment) and random (species) effects). LA = Leaf Area (mm^2), SLA = Specific Leaf Area, LTH = Leaf thickness, LDMC = Leaf Dry Matter Content, LS = Leaf Succulence, LCC = Leaf Construction Cost.

Traits	Undisturbed			Regenerating			χ^2	p	r^2 adj		
	Avg ± sd	Min	Max	Avg ± sd	Min	Max			Model	Fixed	Random
LA (mm^2)	2671 ± 1889	527	6912	2318 ± 1779	580	5323	2.51	0.11	0.61	0.00	0.61
SLA (m^2/kg)	9.61 ± 6.46	2.14	33	12.4 ± 8.1	1.86	24.7	1.05	0.30	0.65	0.00	0.65
LTH (mm)	0.27 ± 0.08	0.15	0.47	0.21 ± 0.7	0.09	0.36	8.94	0.002	0.59	0.09	0.50
LDMC (mg/g)	402 ± 84.2	246	713	313 ± 38.4	253	407	13.36	< 0.001	0.37	0.25	0.12
LS (mg /cm^2)	21.7 ± 17.4	5.87	105	40.1 ± 39.6	8.42	121	1.68	0.19	0.71	0.02	0.69
LCC (g glucose DW^{-1})	4837 ± 277	4268	5668	5323 ± 443	4759	6027	17.02	< 0.001	0.47	0.28	0.19

Table S9. Average, standard deviation, minimum and maximum values of each functional trait per species in each treatment (i.e., a) undisturbed trees and b) regenerating individuals after slash-and-burn). LA = Leaf Area (mm^2), SLA = Specific Leaf Area, LTH = Leaf thickness, LDMC = Leaf Dry Matter Content, LS = Leaf Succulence, LCC = Leaf Construction Cost.

a)

Undisturbed	LA (mm^2)		SLA (m^2/kg)		LTH (mm)		LDMC (mg/g)		LS (mg /cm^2)		LCC (g gluc DW^{-1})	
Species	Avg	StDev	Avg	StDev	Avg	StDev	Avg	StDev	Avg	StDev	Avg	StDev
Bauhinia acuruana	1441.07	404.54	9.35	4.80	0.36	0.10	421.20	40.68	16.85	4.01	1.56	0.03
Cnidoscolus bahianus	4122.25	1367.54	5.10	2.16	0.31	0.03	343.04	57.00	36.94	22.53	1.48	0.03
Croton argyrophylloides	971.22	304.85	19.43	9.58	0.17	0.01	336.10	18.88	13.64	8.21	1.48	0.19
Erythroxylum revolutum	1622.57	575.28	7.60	1.13	0.34	0.08	450.92	27.37	16.21	0.73	1.41	0.11
Pityrocarpa moniliformis	4598.48	1443.48	7.37	2.19	0.25	0.03	449.13	32.91	17.44	2.96	1.50	0.03
Average	2551.12	819.14	9.77	3.97	0.29	0.05	400.08	35.37	20.22	7.69	1.49	0.08
Minimum	971.22	304.85	5.10	1.13	0.17	0.01	336.10	18.88	13.64	0.73	1.41	0.03
Maximum	4598.48	1443.48	19.43	9.58	0.36	0.10	450.92	57.00	36.94	22.53	1.56	0.19

b)

Regenerating	LA (mm^2)		SLA (m^2/kg)		LTH (mm)		LDMC (mg/g)		LS (mg /cm^2)		LCC (g gluc DW^{-1})	
Species	Avg	StDev	Avg	StDev	Avg	StDev	Avg	StDev	Avg	StDev	Avg	StDev
Bauhinia acuruana	580.00	0.00	11.21	0.00	0.22	0.00	407.48	0.00	12.97	0.00	1.87	0.00
Cnidoscolus bahianus	4381.15	1022.83	2.94	0.69	0.29	0.04	290.78	22.17	88.08	19.58	1.48	0.03
Croton argyrophylloides	992.38	348.82	19.40	3.16	0.15	0.02	319.66	29.99	11.34	2.04	1.59	0.15
Erythroxylum revolutum	1382.93	0.00	15.72	0.00	0.17	0.00	363.64	0.00	11.14	0.00	1.46	0.00
Pityrocarpa moniliformis	1137.86	733.15	15.02	2.02	0.16	0.02	300.60	76.99	16.93	5.31	1.51	0.04
Average	1694.87	420.96	12.86	1.17	0.20	0.02	336.43	25.83	28.09	5.39	1.58	0.05
Minimum	580.00	0.00	2.94	0.00	0.15	0.00	290.78	0.00	11.14	0.00	1.46	0.00
Maximum	4381.15	1022.83	19.40	3.16	0.29	0.04	407.48	76.99	88.08	19.58	1.87	0.15

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, contribuímos com mais um tijolo no grande campo da ecologia. Contudo, ainda existem diversas lacunas a serem preenchidas em relação aos temas abordados. Por fim, sugerimos que estudos futuros foquem em investigações relacionadas à: capacidade de persistência de diferentes espécies ainda não exploradas, velocidade de regeneração de plântulas oriundas de semente vs rebrotas e rametas, como diferentes mecanismos de regeneração afetam a biodiversidade no processo de regeneração e suas possíveis interações (i.e., facilitação, competição), se a disponibilidade de NSC antes de perturbações indicam um possível sucesso em espécies que sabidamente persistem, como se dá o compartilhamento de nutrientes entre rametas de espécies lenhosas conectados, quais as implicações da redução de regeneração de sementes na recuperação e provisão de serviços ecossistêmicos na Caatinga.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; ARAÚJO, E. L.; DE CASTRO, C. C.; ALVES, R. R. N. People and natural resources in the Caatinga. *Em*: **Caatinga: The largest tropical dry forest region in South America**. Cham: Springer, 2017. p. 303–333.

ALMEIDA-ROCHA, J. M.; SOARES, L. A. S. S.; ANDRADE, E. R.; GAIOTTO, F. A.; CAZETTA, E. The impact of anthropogenic disturbances on the genetic diversity of terrestrial species: A global meta-analysis. **Molecular Ecology**, v. 29, n. 24, p. 4812–4822, 2020.

ANTUNES, A.; FILHO, R.; ADAMS, C.; SERGIO, R.; MURRIETA, S. The impacts of shifting cultivation on tropical forest soil: a review. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum**, n. 3, p. 693–727, 2013.

ARAÚJO, E. L.; CASTRO, C. C.; ALBUQUERQUE, U. P. Dynamics of Brazilian Caatinga – A Review Concerning the Plants , Environment and People. **Functional Ecosystems and Communities**, v. 1, n. 1, p. 15–28, 2007. Disponível em: <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Dynamics+of+Brazilian+Caatinga+?+A+Review+Concerning+the+Plants+,+Environment+and+People#0>.

ARAÚJO, E. L.; TABARELLI, M. Estudos de ecologia de populações de plantas do nordeste do Brasil. *Em*: ARAÚJO, E. L.; MOURA, A. N.; SAMPAIO, E. V. S. B.; GESTINARI, L. M. S.; CARNEIRO, J. M. T. **Biodiversidade, Conservação e Uso Sustentável da Flora do Brasil.** Recife: Imprensa Universitária, 2002. p. 135–142.

ARNAN, X.; LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; ANDRADE, J. F.; BARROS, M. F.; CÂMARA, T.; JAMELLI, D.; KNOECHELMAN, C. M.; MENESES, T.; MENEZES, A. G. S.; OLIVEIRA, F. M. P.; PAULA, A. S. de; PEREIRA, S. C.; RITO, K. F.; SFAIR, J. C.; SILVA, F. S. da; SOUZA, D. G.; SPECHT, M. J.; VIEIRA, L. A.; ANDERSEN, A. N. A framework for deriving measures of chronic anthropogenic disturbance: surrogate, direct, single and multi-metric indices in Brazilian Caatinga. **Ecological Indicators**, v. 94, p. 274–282, 2018.

ARROYO-RODRÍGUEZ, V.; MELO, F. P. L.; MARTÍNEZ-RAMOS, M.; BONGERS, F.; CHAZDON, R. L.; MEAVE, J. A.; NORDEN, N.; SANTOS, B. A.; LEAL, I. R.; TABARELLI, M. Multiple successional pathways in human-modified tropical landscapes: New insights from forest succession, forest fragmentation and landscape ecology research. **Biological Reviews**, v. 92, p. 326–340, 2017.

BARRETT, S. C. H. Influences of clonality on plant sexual reproduction. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 112, n. 29, p. 8859–8866, 21 jul. 2015.

BARROS, M. F.; RIBEIRO, E. M. S.; VANDERLEI, R. S.; DE PAULA, A. S.; SILVA, A. B.; WIRTH, R.; CIANCIARUSO, M. V.; TABARELLI, M. Resprouting drives successional pathways and the resilience of Caatinga dry forest in human-modified landscapes. **Forest Ecology and Management**, v. 482, n. December, p. 118881, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.foreco.2020.118881>.

BASU, S.; RAMEGOWDA, V.; KUMAR, A.; PEREIRA, A. Plant adaptation to drought stress [version 1; referees: 3 approved]. **F1000Research**, v. 5, p. 1–10, 2016.

BATISTI, C.; POETA, G.; FANELLI, G. **An introduction to disturbance ecolgy: a road map for wildlife management and conservation**. [s.l.] Springer, 2016. 178 p.

BELLINGHAM, P. J.; SPARROW, A. D. Resprouting as a life history strategy in woody plant communities. **Oikos**, v. 89, n. 2, p. 409–416, 2000.

BELLINGHAM, P. J.; SPARROW, A. D. Multi-stemmed trees in montane rain forests: Their frequency and demography in relation to elevation, soil nutrients and disturbance. **Journal of Ecology**, v. 97, n. 3, p. 472–483, maio 2009.

BEZERRA, J. S.; ARROYO-RODRÍGUEZ, V.; TAVARES, J. M.; LEAL, A.; LEAL, I. R.; TABARELLI, M. Drastic impoverishment of the soil seed bank in a tropical dry forest exposed to slash-and-burn agriculture. **Forest Ecology and Management**, v. 513, n. March, p. 120185, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.foreco.2022.120185>.

BIRHANU, L.; BEKELE, T.; DEMISSEW, S. Woody species composition and structure of Amoro Forest in West Gojjam Zone, North Western Ethiopia. **Journal of Ecology and The Natural Environment**, v. 10, n. 4, p. 53–64, 2018.

BLAKE, T. J. Coppice systems for short-rotation intensive forestry: the influence of cultural, seasonal and plant factors. **Australian Forest research**, v. 13, p. 279–291, 1983.

BOND, W. J.; MIDGLEY, J. J. Ecology of sprouting in woody plants : the persistence niche. **Trends in Ecology and Evolution**, v. 16, n. 1, p. 45–51, 2001.

BOUCHER, D.; GAUTHIER, S.; THIFFAULT, N.; MARCHAND, W.; GIRARDIN, M.; URLI, M. How climate change might affect tree regeneration following fire at northern latitudes: a review. **New Forests**, v. 51, n. 4, p. 543–571, 2020.

BUISSON, E.; LE STRADIC, S.; SILVEIRA, F. A. O.; DURIGAN, G.; OVERBECK, G. E.; FIDELIS, A.; FERNANDES, G. W.; BOND, W. J.; HERMANN, J. M.; MAHY, G.; ALVARADO, S. T.; ZALOUMIS, N. P.; VELDMAN, J. W. Resilience and restoration of tropical and subtropical grasslands, savannas, and grassy woodlands. **Biological Reviews**, v. 94, n. 2, p. 590–609, 2018.

BURQUEZ, A.; CASTILLO, A.; MARTINEZ YRIZAR, A.; MIRANDA, A.; PEREZ JIMENEZ, A.; TINOCO, C.; GARCIA OLIVA, F.; DAILY, G. C.; CEBALLOS, G.; MOONEY, H. A.; COTLER, H.; MAASS, J. M.; LOPEZ BLANCO, J.; SARUKHAN, J.; BARRAZA, L.; QUESADA, M.; BALVANERA, P.; EHRLICH, P.; AYALA, R.; JARAMILLO, V. J. Ecosystem services of tropical dry forests: Insights from long-term ecological and social research on the Pacific Coast of Mexico. **Ecology and Society**, v. 10, n. 1, p. 542–564, 2005.

CARUZO, M. B. R. ; MEDEIROS, D. ; SANTOS, R. F. D. ; PEREIRA, A. P. N. ; TORRES, D. S. C. ; SECCO, R. S. ; MUNIZ FILHO, E. ; VALDUGA, E. ; LIMA, L. R. ; RIINA;, R.; ROSSINE, Y. **Croton in Flora do Brasil 2020**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB54524>.

CHATURVEDI, R. K.; TOMLINSON, K. W.; SINGH, J. S. .; RAGHUBANSHI, A. S. Impacts of human disturbance in tropical dry forests increase with soil moisture stress. **Journal of Vegetation Science**, v. 28, n. 5, p. 997–1007, 2017.

CHAZDON, R. L. Tropical forest recovery: Legacies of human impact and natural disturbances. **Perspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics**, v. 6, n. 1–2, p. 51–71, 2003.

CHAZDON, R. L.; PERES, C. A.; DENT, D.; SHEIL, D.; LUGO, A. E.; LAMB, D.; STORK, N. E.; MILLER, S. E. The potential for species conservation in tropical secondary forests. **Conservation Biology**, v. 23, n. 6, p. 1406–1417, 2009.

CHO, N.; AGOSSOU, C.; KIM, E.; LIM, J. H.; HWANG, T.; KANG, S. **Recent field findings and modeling on non-structural carbohydrates (NSCs): How to synthesize?Ecological Informatics**Elsevier B.V., 1 set. 2022.

CLARKE, P. J.; LAWES, M. J.; MIDGLEY, J. J. Resprouting as a key functional trait in woody plants – challenges to developing new organizing principles. **New Phytologist**, v. 188, p. 651–654, 2010.

CLARKE, P. J.; LAWES, M. J.; MIDGLEY, J. J.; LAMONT, B. B.; OJEDA, F.; BURROWS, G. E.; ENRIGHT, N. J.; KNOX, K. J. E. Resprouting as a key functional trait: How buds, protection and resources drive persistence after fire. **New Phytologist**, v. 197, n. 1, p. 19–35, 2012.

COIMBRA-FILHO, A. F.; CÂMARA, I. G. **Os limites originais do bioma Mata Atlântica na região Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, 1996. 86 p.

CORLETT, R. T. The Anthropocene concept in ecology and conservation. **Trends in Ecology and Evolution**, v. 30, p. 36–41, 2014.

COSTA, N. B.; BEZERRA, G. de A.; FILHO, G. de O. P.; DE MORAES, M. G. Distribution of non-structural carbohydrates in the vegetative organs of upland rice. **Ciencia e Agrotecnologia**, v. 45, 2021.

CRAWLEY, M. J. **Statistics - An introduction using R**. Chichester: John Wiley & Sons, 2015. 357 p.

CURTIS, P. G.; SLAY, C. M.; HARRIS, N. L.; TYUKAVINA, A.; HANSEN, M. C. Classifying drivers of global forest loss. **Science**, v. 361, n. 6407, p. 1108–1111, 2018.

DANTAS, B. F.; MOURA, M. S. B.; PELACANI, C. R.; ANGELOTTI, F.; TAURA, T. A.; OLIVEIRA, G. M.; BISPO, J. S.; MATIAS, J. R.; SILVA, F. F. S.; PRITCHARD, H. W.; SEAL, C. E. Rainfall, not soil temperature, will limit the seed germination of dry forest species with climate change. **Oecologia**, v. 192, n. 2, p. 529–541, 2020.

DE ALBUQUERQUE, U. P.; DE LIMA ARAÚJO, E.; EL-DEIR, A. C. A.; DE LIMA, A. L. A.; SOUTO, A.; BEZERRA, B. M.; FERRAZ, E. M. N.; MARIA XAVIER FREIRE, E.; SAMPAIO, E. V. D. S. B.; LAS-CASAS, F. M. G.; DE MOURA, G. J. B.; PEREIRA, G. A.; DE MELO, J. G.; ALVES RAMOS, M.; RODAL, M. J. N.; SCHIEL, N.; DE LYRA-NEVES, R. M.; ALVES, R. R. N.; DE AZEVEDO, S. M.; TELINO, W. R.; SEVERI, W. **Caatinga revisited: Ecology and conservation of an important seasonal dry forestThe Scientific World Journal**2012.

DE QUEIROZ, L. P.; CARDOSO, D.; FERNANDES, M. F.; MORO, M. F. Diversity and Evolution of Flowering Plants of the Caatinga Domain. *Em*: **Caatinga**. Cham: Springer International Publishing, 2017. p. 23–63.

DE ROUW, A. Regeneration by sprouting in slash and burn rice cultivation, Tai rain forest, Cote d'Ivoire. **Journal of Tropical Ecology**, v. 9, p. 387–408, 1993. Disponível em: <https://about.jstor.org/terms>.

DEVELOPMENT CORE TEAM, R. **R: Language and Environment for Statistical Computing**Vienna, Austria. 2019.

DIETZE, M. C.; SALA, A.; CARBONE, M. S.; CZIMCZIK, C. I.; MANTOOTH, J. A.; RICHARDSON, A. D.; VARGAS, R. Nonstructural carbon in woody plants. **Annual Review of Plant Biology**, v. 65, p. 667–687, 2014.

DONG, B. C.; ALPERT, P.; ZHANG, Q.; YU, F. H. Clonal integration in homogeneous environments increases performance of Alternanthera philoxeroides. **Oecologia**, v. 179, n. 2, p. 393–403, 2015.

DONG, M.; YU, F. H.; ALPERT, P. **Preface: Ecological consequences of plant clonalityAnnals of Botany**Oxford University Press, 2014.

DONG-WEI, S.; YUAN-YUAN, L.; XIAO-YONG, C. REVIEW OF CLONAL DIVERSITY AND ITS EFFECTS ON ECOSYSTEM FUNCTIONING. **Chinese Journal of Plant Ecology**, v. 31, n. 4, p. 552–560, 2007. Disponível em: <http://www.plant-ecology.com/EN/10.17521/cjpe.2007.0071>.

DONS, K.; SMITH-HALL, C.; MEILBY, H.; FENSHOLT, R. Operationalizing measurement of forest degradation: Identification and quantification of charcoal production in tropical dry forests using very high resolution satellite imagery. **International Journal of Applied Earth Observation and Geoinformation**, v. 39, p. 18–27, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jag.2015.02.001>.

DU, Y.; LU, R.; XIA, J. Impacts of global environmental change drivers on non-structural carbohydrates in terrestrial plants. **Functional Ecology**, v. 34, n. 8, p. 1525–1536, 1 ago. 2020.

DUBOIS, M., GILLES, K.A., HAMILTON, J.K., REBERS, P.A., SMITH, F. Colorimetric method for determination of sugars and related substances. **Analytical Chemistry**, v. 28, p. 250–256, 1956.

ENGELBRECHT, B. M. J.; DALLING, Æ. J. W.; PEARSON, T. R. H.; WOLF, Æ. R. L.; TOBIAS, Æ.; MELVIN, K. Æ.; KURSAR, T. A. Short dry spells in the wet season increase mortality of tropical pioneer seedlings. **Oecologia**, v. 148, p. 258–269, 2006.

ESPELTA, J. M.; RETANA, J.; HABROUK, A. Resprouting patterns after fire and response to stool cleaning of two coexisting Mediterranean oaks with contrasting leaf habits on two different sites. **Forest Ecology and Management**, v. 179, p. 401–414, 2003.

EVERHAM III, E. M.; BROKAW, N. V. L. Forest damage and recovery from catastropich wind. **The Botanical Review**, v. 62, n. 2, p. 114–149, 1996.

FAHRIG, L. Effects of Habitat Fragmentation on Biodiversity. **Annual Review of Ecology, Evolution, and Systematics**, v. 34, n. 1, p. 487–515, 2003.

FAHRIG, L.; COFFIN, D. P.; LAUENROTH, W. K.; SHUGART, H. H. The advantage of long-distance clonal spreading in highly disturbed habitats. **Evolutionary Ecology**, v. 8, p. 172–187, 1994.

FIGUEIRÔA, J. M. de; PAREYN, F. G. C.; ARAÚJO, E. de L.; SILVA, C. E. da; SANTOS, V. F. dos; CUTLER, D. F.; BARACAT, A.; GASSON, P. Effects of cutting regimes in the dry and wet season on survival and sprouting of woody species from the semi-arid caatinga of northeast Brazil. **Forest Ecology and Management**, v. 229, n. 1–3, p. 294–303, 2006.

FISCHER, J.; LINDENMAYER, D. B. Landscape modification and habitat fragmentation: a synthesis. **Global Ecology and Biogeography**, v. 15, p. 55–66, 2007.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. **Trees, forests and land use in drylands. The first global assessment.** [s.l: s.n.]31 p.

GARDNER, T. A.; BARLOW, J.; CHAZDON, R.; EWERS, R. M.; HARVEY, C. A.; PERES, C. A.; SODHI, N. S. Prospects for tropical forest biodiversity in a human-modified world. **Ecology Letters**, v. 12, n. 6, p. 561–582, 2009.

GARIGLIO, M. A.; KAGEYAMA, P. Y.; SAMPAIO, E. V. de S. B.; CESTARO, L. A. **Uso sustentável e Conservação dos recursos florestais da Caatinga**. Brasília/DF: Serviço Florestal Brasileiro, 2010. 368 p.

GEBEYEHU, G.; SOROMESSA, T.; BEKELE, T.; TEKETAY, D. Species composition, stand structure, and regeneration status of tree species in dry Afromontane forests of Awi Zone, northwestern Ethiopia. **Ecosystem Health and Sustainability**, v. 5, n. 1, p. 199–215, 2019.

HARTMANN, H.; TRUMBORE, S. Understanding the roles of nonstructural carbohydrates in forest trees - from what we can measure to what we want to know. **The New phytologist**, v. 211, n. 2, p. 386–403, 2016.

HARTMANN, H.; ZIEGLER, W.; TRUMBORE, S. Lethal drought leads to reduction in nonstructural carbohydrates in Norway spruce tree roots but not in the canopy. **Functional Ecology**, v. 27, n. 2, p. 413–427, 2013.

HASNAT, G. N. T.; HOSSAIN, M. K. Global Overview of Tropical Dry Forests. *Em*: **Handbook of Research on the Conservation and Restoration of Tropical Dry Forests**. Delhi: IGI Global, 2019. p. 23.

HAUSER, S.; NORGROVE, L. Slash-and-Burn Agriculture, Effects of. *Em*: **Encyclopedia of Biodiversity: Second Edition**. [s.l.] Elsevier Inc., 2013. p. 551–562.

HAYASHI, A. H.; APPEZZATO-DA-GLÓRIA, B. Resprouting from roots in four Brazilian tree species. **International Journal of Tropical Biology**, v. 57, n. 3, p. 789–800, 2009.

HOUGHTON, R. A.; BYERS, B.; NASSIKAS, A. A. A role for tropical forests in stabilizing atmospheric CO2. **Nature Climate Change**, v. 5, n. 12, p. 1022–1023, 2015.

IPCC. **Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vul- nerability. Part A: Global and Sectoral Aspects. Contribution of Working Group II to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change**. [s.l: s.n.].

IWASA, Y.; KUBO, T. Optimal size of storage for recovery after unpredictable disturbances. **Evolutionary Ecology**, v. 11, n. 1, p. 41–65, 1997.

JANZEN, D. Tropical dry forests: The most endangered major tropical ecosystem. *Em*: E. O. WILSON. **Biodiversity**. Washington DC: National Academy of Sciences/Smithsonian Institution, 1988. p. 130–137.

JENIK, J. Clonal Growth in Woody Plants: a Review. **Folia Geobot. Phytotax., Praha**, v. 29, p. 291–306, 1994.

JIAO, L.; ZHOU, Y.; LIU, X.; WANG, S.; LI, F. Driving forces analysis of non-structural carbohydrates for Phragmites australis in different habitats of Inland River Wetland. **Water (Switzerland)**, v. 12, n. 6, 1 jun. 2020.

KAMMESHEIDT, L. Forest recovery by root suckers and above-ground sprouts after slash-and-burn agriculture , fire and logging in Paraguay and Venezuela. **Journal of Tropical Ecology**, v. 15, p. 143–157, 1999.

KELLER, J. D.; LOESCHER, W. H. Nonstructural carbohydrate partitioningin perennial parts of sweet cherry. **Journal of American Society of Horticultural Sciences**, v. 114, p. 969–975, 1989.

KENNARD, D. K.; GOULD, K.; PUTZ, F. E.; FREDERICKSEN, T. S.; MORALES, F. Effect of disturbance intensity on regeneration mechanisms in a tropical dry forest. **Forest Ecology and Management**, v. 162, n. 2–3, p. 197–208, 2002.

KHURANA, E.; SINGH, J. S. Ecology of seed and seedling growth for conservation and restoration of tropical dry forest : a review. **Environmental Conservation**, v. 28, n. 1, p. 39–52, 2000.

KHURANA, E.; SINGH, J. S. Germination and seedling growth of five tree species from tropical dry forest in relation to water stress : impact of seed size. **Journal of Tropical Ecology**, v. 1, p. 385–396, 2004.

KLIMEŠOVÁ, J.; DOLEŽAL, J. Are clonal plants more frequent in cold environments than elsewhere? **Plant Ecology and Diversity**, v. 4, n. 4, p. 373–378, 2012.

KLIMEŠOVÁ, J.; MARTÍNKOVÁ, J.; HERBEN, T. **Horizontal growth: An overlooked dimension in plant trait spacePerspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics**Elsevier GmbH, 1 jun. 2018.

KLIMEŠOVÁ, J.; MARTÍNKOVÁ, J.; OTTAVIANI, G. **Belowground plant functional ecology: Towards an integrated perspectiveFunctional Ecology**Blackwell Publishing Ltd, 1 set. 2018.

KNOECHELMANN, C. M.; OLIVEIRA, F. M. P.; SIQUEIRA, F. F. S.; WIRTH, R.; TABARELLI, M.; LEAL, I. R. Leaf-cutting ants negatively impact the regeneration of the Caatinga dry forest across abandoned pastures. **Biotropica**, v. 52, n. January, p. 686–696, 2020.

KOCH, R.; ALMEIDA-CORTEZ, J. S.; KLEINSCHMIT, B. Revealing areas of high nature conservation importance in a seasonally dry tropical forest in Brazil: Combination of modelled plant diversity hot spots and threat patterns. **Journal for Nature Conservation**, v. 35, p. 24–39, 2017. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1617138116301935>.

KOZLOWSKI, T. T. Carbohydrate sources and sinks in woody plants. **The Botanical Review**, v. 58, n. 2, p. 107–222, 1992.

KRAMER, P. J. **Water Relations of Plants**. San Diego, CA: Academic Press, 1983. 367 p.

KREBS, C. J. **Ecology. The experimental analysis of distribution and abundance**. 5th. ed. San Francisco: Pearson Education (US), 2001. 608 p.

LAMONT, B. B.; WIENS, D. Are seed set and speciation rates always low among species that resprout after fire, and why? **Evolutionary Ecology**, v. 17, p. 277–292, 2003.

LATT, C. R.; NAIR, P. K. R.; KANG, B. T. Reserve carbohydrate levels in the boles and structural roots of five multipurpose tree species in a seasonally dry tropical climate. **Forest Ecology and Management**, v. 146, n. 1–3, p. 145–158, 2001.

LEAL, L. C.; ANDERSEN, A. N.; LEAL, I. R. Anthropogenic disturbance reduces seed-dispersal services for myrmecochorous plants in the Brazilian Caatinga. **Oecologia**, v. 174, n. 1, p. 173–181, 2014.

LEAL, L. C.; ANDERSEN, A. N.; LEAL, I. R. Disturbance Winners or Losers? Plants Bearing Extrafloral Nectaries in Brazilian Caatinga. **Biotropica**, v. 47, n. 4, p. 466–474, 2015.

LESSA, T.; DOS SANTOS, J. W.; CORREIA, R. A.; LADLE, R. J.; MALHADO, A. C. M. Known unknowns: Filling the gaps in scientific knowledge production in the Caatinga. **PLoS ONE**, v. 14, n. 7, 1 jul. 2019.

LI, N.; HE, N.; YU, G.; WANG, Q.; SUN, J. Leaf non-structural carbohydrates regulated by plant functional groups and climate: Evidences from a tropical to cold-temperate forest transect. **Ecological Indicators**, v. 62, p. 22–31, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ecolind.2015.11.017>.

LIANG, K. ; F. Y. ; F. H. J. Concentration and Distribution Pattern of Non-Structural Carbohydrate of Phyllostachys glauca in Different Limestone Habitats. **Scientia Silvae Sinicae**, v. 55, p. 22–27, 2019.

LIEBERMAN, D.; LI, Mingguang. Seedling Recruitment Patterns in a Tropical Dry Forest in Ghana Seedling recruitment patterns in a tropical dry forest in Ghana. **Journal of Vegetation Science**, v. 3, n. 3, p. 375–382, 1992.

LINS, L.; SANTOS, D.; LIRA, R.; M. P. OLIVEIRA, F.; WIRTH, R.; MENEZES, T.; TABARELLI, M.; LEAL, I. R. Exotic goats do not affect the seed bank but reduce seedling survival in a human-modified landscape of Caatinga dry forest. **Forest Ecology and Management**, v. 522, 15 out. 2022.

LIU, W.; SU, J.; LI, S.; LANG, X.; HUANG, X. Non-structural carbohydrates regulated by season and species in the subtropical monsoon broad-leaved evergreen forest of Yunnan Province, China. **Scientific Reports**, v. 8, n. 1, p. 1–10, 2018.

LOIOLA, M. I. B.; COSTA-LIMA, J. L. **Erythroxylaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB17431>.

MAASS, J. M.; BALVANERA, P.; CASTILLO, A.; DAILY, G. C.; MOONEY, H. A.; EHRLICH, P.; QUESADA, M.; MIRANDA, A.; JARAMILLO, V. J.; GARCÍA-OLIVA, F.; MARTÍNEZ-YRIZAR, A.; COTLER, H.; LÓPEZ-BLANCO, J.; PÉREZ-JIMÉNEZ, A.; BÚRQUEZ, A.; TINOCO, C.; CEBALLOS, G.; BARRAZA, L.; AYALA, R. Ecosystem Services of Tropical Dry Forests : Insights from Long- term Ecological and Social Research on the Pacific Coast of Mexico. **Ecology and Society**, v. 10, n. 1, p. 542–564, 2005a.

MAASS, J. M.; BALVANERA, P.; CASTILLO, A.; DAILY, G. C.; MOONEY, H. A.; EHRLICH, P.; QUESADA, M.; MIRANDA, A.; JARAMILLO, V. J.; GARCÍA-OLIVA, F.; MARTÍNEZ-YRIZAR, A.; COTLER, H.; LÓPEZ-BLANCO, J.; PÉREZ-JIMÉNEZ, A.; BÚRQUEZ, A.; TINOCO, C.; CEBALLOS, G.; BARRAZA, L.; AYALA, R.; SARUKHÁN, J. Ecosystem services of tropical dry forests: Insights from long-term ecological and social research on the Pacific Coast of Mexico. **Ecology and Society**, v. 10, n. 1, p. 1–23, 2005b.

MAGRIN, G. O.; MARENGO, J. A.; BOULANGER, J. B.; BUCKERIDGE, M. S.; CASTELLANOS, E.; ...; VICUÑA, S. **Central and South America. Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Part B: Regional Aspects.** [s.l: s.n.].

MARTÍNEZ-VILALTA, J.; SALA, A.; ASENSIO, D.; GALIANO, L.; HOCH, G.; PALACIO, S.; PIPER, F. I.; LLORET, F. Dynamics of non-structural carbohydrates in terrestrial plants: A global synthesis. **Ecological Monographs**, v. 86, n. 4, p. 495–516, 2016a.

MARTÍNEZ-VILALTA, J.; SALA, A.; ASENSIO, D.; GALIANO, L.; HOCH, G.; PALACIO, S.; PIPER, F. I.; LLORET, F. Dynamics of non-structural carbohydrates in terrestrial plants: A global synthesis. **Ecological Monographs**, v. 86, n. 4, p. 495–516, 1 nov. 2016b.

MAYA-LASTRA., C.A.; TORRES, D.S.C.; CORDEIRO, I.; SILVA, O. L. M. **Cnidoscolus in Flora do Brasil 2020**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB17494>.

MCDONALD, M. A. What are the mechanisms of regeneration post-disturbance in tropical dry forest? **Environmental Evidence**, v. 37, 2010.

MCDOWELL, N.; POCKMAN, W. T.; ALLEN, C. D.; BRESHEARS, D. D.; COBB, N.; KOLB, T.; PLAUT, J.; SPERRY, J.; WEST, A.; WILLIAMS, D. G.; YEPEZ, E. A. Mechanisms of plant survival and mortality during drought: Why do some plants survive while others succumb to drought? **New Phytologist**, v. 178, n. 4, p. 719–739, 2008.

MELO, F. P. L.; ARROYO-RODRÍGUEZ, V.; FAHRIG, L.; MARTÍNEZ-RAMOS, M.; TABARELLI, M. On the hope for biodiversity-friendly tropical landscapes. **Trends in Ecology and Evolution**, v. 28, n. 8, p. 462–468, 2013.

MENEY, K. A.; DIXON, K. W.; PATE, J. S. Reproductive potential of obligate seeder and resprouter herbaceous perennial monocots (Restionaceae, Anarthriaceae, Ecdeiocoleaceae) from south-western Western Australia. **Australian Journal of Botany**, v. 45, n. 5, p. 771–782, 1997.

MENEZES, T.; CARMO, R.; WIRTH, R.; LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; LAURÊNIO, A.; MELO, F. P. L. Introduced goats reduce diversity and biomass of herbs in Caatinga dry forest. **Land Degradation & Development**, 2020.

MILES, L.; NEWTON, A. C.; DEFRIES, R. S.; RAVILIOUS, C.; MAY, I.; BLYTH, S.; KAPOS, V.; GORDON, J. E. A global overview of the conservation status of tropical dry forests. **Journal of Biogeography**, v. 33, n. 3, p. 491–505, 2006.

MILLER, P. M.; KAUFFMAN, J. B.; DEC, N. Seedling and Sprout Response to Slash-and-Burn Agriculture in a Tropical Deciduous Forest. **Biotropica**, v. 30, n. 4, p. 538–546, 1998.

MIRANDA, J. C.; RODRÍGUEZ-CALCERRADA, J.; PITA, P.; SAURER, M.; OLEKSYN, J.; GIL, L. Carbohydrate dynamics in a resprouting species after severe aboveground perturbations. **European Journal of Forest Research**, v. 139, n. 5, p. 841–852, 1 out. 2020.

MOOLA, F. M.; VASSEUR, L. The importance of clonal growth to the recovery of Gaultheria procumbens L. (Ericaceae) after forest disturbance. *Em*: VAN DER VALK, A. G. **Forest Ecology**. Dordrecht: Springer Netherlands, 2008. p. 319–337.

MOREIRA, B.; TORMO, J.; PAUSAS, J. G. To resprout or not to resprout: Factors driving intraspecific variability in resprouting. **Oikos**, v. 121, n. 10, p. 1577–1584, 2012.

MURPHY, P. G.; LUGO. Ecology of tropical dry forest. **Annual Review of Ecology, Evolution, and Systematics**, v. 17, p. 67–88, 1986.

NEWELL, E. A.; MULKEY, S. S.; WRIGHT, S. J. Seasonal patterns of carbohydrate storage in four tropical tree species. **Oecologia**, v. 131, n. 3, p. 333–342, 2002.

NOUTCHEU, R.; OLIVEIRA, F. M. P.; WIRTH, R.; TABARELLI, M.; LEAL, I. R. Coppicing as a driver of plant resprouting and the regeneration of a Caatinga dry forest. **Forest Ecology and Management**, v. 529, p. 120736, fev. 2023. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0378112722007307>.

NZUNDA, E. F.; GRIFFITHS, M. E.; LAWES, M. J. Sprouting by remobilization of above-ground resources ensures persistence after disturbance of coastal dune forest trees. **Functional Ecology**, v. 22, n. 4, p. 577–582, ago. 2008.

O'BRIEN, M. J.; LEUZINGER, S.; PHILIPSON, C. D.; TAY, J.; HECTOR, A. Drought survival of tropical tree seedlings enhanced by non-structural carbohydrate levels. **Nature Climate Change**, v. 4, n. 8, p. 710–714, 2014.

OLIVEIRA, F. M. P.; RIBEIRO-NETO, J. D.; ANDERSEN, A. N.; LEAL, I. R. Chronic anthropogenic disturbance as a secondary driver of ant community structure: Interactions with soil type in Brazilian Caatinga. **Environmental Conservation**, v. 44, n. 2, p. 115–123, 2016.

OTT, J. P.; KLIMEŠOVÁ, J.; HARTNETT, D. C. The ecology and significance of below-ground bud banks in plants. **Annals of Botany**, v. 123, n. 7, p. 1099–1118, 2019.

PALACIO, S.; HERNÁNDEZ, R.; MAESTRO-MARTÍNEZ, M.; CAMARERO, J. J. Fast replenishment of initial carbon stores after defoliation by the pine processionary moth and its relationship to the re-growth ability of trees. **Trees - Structure and Function**, v. 26, n. 5, p. 1627–1640, out. 2012.

PAUSAS, J. G.; KEELEY, J. E. Evolutionary ecology of resprouting and seeding in fire-prone ecosystems. **New Phytologist**, v. 204, p. 55–65, 2014.

PAUSAS, J. G.; LAMONT, B. B.; PAULA, S.; APPEZZATO-DA-GLÓRIA, B.; FIDELIS, A. Unearthing belowground bud banks in fire-prone ecosystems. **New Phytologist**, v. 217, n. 4, p. 1435–1448, 1 mar. 2018.

PAUSAS, J. G.; PRATT, R. B.; KEELEY, J. E.; JACOBSEN, A. L.; RAMIREZ, A. R.; VILAGROSA, A.; PAULA, S.; KANEAKUA-PIA, I. N.; DAVIS, S. D. Towards understanding resprouting at the global scale. **New Phytologist**, v. 209, p. 945–954, 2016.

PBMC. Contribuição do grupo de trabalho 1 ao primeiro relatório de avaliação nacional do painel brasileiro de mudanças climáticas. Sumário Executivo GT1. Em: 2013, Rio de Janeiro, Brasil. [...]. Rio de Janeiro, Brasil: 2013. p. 24.

PEÑA-ROJAS, K.; ARANDA, X.; JOFFRE, R.; FLECK, I. Leaf morphology, photochemistry and water status changes in resprouting Quercus ilex during drought. **Functional Plant Biology**, v. 32, n. 2, p. 117–130, 2005.

PENNING DE VRIES, F.W.T., BRUNSTING, A.H.M., VAN LAAR, H. H. Products, requirements and efficiency of biosynthesis: a quantitative approach. **Journal of Theoretical Biology**, v. 45, p. 339–377, 1974.

PENNINGTON, R. T.; LAVIN, M.; OLIVEIRA-FILHO, A. Woody Plant Diversity, Evolution, and Ecology in the Tropics: Perspectives from Seasonally Dry Tropical Forests. **Annual Review of Ecology, Evolution, and Systematics**, v. 40, n. 1, p. 437–457, 2009.

PÉREZ-HARGUINDEGUY, N.; DIAZ, S.; GARNIER, E.; LAVOREL, S.; POORTER, H.; JAUREGUIBERRY, P.; BRET-HARTE, M. S. S.; CORNWELL, W. K. K.; CRAINE, J. M. M.; GURVICH, D. E. E.; URCELAY, C.; VENEKLAAS, E. J. J.; REICH, P. B. B.; POORTER, L.; WRIGHT, I. J. J.; ETC.; RAY, P.; ETC.; DÍAZ, S.; LAVOREL, S.; POORTER, H.; JAUREGUIBERRY, P.; BRET-HARTE, M. S. S.; CORNWELL, W. K. K.; CRAINE, J. M. M.; GURVICH, D. E. E.; URCELAY, C.; VENEKLAAS, E. J. J.; REICH, P. B. B.; POORTER, L.; WRIGHT, I. J. J.; RAY, P.; ENRICO, L.; PAUSAS, J. G.; VOS, A. C. de; BUCHMANN, N.; FUNES, G.; QUÉTIER, F.; HODGSON, J. G.; THOMPSON, K.; MORGAN, H. D.; STEEGE, H. ter; HEIJDEN, M. G. A. van der; SACK, L.; BLONDER, B.; POSCHLOD, P.; VAIERETTI, M. V.; CONTI, G.; STAVER, A. C.; AQUINO, S.; CORNELISSEN, J. H. C. New Handbook for standardized measurment of plant functional traits worldwide. **Australian Journal of Botany**, v. 61, n. 34, p. 167–234, 2013.

PICKETT, A. S. T. A.; KOLASA, J.; ARMESTO, J. J.; COLLINS, S. L. The ecological concept of disturbance and its expression at various hierarchical levels. **Oikos**, v. 54, n. 2, p. 129–136, 1989.

PINHO, B. X.; TABARELLI, M.; ENGELBRECHT, B. M. J.; SFAIR, J.; MELO, F. P. L. Plant functional assembly is mediated by rainfall and soil conditions in a seasonally dry tropical forest. **Basic and Applied Ecology**, v. 40, p. 1–11, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.baae.2019.08.002>.

PIPER, F. I. Drought induces opposite changes in the concentration of non-structural carbohydrates of two evergreen Nothofagus species of differential drought resistance. **Annals of Forest Science**, v. 68, n. 2, p. 415–424, 2011.

POORTER, L.; BONGERS, F.; AIDE, T. M.; ZAMBRANO, A. M. A. Biomass resilience of Neotropical secondary forests. **Nature**, v. 530, p. 211–214, 2016.

POORTER, L.; KITAJIMA, K.; MERCADO, P.; CHUBIÑA, J.; MELGAR, I.; PRINS, H. H. T. Resprouting as a persistence strategy of tropical forest trees: Relations with carbohydrate storage and shade tolerance. **Ecology**, v. 91, n. 9, p. 2613–2627, 2010.

PORTILLO-QUINTERO, C.; SANCHEZ-AZOFEIFA, A.; CALVO-ALVARADO, J.; QUESADA, M.; DO ESPIRITO SANTO, M. M. The role of tropical dry forests for biodiversity, carbon and water conservation in the neotropics: lessons learned and opportunities for its sustainable management. **Regional Environmental Change**, v. 15, n. 6, p. 1039–1049, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s10113-014-0689-6>.

PRATT, R. B.; JACOBSEN, A. L.; RAMIREZ, A. R.; HELMS, A. M.; TRAUGH, C. A.; TOBIN, M. F.; HEFFNER, M. S.; DAVIS, S. D. Mortality of resprouting chaparral shrubs after a fire and during a record drought: Physiological mechanisms and demographic consequences. **Global Change Biology**, v. 20, n. 3, p. 893–907, 2014.

PULLA, S.; RAMASWAMI, G.; MONDAL, N.; CHITRA-TARAK, R.; SURESH, H. S.; DATTARAJA, H. S.; VIVEK, P.; PARTHASARATHY, N.; RAMESH, B. R.; SUKUMAR, R. Assessing the resilience of global seasonally dry tropical forests. **International Forestry Review**, v. 17, n. S2, p. 91–113, 2015.

QUEIROZ, L. P. **Pityrocarpa in Flora do Brasil 2020**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB116640>.

RIBEIRO, E. M. S.; ARROYO-RODRÍGUEZ, V.; SANTOS, B. A. ; TABARELLI, M.; LEAL, I. R. ; Chronic anthropogenic disturbance drives the biological impoverishment of the Brazilian Caatinga vegetation. **Journal of Applied Ecology**, v. 52, n. 3, p. 611–620, 2015.

RIBEIRO, E. M. S.; LOHBECK, M.; SANTOS, B. A.; ARROYO-RODRÍGUEZ, V.; TABARELLI, M.; LEAL, I. R. Functional diversity and composition of Caatinga woody flora are negatively impacted by chronic anthropogenic disturbance. **Journal of Ecology**, n. March, p. 2291–2302, 2019.

RITO, K. F.; ARROYO-RODRÍGUEZ, V.; QUEIROZ, R. T.; LEAL, I. R.; TABARELLI, M. Precipitation mediates the effect of human disturbance on the Brazilian Caatinga vegetation. **Journal of Ecology**, v. 105, n. January 2017, p. 1–11, 2017.

RITO, K. F.; TABARELLI, M.; LEAL, I. R. Euphorbiaceae responses to chronic anthropogenic disturbances in Caatinga vegetation: from species proliferation to biotic homogenization. **Plant Ecology**, v. 218, n. 6, p. 749–759, 2017.

SAGAR, R.; RAGHUBANSHI, A. S.; SINGH, J. S. Tree species composition, dispersion and diversity along a disturbance gradient in a dry tropical forest region of India. **Forest Ecology and Management**, v. 186, n. 1–3, p. 61–71, 2003.

SAHA, S.; HOWE, H. F. Species composition and fire in a dry deciduous forest. **Ecology**, v. 84, n. 12, p. 3118–3123, 2003.

SAMPAIO, E. V. S. B.; SALCEDO, I. H.; KAUFFMAN, J. B. Effect of Different Fire Severities on Coppicing of Caatinga Vegetation in Serra Talhada, PE, Brazil. **Biotropica**, v. 25, n. 4, p. 452–460, 1993.

SANTOS, J. Caatinga: the scientific negligence experienced by a dry tropical forest. **Tropical Conservation Science**, v. 4, n. 3, p. 276–286, 2011. Disponível em: <http://tropicalconservationscience.mongabay.com/content/v4/11-09-25_276-286_Santos_et_al.pdf>.

SANTOS, M.; BARROS, V.; LIMA, L.; FROSI, G.; SANTOS, M. G. Whole plant water status and non-structural carbohydrates under progressive drought in a Caatinga deciduous woody species. **Trees - Structure and Function**, v. 35, n. 4, p. 1257–1266, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00468-021-02113-y>.

SCHWILK, D. W.; ACKERLY, D. avid D. Is there a cost to resprouting? Seedling growth rate and drought tolerance in sprouting and nonsprouting Ceanothus (Rhamnaceae). **American Journal of Botany**, v. 92, n. 3, p. 404–410, 2005.

SEVANTO, S.; MCDOWELL, N. G.; DICKMAN, L. T.; PANGLE, R.; POCKMAN, W. T. How do trees die? A test of the hydraulic failure and carbon starvation hypotheses. **Plant, Cell and Environment**, v. 37, n. 1, p. 153–161, 2014.

SFAIR, J. C.; DE BELLO, F.; DE FRANA, T. Q.; BALDAUF, C.; TABARELLI, M. Chronic human disturbance affects plant trait distribution in a seasonally dry tropical forest. **Environmental Research Letters**, v. 13, n. 2, p. 12, 2018.

SHIBATA, R.; KUROKAWA, H.; SHIBATA, M.; TANAKA, H.; IIDA, S.; MASAKI, T.; NAKASHIZUKA, T. Relationships between resprouting ability, species traits and resource allocation patterns in woody species in a temperate forest. **Functional Ecology**, v. 30, n. 7, p. 1205–1215, 2016.

SILVA, J. M. C. da; LEAL, I. R.; TABARELLI, M. **Caatinga: The Largest Tropical Dry Forest Region in South America**. [s.l: s.n.]

SILVA, J. M. C. da; LEAL, I. R.; TABARELLI, M. **Caatinga: The Largest Tropical Dry Forest Region in South America**. [s.l.] Springer International Publishing, 2017b.

SINGH, S. P. Chronic disturbance, a principal cause of environmental degradation in developing countries. **Environmental Conservation**, v. 25, n. 1, 1998. Disponível em: <http://www.journals.cambridge.org/abstract_S0376892998000010>.

SIQUEIRA, F. F. S.; RIBEIRO-NETO, J. D.; TABARELLI, M.; ANDERSEN, A. N.; WIRTH, R.; LEAL, I. R. Leaf-cutting ant populations profit from human disturbances in tropical dry forest in Brazil. **Journal of Tropical Ecology**, v. 33, n. 5, p. 337–344, 2017.

SOBRINHO, M. S.; TABARELLI, M.; MACHADO, I. C.; SFAIR, J. C.; BRUNA, E. M.; LOPES, A. V. Land use, fallow period and the recovery of a Caatinga forest. **Biotropica**, v. 48, n. 5, p. 586–597, 2016.

SOUZA, C. R.; GIANASI, F. M.; MAIA, V. A.; SILVA, A. M. da; SILVA, W. B.; SANTOS, R. M. Different heights of resprouting by trees: Response to small-scale environmental restrictions in a non-fire-prone Caatinga tropical dry forest. **Forest Ecology and Management**, v. 498, 15 out. 2021.

SOUZA, D. G.; SFAIR, J. C.; DE PAULA, A. S.; BARROS, M. F.; RITO, K. F.; TABARELLI, M. Multiple drivers of aboveground biomass in a human-modified landscape of the Caatinga dry forest. **Forest Ecology and Management**, v. 435, n. December 2018, p. 57–65, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.foreco.2018.12.042>.

SPECHT, M. J.; SANTOS, B. A.; MARSHALL, N.; MELO, F. P. L.; LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; BALDAUF, C. Socioeconomic differences among resident, users and neighbour populations of a protected area in the Brazilian dry forest. **Journal of environmental management**, v. 232, p. 607–614, 2019.

SUNDERLAND, T.; APGAUA, D.; BALDAUF, C.; BLACKIE, R.; COLFER, C.; CUNNINGHAM, A. B.; DEXTER, K. Global dry forests : a prologue. **International Forestry Review**, v. 17, n. (S2), p. 1–9, 2015.

TABARELLI, M.; LEAL, I. R.; SCARANO, F. R.; SILVA, J. M. C. da. The Future of the Caatinga. *Em*: TABARELLI, M.; LEAL, I. R.; SILVA, J. M. C. DA. **Caatinga: The largest tropical dry forest region in South America**. Cham, Switzerland: Springer International Publishing, 2017a. p. 487.

TABARELLI, M.; SIQUEIRA, F. F. S.; BACKÉ, J.; WIRTH, R.; LEAL, I. R. Ecology of leaf-cutting ants in human-modified landscapes. *Em*: OLIVEIRA, PAULO S. AND KOPTUR, S. **Ant-Plant Interactions: Impacts of Humans on Terrestrial Ecosystems**. [s.l.] Cambridge University Press, 2017b. p. 73–90.

TEIXEIRA, L. P.; LUGHADHA, E. N.; DA SILVA, M. V. C.; MORO, M. F. How much of the Caatinga is legally protected? An analysis of temporal and geographical coverage of protected areas in the Brazilian semiarid region. **Acta Botanica Brasilica**, v. 35, n. 3, p. 473–485, 2021.

TEKETAY, D. Seed and regeneration ecology in dry Afromontane forests of Ethiopia: I. Seed production - Population structures. **Tropical Ecology**, v. 46, n. 1, p. 29–44, 2005.

TREJO, I.; DIRZO, R. Deforestation of seasonally dry tropical forest: A national and local analysis in Mexico. **Biological Conservation**, v. 94, n. 2, p. 133–142, 2000.

TRINDADE, D. P. F.; SFAIR, J. C.; DE PAULA, A. S.; BARROS, M. F.; TABARELLI, M. Water availability mediates functional shifts across ontogenetic stages in a regenerating seasonally dry tropical forest. **Journal of Vegetation Science**, p. 0–3, 2020.

VAN DER HEYDEN, E.; STOCK, W. D. **Nonstructural carbohydrate allocation following different frequencies of simulated browsing in three semi-arid shrubsOecologia**. [s.l: s.n.].

VANDERLEI, R. S.; BARROS, M. F.; DOMINGOS-MELO, A.; ALVES, G. D.; SILVA, A. B.; TABARELLI, M. Extensive clonal propagation and resprouting drive the regeneration of a Brazilian dry forest. **Journal of Tropical Ecology**, v. 37, n. 1, p. 35–42, 2021.

VANDERLEI, R. S.; BARROS, M. F.; LEAL, I. R.; TABARELLI, M. Impoverished woody seedling assemblages and the regeneration of Caatinga dry forest in a human-modified landscape. **Biotropica**, n. January, p. 670–681, 2022.

VAZ, A. M. S. F. **Bauhinia in Flora do Brasil 2020**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB27754>.

VESK, P. A. ; WARTON, D. I. ;; WESTOBY, M. Sprouting by semi-arid plants: testing a dichotomy and predictive traits. **OIKOS**, v. 107, p. 72–89, 2004.

VESK, P. A.; YEN, J. D. L. Plant resprouting: How many sprouts and how deep? Flexible modelling of multi-species experimental disturbances. **Perspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics**, v. 41, n. November 2018, p. 1–9, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ppees.2019.125497>.

VIEIRA, D. L. M.; SCARIOT, A. Principles of natural regeneration of Tropical Dry Forests for regeneration. **Restoration Ecology**, v. 14, n. 1, p. 11–20, 2006.

VIOLLE, C.; NAVAS, M. L.; VILE, D.; KAZAKOU, E.; FORTUNEL, C.; HUMMEL, I.; GARNIER, E. Let the concept of trait be functional! **Oikos**, v. 116, n. 5, p. 882–892, 2007.

WALCK, J. L.; HIDAYATI, S. N.; DIXON, K. W.; THOMPSON, K.; POSCHLOD, P. Climate change and plant regeneration from seed. **Global Change Biology**, v. 17, n. 6, p. 2145–2161, 2011.

WARE, I. M.; OSTERTAG, R.; CORDELL, S.; GIARDINA, C. P.; SACK, L.; MEDEIROS, C. D.; INMAN, F.; LITTON, C. M.; GIAMBELLUCA, T.; JOHN, G. P.; SCOFFONI, C. Multi-Stemmed Habit in Trees Contributes Climate Resilience in Tropical Dry Forest. **Sustainability (Switzerland)**, v. 14, n. 11, 1 jun. 2022a.

WARE, I. M.; OSTERTAG, R.; CORDELL, S.; GIARDINA, C. P.; SACK, L.; MEDEIROS, C. D.; INMAN, F.; LITTON, C. M.; GIAMBELLUCA, T.; JOHN, G. P.; SCOFFONI, C. Multi-Stemmed Habit in Trees Contributes Climate Resilience in Tropical Dry Forest. **Sustainability (Switzerland)**, v. 14, n. 11, 1 jun. 2022b.

WIENS, D.; CALVIN, C. L.; WILSON, C. A.; DAVERN, C. I.; FRANK, D.; SEAVEY, S. R. Reproductive success, spontaneous embryo abortion, and genetic load in flowering plants. **Oecologia**, v. 71, n. 4, p. 501–509, 1987.

WILLIAMS, K., PERCIVAL, F., MERINO, J., MOONEY, H. A. Estimation of tissue construction cost from heat of combustion and organic nitrogen content. **Plant, Cell and Environment**, v. 10, p. 725–734, 1987.

WÜRTH, M. K. R.; PELÁEZ-RIEDL, S.; WRIGHT, S. J.; KÖRNER, C. Non-structural carbohydrate pools in a tropical forest. **Oecologia**, v. 143, n. 1, p. 11–24, mar. 2005.

ZORGER, B. B.; TABARELLI, M.; QUEIROZ, R. T.; ROSADO, B. H. P.; PINHO, B. X. Functional organization of woody plant assemblages along precipitation and human disturbance gradients in a seasonally dry tropical forest. **Biotropica**, n. October, p. btp.12721, 2019.

ANEXO A – Regras para submissão na revista Applied Vegetation Science

APPLIED VEGETATION SCIENCE
AUTHOR GUIDELINES

Sections

1. Aims and Scope
2. Manuscript Categories
3. Before Submission
4. Preparing the Submission
5. Editorial Policies and Ethical Considerations
6. Author Licensing
7. Publication Process After Acceptance
8. Post Publication
9. Editorial Office Contact Details

10. 1. AIMS AND SCOPE

Applied Vegetation Science publishes studies of plant communities that are relevant for human interaction with vegetation, including topics such as conservation, management and restoration of plant communities and natural habitats, effects of global change on plant communities, and the planning of semi-natural and urban landscapes. The journal also publishes vegetation classification and survey studies of international interest. Papers on plant communities which do not fit to this scope (do not have an applied aspect and are not vegetation classification or survey) should be directed to our associate journal, the *Journal of Vegetation Science*. The journal does not publish articles on the ecology of a single species, except for studies framed in the community context, especially of species that play a key role in structuring plant communities (e.g. stand dominants). Papers based on remote sensing and papers on ecosystem functions of vegetation can be considered if they focus on species or functional diversity or composition of plant communities.

2. MANUSCRIPT CATEGORIES

Article Types

Research Article. This category includes description of vegetation patterns or processes, experiment, simulation, theory, description of a new method, or any combination of those. The length of these papers should be up to 8000 words, including References but excluding electronic Supplementary Information. The submission of longer papers can be accepted on the basis of sound explanation given in the cover letter. Shorter papers can be managed and published faster. Online supplementary files may be used for less essential text, tables or figures.

Synthesis. Reviews of a topic that produce new ideas or conclusions (and are not merely summaries of the previous literature) can be published as Syntheses, which may be longer than Research Articles, but the length must be justified by the content of interest. Authors having ideas for potential Synthesis papers can contact the Chief Editors to discuss the suitability of the topic.

Methodological Article. These papers describe (1) newly developed methods of vegetation sampling or analysis; (2) tests of the performance of traditional or new methods on the basis of case studies with real data or simulations; (3) demonstrations of the applications in vegetation science of methods developed in other fields. The length requirements for this paper type are the same as for Research Articles.

Vegetation Survey. Papers focused on vegetation classification of plant communities based on species composition and surveys of regional diversity of vegetation types, especially in an international context or covering large areas. Vegetation Survey papers may be longer than Research Articles, but the length must be justified by the content of interest.

Forum. Forum papers are essays with original ideas / speculations / well-sustained arguments, with no new data. They usually contribute to free debate of current and sometimes controversial ideas in vegetation science. They may include criticism of papers published in *Applied Vegetation Science*, or (if interesting to our readers) of papers published elsewhere. An abstract is required, but otherwise the sectional format is flexible. The length of the Forum papers is normally up to 4000 words. The submission of longer Forum papers can be accepted on the basis of a sound explanation given in the cover letter. Forum papers, especially short ones, have high priority in publication.

Report. This article type can provide information on new tools, databases, software for vegetation science or research initiatives. The length of the Report papers is up to 3000 words; additional material can be put in electronic appendices. Longer Report papers can be accepted on the basis of a sound explanation given in the cover letter.

Commentary. This article type provides a broader context to a Research Article that has been recently published in the journal. Commentaries are solicited by the journal editors.

3. BEFORE SUBMISSION

Authors should kindly note that submission implies that the content has not been published or submitted for publication elsewhere except as a brief abstract in the proceedings of a scientific meeting or symposium. Prior posting of a manuscript on an online preprint archive is acceptable, as is posting of the preprint on a private website or online publication as a component of a thesis or dissertation. The journal does not consider for publication articles permanently posted in preprint archives associated with specific journals. Before submitting a paper, please read the 'Aims and Scope' and 'Manuscript Acceptance Criteria' sections to find out whether the manuscript is potentially suitable for the journal.

New submissions should be made via the Research Exchange submission portal **https://submission.wiley.com/journal/AVSC**. Should your manuscript proceed to the revision stage, you will be directed to make your revisions via the same submission portal. You may check the status of your submission at anytime by logging on to submission.wiley.com and clicking the “My Submissions” button. For technical help with the submission system, please review our FAQs or contact **submissionhelp@wiley.com**.

If you need help with submissions, please contact Jordan Taylor from the Editorial Office at **JVSAVS@wiley.com**.

Online publication from 2021

Applied Vegetation Science is published in an online-only format effective from the 2021 volume. This is a proactive move towards reducing the environmental impact caused by the production and distribution of printed journal copies and will allow the journal to invest in further innovation, digital development and sustainability measures. All colour images are now published free of charge.

Free Format Submission

Applied Vegetation Science now offers free format submission for a simplified and streamlined submission process.

Before you submit, you will need:

- Your manuscript: this can be a single file including text, figures, and tables, or separate files—whichever you prefer. All required sections should be contained in your manuscript, including Abstract, Introduction, Methods, Results, and Conclusions. Figures and tables should have legends inserted next to them. Lines should be numbered. References may be submitted in any style or format, as long as it is consistent throughout the manuscript. If the manuscript, figures or tables are difficult for you to read, they will also be difficult for the editors and reviewers. If your manuscript is difficult to read, the editorial office may send it back to you for revision.
- Your co-author details, including affiliation and email address.
- An ORCID ID, freely available at https://orcid.org.

If you are invited to revise your manuscript after peer review, the journal will request the revised manuscript to be formatted according to journal requirements as described below.

Once the submission materials have been prepared in accordance with the Author Guidelines, manuscripts should be submitted online at https://submission.wiley.com/journal/AVSC

Click here for more details on how to use the **ScholarOne** manuscript submission system. If you need help with submissions, please contact Jordan Taylor from the Editorial Office at **JVSAVS@wiley.com**.

4. PREPARING THE SUBMISSION

Cover Letter

Cover letter is not mandatory; however, it may be supplied at the author’s discretion.

Manuscript formatting and style

- **Parts of the manuscript.** The manuscript should be submitted in separate files: (1) main text file with embedded figures and tables; (2) supplementary information.

- **Language.** Manuscripts must be written in English (either British or American throughout). They should be concise, because concise papers often make more impact on the reader.
- **Formatting.** AVS has removed most formatting requirements for the initial submission of articles to the journal. Under this scheme, new manuscripts, or manuscripts previously considered by other journals, can be submitted to AVS without excessive formatting/reformatting requirements. As long as manuscripts contain a title, author list and affiliation(s), abstract, introduction, methods, results, discussion, and the list of references, the text is line-numbered, and figure legends are included on the same page as the figure to which they refer, we will be happy to process the submission through our normal procedures, irrespective of exactly how it is formatted. The aim is to allow swift consideration of the work, with only those manuscripts that have to be resubmitted following review needing to be reformatted to AVS style
- **Footnotes.** Footnotes to the text are not allowed and any such material should be incorporated into the text as parenthetical matter.
- **Abbreviations:** In general, terms should not be abbreviated unless they are used repeatedly and the abbreviation is helpful to the reader. Initially, use the word in full, followed by the abbreviation in parentheses. Thereafter use the abbreviation only. Country abbreviations are by two-letter code (but note UK, not GB).
- **Taxon nomenclature.** Refer to a source for unified scientific nomenclature of plant taxa or vegetation units (e.g. standard flora, checklist, vegetation monograph or a well-established online database such as Euro+Med PlantBase or USDA Plants, with accession date) in Methods. Do not use author citation for taxon names in the text unless it is really needed for disambiguation.
- **Common plant names.** Use scientific (not English) taxon names throughout the paper. Exceptions are the well-known names of species that constitute dominants of the studied vegetation types, provided they are often mentioned in the text (e.g. oak, black spruce). Also for these species, scientific name has to be given on the first mention.
- **Units of measurement.** Measurements should be given in SI or SI-derived units,g. $mg.m^{-2}.yr^{-1}$. The time unit for contemporary phenomena can be 's', 'min', 'hr', 'week', 'mo' or 'yr'. For palaeo-time use 'ka' or 'Ma'; make always clear whether ^{14}C years or calendar (calibrated) years BP (before present) are used. Dates should be in the format: 2 Sep 2017, i.e. with the month as three letters. Months on their own should be in full: September.
- **Numbers.** Numbers in the text of up to ten (integers) should be spelt out, e.g. ‘ten quadrats’, ‘five sampling times’; above ten in digits, e.g. ‘11 sampling times’. Exceptions are measurements with a unit (8 g); age (6 weeks old), or lists with numbers higher than ten (11 oaks, 9 birches, 4 poplars). Use '.' for a decimal point. Thousands in large numbers (10 000 and higher) should be indicated by a space, e.g. 10 000, but 2000.
- **Symbols.** Symbols for variables and parameters should be in italics (e.g. p for probability).

Main Text File

Manuscripts can be uploaded either as a single document (containing the main text, tables and figures), or with figures and tables provided as separate files. Should your manuscript reach revision stage, figures and tables must be provided as separate files. The main manuscript file can be submitted in Microsoft Word (.doc or .docx) or LaTex (.tex) format.

If submitting your manuscript file in LaTex format via Research Exchange, select the file designation “Main Document – LaTeX .tex File” on upload. When submitting a Latex Main Document, you must also provide a PDF version of the manuscript for Peer Review. Please upload this file as “Main Document - LaTeX PDF.” All supporting files that are referred to in the Latex Main Document should be uploaded as a “LaTeX Supplementary File.”

The information in the main text file should be presented in the following order:

1. Title;
2. A short running title of less than 40 characters;
3. The full names of the authors, possibly with ORCID codes;
4. The author's institutional affiliations;
5. Funding information
6. Abstract and keywords;
7. Main text;
8. Acknowledgements;
9. Author contributions (optional);
10. Data availability statement;
11. References;
12. Tables with legends;
13. Figures with legends;
14. Appendices (only for mathematical formulas or descriptions of new syntaxa; any other appendices should be in electronic Supplementary Information).

Title

The title should be short and informative, containing major key words related to the content. The title should not contain abbreviations and author names for scientific names of organisms. Use words rather than symbols in the Title (and also in Abstract and Keywords), e.g. 'beta' rather than 'β', in order to ensure correct transfer to bibliographic databases.

The author's institutional affiliations

Follows the current format of the journal, e.g.:

Peter B. Bush[1], George Smith[2], E. Fred Wang[2]
[1]Department of Ecology, University of the South, Southend-on-Sea, UK
[2]Botany Department, Little Marsh University, Little Marsh, CA, USA
Correspondence

Fred Wang, Botany Department, Little Marsh University, Little Marsh, CA, USA.

Email: wang@little-marsh.edu

Funding information

Provide funding information as a separate section to be placed in the left column on the first page of the article. Indicate the names of the funding sources, each followed by brackets with grant codes and, if necessary, with initials of the author who received this particular funding. Do not mention funding information in the Acknowledgements section.

Abstract

The Abstract of a Research Article should be divided into the following named sections: 'Questions', 'Location', 'Methods', 'Results', and 'Conclusions'. The first section should also briefly explain the context and motivation of the study, before stating the questions; alternatively, this section can be called 'Aims' if it is not appropriate to start the Abstract with questions (e.g. in papers presenting new methods). Section titles in singular ('Question', 'Aim') can be used if appropriate. The 'Location' section is not used in studies unrelated to a specific area. The 'Methods' section can be omitted in Synthesis papers. The article types Forum, Report and Commentary use shorter abstracts not divided into sections. The Abstract length should not exceed 300 words for Research Article, Synthesis and Methodological Article papers, 200 words for Forum and Report papers, and 60 words for Commentary papers. If possible, avoid using abbreviations in the Abstract. Do not use references (except for Commentary papers) and authors of scientific names of organisms in the Abstract.

Keywords

There should be 8–10 keywords, separated by commas. Keywords may be keyword phrases rather than just single words. To optimize the article for search engines, the Keywords section may repeat the most important words from the title (see Wiley's **best practice SEO tips**).

Main Text

The main text is typically divided into Introduction, Methods, Results, Discussion and (optionally) Conclusions. Methods, Results and Discussion can be further divided into subsections. Introduction should provide the broader context of the current study, briefly describe current state of knowledge, explain why the topic of the paper is important or interesting, and end with questions, hypotheses or a clear statement of the paper's aims.

Acknowledgements

Contributions from anyone who is not an author of the paper should be mentioned, with permission from the contributor. Financial and material support should be mentioned here only if more details are needed than in the brief format used in the Funding section. Thanks to anonymous reviewers should be avoided.

Author contributions

In multi-author papers, the authors are encouraged to specify contributions of individual authors in a concise statement, e.g.: A.B. conceived of the research idea; C.D. and E.F. collected data; A.B. and G.H. performed statistical analyses; A.B., with contributions from C.D. and G.H., wrote the paper; all authors discussed the results and commented on the manuscript.

Data availability statement

This journal mandates data sharing for all article types, except for Forum papers and Editorials. Review **Wiley's Data Sharing policy** where you will be able to see and select the data availability statement that is right for your submission. Whenever possible, the scripts and other artefacts used to generate the analyses presented in the paper should also be publicly archived. If the article uses data from large multi-contributor databases such as sPlot, EVA or TRY, which cannot be made publicly available because of third-party restrictions, the data selection released for the study should be stored in an internal repository of the source database, and made available for re-analyses upon request; in such a case the author should refer to the project code or name used in the internal repository.

References

References should follow the Harvard referencing style.

In-text citations should follow the author-date method. One work by one author should be cited as:

In a previous study (Smith, 1990), vegetation was sampled...

In the study by Smith (1990), vegetation was sampled...

When a work has two authors, cite both names each time you reference the work in the text. For example:

In a previous study (Bond & Keely, 2005), vegetation was sampled…

In a study by Bond and Keely (2005), vegetation was sampled…

When a work has three or more authors include only the first author followed by et al. For example:

Masserton et al. (1989) state that...

For works by the same author written in the same year, use a lowercase letter after the year to distinguish them:

Jones (2019a; 2019b) reports that…

Unpublished sources should be indicated as 'unpubl.' or 'pers. comm.' (the latter with the date and description of the type of knowledge, e.g. 'local farmer'). Submitted papers may be cited only if they are in some journal's editorial process, and the reference will have to be removed if the item has not been published (at least in early online view) by that journal by the time proofs are corrected for the citing paper.

The References section should provide a complete reference list ordered alphabetically by name at the end of the paper. For references with up to seven authors, all authors are listed. If there are eight or more authors, only the first six are listed followed by et al. Always give the full name of the journals. A DOI should be provided for all references where available.

Reference examples follow:

Journal article

- Wilson, J.B., Sykes, M.T. & Peet, R.K. (1995) Time and space in the community structure of a species-rich limestone grassland. *Applied Vegetation Science*, 6, 729–740. https://doi.org/10.2307/3236444

Book

- van der Maarel, E. & Franklin, J. (Eds) (2013) *Vegetation Ecology*, 2nd edition. Chichester: Wiley-Blackwell.

Book chapter

- Peet, R.K. (2000) Forests and meadows of the Rocky Mountains. In: Barbour, M.G. & Billings, W.D. (Eds), *North American Terrestrial Vegetation*, 2nd edition. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 75–122.

Internet document

- Oksanen, J., Blanchet F. G., Friendly, M., Kindt, R., Legendre, P., McGlinn, D. et al. (2017) *Vegan: community ecology package. Version 2.4-5*. Available at https://cran.r-project.org/web/packages/vegan/index.html [Accessed 21 January 2018]
- Euro+Med (2019) *Euro+Med PlantBase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. Available at http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/query.asp [Accessed 31 March 2019]

References in languages other than English

Book titles and article titles should be translated into English, with the original language noted in parentheses afterwards. Titles of journals should remain in the original language. If the title of a journal is in a language that does not use the Latin alphabet, the journal title should be transliterated into Latin characters.

Examples:

- Mucina, L. (1985) To use or not to use Ellenberg's indicator values? (Slovak). *Biológia*, 40, 511–516.
- Kholod, S.S. (2007) Classification of Wrangel Island vegetation (Russian). *Rastitel'nost' Rossii*, 11, 3–15.

Tables

Tables should be self-contained and complement, not duplicate, information contained in the text or figures. They should be supplied in editable format embedded in the main text file, not pasted as images. Please avoid using vertical lines in the tables. If some part of the table needs to be highlighted (e.g. groups of important species), use background shading (not framing or boldface). For large tables with many empty cells, fill the empty cells with dots to facilitate reading.

The legend of each table should be above the table on the same page. Legends should be concise but comprehensive – the table, legend, and footnotes must be understandable without reference to the text. The first sentence of the legend should comprise a short title for the table. Units should appear in parentheses in the column headings, not in the body of the table.

Figures

Figures in the submitted manuscript should be embedded in the main text file and supplied at the size at which they are intended to be published: either one-column or full-page width, with all details readable at this size. Any unnecessary lines (e.g. frames around the graph) should be avoided.

The definitions of symbols and lines should be given as a visual key on the figure itself, not as a word key (e.g. 'solid bars', 'open circle', 'dashed line') in the legend. Sub-graphs within one figure should be headed with a lowercase letter and a brief heading. Wherever space allows, full labels instead of abbreviations should be used in the figures; otherwise abbreviations should be explained in the caption. Sans-serif fonts should be used in figures. Scale bars should be given on maps and microphotographs.

As the journal is published online-only, no fees for colour print apply. The authors are encouraged to prepare colour version of figures wherever it is suitable, either for improving the clarity of the message or for aesthetic reasons.

Figure legends should be included within the manuscript text file on the same page as the figure to which they refer, to ease the reading by editors and referees. The legend should contain sufficient information for the figure to be understood without reference to the text of the paper. The first sentence of the legend should comprise a short title for the figure.

The resolution and visual clarity of the images submitted for final publication should be high to achieve best result in the electronic version of the article. **Click here** for the post-acceptance figure requirements.

Boxes

Boxes should be used for information that is important to the article but that does not fit within the main text, e.g. definitions of basic concepts. They should be cited in the text in the same way as a table or figure. In the submitted manuscript, boxes should be embedded within the Word file, at the end of the document along with any tables and figures. Boxes should have short titles and the text they contain can be written either in paragraphs or as bullet points. They should contain a maximum of 500 words.

Appendices in the main text

These appendices can only be used for more extensive materials containing mathematical formulas or for descriptions of new syntaxa following the International Code of Phytosociological Nomenclature. Appendices have to be referred to in the text. Any other appendices should be included in electronic Supporting Information.

Supporting Information

Supporting Information is information that is not essential to the article, but provides greater depth and background. It is hosted online and appears without editing or typesetting. It may include tables, figures, extra photographs, datasets, calculation examples, computer program source codes, etc. This material will not appear with the main text, but will be freely available in the Wiley Online Library. **Click here** for Wiley’s FAQs on supporting information.

Individual items of Supporting Information (electronic appendices) are called Appendix S1, Appendix S2 and all of them must be referred from the main text. Each electronic appendix should start with a reference to the original paper, followed by a detailed appendix caption, for example:

Supporting Information to the paper Smith, W. R. Assembly rules in a tropical rain forest of central Amazonia. *Journal of Vegetation Science*.

Appendix S1. A list of palm species recorded in the study area.

All PDF files in electronic appendices should, so far as is practicable, should be prepared in a similar style to the PDF documents of the journal, using similar font types and sizes. Please use our Microsoft Word template file for **electronic appendices**.

Electronic appendices with written text and short tables should be in PDF. Large tables of raw data that the reader might wish to use, as well as computer program codes, should be in plain text (TXT or CSV) format. Figures and photographs should be embedded in PDF files including captions. Groups of related items (e.g. a set of tables, figures or photographs) should be included in a single appendix.

A list of all appendices with shortened captions must be provided at the end of the paper (after the References section), e.g. 'Appendix 2. Photographs of the main types of deciduous forest in the study area'. These shortened captions should not include detailed technical explanations, which should only appear in the captions within electronic appendices.

Supplementary Information should be submitted for review with the first version of the manuscript, but uploaded as a separate file.

Graphical Table of Contents

The journal's table of contents will be presented in graphical form with a brief abstract. The table of contents entry must include the article title, the authors' names (with the corresponding author indicated by an asterisk), no more than 80 words or three sentences of text summarizing the key findings presented in the paper and a figure that best represents the scope of the paper. Table of contents entries should be submitted to Scholar One in one of the generic file formats and uploaded as 'Supplementary material for review' with the first revision of the paper (they do not need to be included in the first submission of the manuscript). The image supplied should fit within the dimensions of 50mm x 60mm, and be fully legible at this size.

Special guidelines for Vegetation Survey papers

In the section Vegetation Survey, *Applied Vegetation Science* publishes, inter alia, papers on vegetation classification of plant communities based on species composition. For inclusion, such papers should be of general interest to the journal's international readership. They should:

- contain a synthetic, comparative treatment of the selected vegetation type over a large area, based on a large comprehensive data set (international studies are particularly welcome), or
- describe vegetation which is unique for biogeographical reasons, or has a particularly interesting ecology, and has been hardly ever described before, or
- apply a new method of data analysis, or evaluate the performance of such a method, or compare different methods or approaches, or
- describe new applications of vegetation classification, e. g., for conservation management and other applied approaches.

Methodological approach. Vegetation classification studies should clearly delimit the target vegetation type, describe the methods of data sampling, or data selection from databases, and formally describe each step of the classification process, in order to make the process of sampling (or data compilation) and classification repeatable by other researchers. If classification is based on expert judgement, unequivocal a posteriori criteria for assignment of vegetation samples to community types must be given.

Data presentation. Plant community types described in the vegetation classification papers should be documented by comparative tables with species abundance or frequency data and relevant environmental variables, provided in electronic appendices. The printed version of the papers should only contain summarized versions of them, e.g. graphs or shortened versions of the most important tables of species composition. Printed tables should normally occupy up to two printed pages, possibly three pages if there are many vegetation types or very species-rich vegetation types. Tables with species constancy (frequency) should contain percentages (not constancy classes). Species in these tables should be sorted to indicate the floristic differentiation of community types. Differentiation criteria and thresholds used for structuring the tables and defining diagnostic/character/differential/indicator species should be formally described and strictly followed. Textual description of community types should be as concise as possible and should not repeat information contained in the tables.

Photographs. Vegetation classification papers may also contain photographs of representative stands for particular community types dealt with, arranged as plates with multiple panels, typically one panel for each community type. One journal page with photographs of vegetation types can be included in the printed version; more photographs can be included free of charge in electronic appendices.

Nomenclature of community types. Nomenclature of community types should be internally consistent, typically following regional tradition. If the formal nomenclature of the Braun-Blanquet approach is used, the rules of the current version of the International Code of Phytosociological Nomenclature should be adhered to. If new syntaxa are published according to the Code, nomenclature types should be included in a printed appendix. (Purely nomenclatural papers do not fall within the scope of the journal.)

Wiley Author Resources

Article Preparation Support:

Wiley Editing Services offers expert help with English Language Editing, as well as translation, manuscript formatting, figure illustration, figure formatting, and graphical abstract design – so you can submit your manuscript with confidence. Also, check out our resources for **Preparing Your Article** for general guidance about writing and preparing your manuscript, including Wiley's best practice tips on **Writing for Search Engine Optimization**.

Video Abstracts

A video abstract can be a quick way to make the message of your research accessible to a much larger audience. Wiley and its partner Research Square offer a service of professionally produced video abstracts, available to authors of articles accepted in this journal. You can learn more about this paid service by **clicking here**. If you have any questions, please direct them to videoabstracts@wiley.com.

Please note

Applied Vegetation Science works together with Wiley's Open Access journals *Ecology and Evolution* and *Plant-Environment Interactions* to enable rapid publication of good quality research that is unable to be accepted for publication by our journal. Authors may be offered the option of having the paper, along with any related peer reviews, automatically transferred for consideration by the Editors of *Ecology and Evolution* or *Plant-Environment Interactions*. Authors will not need to reformat or rewrite their manuscript at this stage, and publication decisions will be made a short time after the transfer takes place. The Editors of *Ecology and Evolution* or *Plant-Environment Interactions* will accept submissions that report well-conducted research which reaches the standard acceptable for publication. Article publication fees apply for *Ecology and Evolution* and *Plant-Environment Interactions*. For more information on this journal's APCs, please see the **Open Access page.**

5. EDITORIAL POLICIES AND ETHICAL CONSIDERATIONS

Manuscript Acceptance Criteria

The acceptance criteria for all papers are the quality and originality of the research and its significance to journal readers. To be acceptable, a paper must be of interest to an international readership, even if its immediate scope is local. A paper can be interesting by doing one or more of the following things:

- Developing new concepts in understanding vegetation;
- Testing concepts applicable to all plant communities;
- Adding a particularly well-executed empirical example that is part of a growing literature on a general conceptual issue;
- Representing a particularly interesting combination of models, observational data and experiments;
- Demonstrating a new and generally useful method;
- Presenting a particularly exemplary or thorough analysis, even if the concepts and methods are not novel, so long as it represents the state of the art in methods and presents a critical and definitive test for an interesting hypothesis.

Peer Review

The journal uses a single-blind peer review procedure. Papers will only be sent to review if the Chief Editor determines that the paper is within the scope of the journal (e.g. it deals with plant communities or multispecies plant assemblages, not with single species) and meets the appropriate quality and relevance requirements. If so, one of the Associate Editors will be selected as Co-ordinating Editor to consider the submitted manuscript further, invite referees if appropriate, and make final decision on acceptance. If your paper is not assigned to a Co-ordinating Editor, you will be advised by email, usually within five days of submission. Wiley's policy on the confidentiality of the review process is **available here**.

Conflict of Interest

Authors will be asked to provide a conflict of interest statement during the submission process. Submitting authors should ensure they liaise with all co-authors to confirm agreement with the final statement. Any interest or relationship, financial or otherwise that might be perceived as influencing an author's objectivity is considered a potential source of conflict of interest. These must be disclosed when directly relevant or directly related to the work that the authors describe in their manuscript. Potential sources of conflict of interest include, but are not limited to: patent or stock ownership, membership of a company board of directors, membership of an advisory board or committee for a company, and consultancy for or receipt of speaker's fees from a company. The existence of a conflict of interest does not preclude publication. If the authors have no conflict of interest to declare, they must also state this at submission. It is the responsibility of the corresponding author to review this policy with all authors and collectively to disclose with the submission ALL pertinent commercial and other relationships.

Funding

Authors should list all funding sources in the Funding section. Authors are responsible for the accuracy of their funder designation. If in doubt, please check the Open Funder Registry for the correct nomenclature: **https://www.crossref.org/services/funder-registry/**

Authorship

The list of authors should accurately illustrate who contributed to the work and how. All those listed as authors should qualify for authorship according to the following criteria:

1. Have made substantial contributions to conception and design, or acquisition of data, or analysis and interpretation of data; and
2. Been involved in drafting the manuscript or revising it critically for important intellectual content; and
3. Given final approval of the version to be published; and
4. Have participated sufficiently in the work to take public responsibility for appropriate portions of the content; and
5. Agreed to be accountable for all aspects of the work in ensuring that questions related to the accuracy or integrity of any part of the work are appropriately investigated and resolved.

Contributions from anyone who does not meet the criteria for authorship should be listed, with permission from the contributor, in the Acknowledgements section (for example, to recognize contributions from people who provided technical help, collation of data, writing assistance, acquisition of funding, or a department chairperson who provided general support). Prior to submitting the article all authors should agree on the order in which their names will be listed in the manuscript.

Wiley’s Author Name Change Policy

In cases where authors wish to change their name following publication, Wiley will update and republish the paper and redeliver the updated metadata to indexing services. Our editorial and production teams will use discretion in recognizing that name changes may be of a sensitive and private nature for various reasons including (but not limited to) alignment with gender identity, or as a result of marriage, divorce, or religious conversion. Accordingly, to protect the author’s privacy, we will not publish a correction notice to the paper, and we will not notify co-authors of the change. Authors should contact the journal’s Editorial Office with their name change request.

Journal's policy on criticism

If a paper (Forum or otherwise) has a major element criticizing a particular paper or body of work of (an)other scientist(s), the latter will be invited to comment on the manuscript (doing this does not prevent the criticized scientist(s) from writing a reply). However, those comments will be taken in context, and in addition there will be one or two referees who are outside the controversy. The author who has been criticized will be offered a right to publish a reply at the same time as the criticizing paper, so long as the reply is received before an indicated deadline, typically four weeks from acceptance of the criticism, especially since the criticized author will already have seen the criticism. The reply will be refereed. It will be sent to the author of the original criticism, to check there is nothing unreasonable or offensive. The criticizing authors have no automatic right of further responses, but the editor may allow this. The sequence will normally finish with the author(s) of the originally criticized paper, or when the participant next due to submit does not do so, or submits a paper that says nothing that is both new and valid as judged by referees. Such further responses will normally be published later. The editor will ensure that the process is fair to all concerned, and that the readers of the journal can evaluate both sides and make their own decision.

Errata

An author may of their own initiative submit an erratum note for an error in his/her paper previously published in *Applied Vegetation Science* that is likely to mislead readers. If a paper is submitted that contains only a correction for a simple error in a paper published by another author, but one that is likely to mislead readers, though it does not appear to affect the results (e.g. it is an error in a formula but the correct formula was used in the original calculations), the original author will be offered the opportunity to submit an erratum with an acknowledgement to the author who pointed it out. This erratum will be published in place of the submitted critical paper.

Publication Ethics

This journal is a member of the **Committee on Publication Ethics (COPE)**. Note this journal uses iThenticate's CrossCheck software to detect instances of overlapping and similar text in submitted manuscripts. Read Wiley's Top 10 Publishing Ethics Tips for Authors **here**. Wiley's Publication Ethics Guidelines can be found **here**.

ORCID

As part of the journal's commitment to supporting authors at every step of the publishing process, the journal requires the submitting author (only) to provide an ORCID ID when submitting a manuscript. This takes around 2 minutes to complete. Other authors are encouraged (but not required) to provide their ORCID IDs. **Find more information here.**

6. AUTHOR LICENSING

You may choose to publish under the terms of the journal's standard copyright agreement, or Open Access under the terms of a Creative Commons License.

Standard **re-use and licensing rights** vary by journal. Note that **certain funders** mandate a particular type of CC license be used. This journal uses the CC-BY **Creative Commons License**.

Self-Archiving Definitions and Policies: Note that the journal's standard copyright agreement allows for **self-archiving** of different versions of the article under specific conditions.

Open Access fees**:** Authors who choose to publish using Open Access will be charged a fee. For more information on this journal's APCs, please see the **Open Access page.**

Funder Open Access**:** Please click **here** for more information on Wiley's compliance with specific Funder Open Access Policies.

7. PUBLICATION PROCESS AFTER ACCEPTANCE

Accepted Article Received in Production

When an accepted article is received by Wiley's production team, the corresponding author will receive an email asking them to login or register with **Wiley Author Services**. The author will be asked to sign a publication license at this point.

Accepted Articles

The journal offers Wiley's Accepted Articles service for all manuscripts. This service ensures that accepted manuscripts are published online shortly after acceptance, prior to copy-editing or typesetting. Accepted Articles are published online a few days after final acceptance, appear in PDF format only, and are given a Digital Object Identifier (DOI), which allows them to be cited and tracked. After publication of the final version article (the article of record), the DOI remains valid and can still be used to cite and access the article.

Proofs

Once the paper is typeset, the author will receive an email notification with full instructions on how to provide proof corrections. Please note that the author is responsible for all statements made in their work, including changes made during the editorial process – authors should check proofs carefully. Note that proofs should be returned within 48 hours from receipt of first proof.

Timeline

Starting in 2021, *Applied Vegetation Science* will publish as a continuous publication title, meaning the version of record for each paper will be published online as soon proofing is complete.

8. POST PUBLICATION

Access and Sharing

When the article is published online:

- The author receives an email alert (if requested).
- The link to the published article can be shared through social media.
- The author will have free access to the paper (after accepting the Terms & Conditions of use, they can view the article).
- For non-open access articles, the corresponding author and co-authors can nominate up to ten colleagues to receive a publication alert and free online access to the article.

Write a post to the VegSci Blog

Upon acceptance of the manuscript, authors are invited to write a post to the official blog of the IAVS journals (https://vegsciblog.org/). Authors can choose between writing a short Plain Language Summary, longer Behind the Paper, or preparing audiovisual Video Summary (details and guidelines are at **https://vegsciblog.org/contribution-types/**). Posts prepared according to the guidelines should be submitted to blog editors at **editor@vegsciblog.org**. All posts undergo simple editing process and are posted online as soon as the paper appears online. We encourage authors to consider this option since blog posts represent an effective additional way of promoting and disseminating the published research.

Article Promotion Support

Wiley Editing Services offers professional video, design, and writing services to create shareable video abstracts, infographics, conference posters, lay summaries, and research news stories for your research – so you can help your research get the attention it deserves.

Measuring the Impact of an Article

Wiley also helps authors measure the impact of their research through specialist partnerships with **Kudos** and **Altmetric**.

Subscriptions

Please consider taking a subscription to *Applied Vegetation Science* and/or *Journal of Vegetation Science*: they carry important papers in your field. Subscriptions help us to avoid charges. The personal subscription rates are very reasonable and include membership of International Association for Vegetation Science (IAVS). For those in the developing world, assistance may be available through the IAVS: contact the Secretary (Secretary@iavs.org).